

S **emana**

REVISTA DA



Nº 31 — 2 de agosto 58 — Cr\$ 10,00

**A SEMANA DO
SWEEPSTAKE**

**A RESPOSTA DE
LONG BEACH**



**RIO
CAPITAL DE
PARLAMENTARES**

**TIO SAM
SALTA
NO LÍBANO**



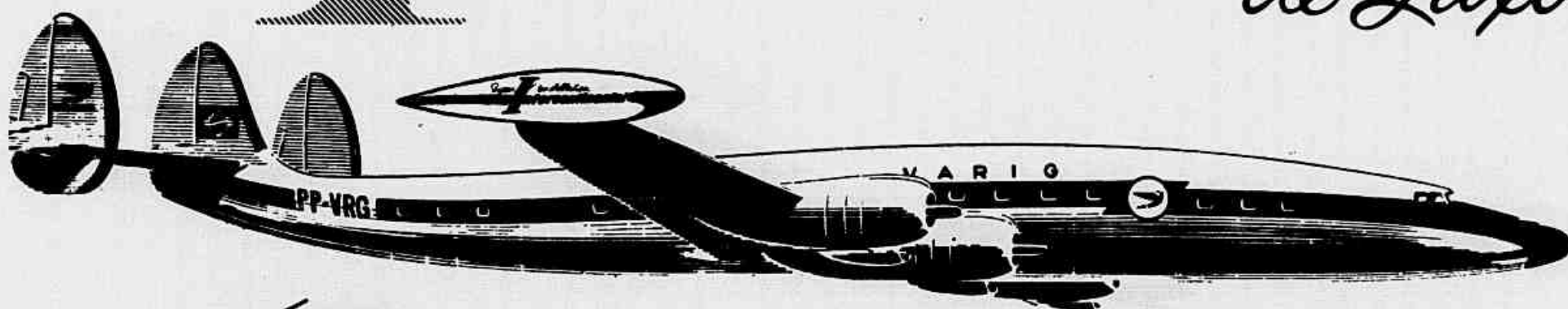
Rio

Trinidad

N. York

no ultra confortável

Super Constellation Intercontinental de Luxo



Agora, duas vezes por semana a VARIG realiza vôos ainda mais rápidos a Nova York, com uma escala apenas, Port Of Spain... em seus novos Super Constellation Intercontinental de Luxo... com radar, leitos confortáveis, poltronas espaçosas e um esmerado tratamento a bordo.

* Também dois vôos semanais a Nova York via Belém e Ciudad Trujillo. Em ambas as rotas, acomodações e tarifas de Primeira Classe e tarifas econômicas na Classe Turista.

VARIG

O MELHOR SERVIÇO PARA NOVA YORK

Consulte seu agente de turismo ou as agências da Varig sobre os novos planos de financiamento da sua viagem ao exterior.

LEIA:

A CAPA

Lara Baido (Ektachrome George Gafner) 59

REPORTAGENS

O Brasil, Vice de Beleza 5

O Derby e outros Páreos internacionais 8

No Líbano, U. S. A. disseram «Niet» 15

Lialia voltou para a URSS sem papagaio 19

Divórcio, tragédia necessária 23

Légui ainda corre pra cabeça 33

Vamos acertar o dicionário? 46

Parlamentares do Mundo marcam encontro 62

CINEMA

Valerie 11

A propósito de idades, por exemplo 55

MODAS

Para sua elegância 37

SOCIAIS

As verdades de Mariazinha Maranguape 39

CONTO

As Rosas 50

NOVELA POLICIAL

O Mistério do Arayado 50

POLITICA

Trapézio 61

SECCOES

A Revista há 50 anos 17

Encontro com Chuck 27

Literatura e Artes 30

Humor 58

CRÔNICA

O Menino e o Espelho 3

As Ligações Perigosas 66

Diretor-Presidente: Gratuliano Brito. Diretor-Comercial: Joffre Amado. Diretor-Secretário: Aluizio Alves — Rua Visconde de Maranguape nº 15, Rio. Endereço Telegráfico: «Revistas». Telefones: Diretoria — 22-2622; Redação — 22-9570 e 22-4447; Publicidade e Contabilidade — 22-2550; Gerência — 22-8647; Oficinas — 22-1013; Portaria — 22-5602. — Assinatura anual — Cr\$ 500,00. Via aérea com acréscimo do porte. Assinatura anual para o exterior. Cr\$ 900,00. Número avulso, Cr\$ 10,00 — Distribuição para todo o Brasil: Fernando Chingaglia Distribuidora S. A. — Avenida Presidente Vargas nº 502 — 19º andar. Telefones: 43-6097 e 32-3575. Rio de Janeiro.

O MENINO E O ESPELHO

CRÔNICA DE GUIMA

ERA UMA VEZ um menino, que tinha o hábito de mirar-se em um espelho que falava :

— Você é um menino bom, inteligente, simpático... bonito mesmo... Vá em frente, que o mundo é seu...

O menino ficava contente e saía valsando :

*Não poderei viver
Sem a tua, sem a tua,
Sem a tua companhia...*

Animado pelo espelho, o menino trabalhou, estudou, formou-se. Venceu, realmente. E um dia, foi indicado para dono da sua cidade.

O espelho, sempre entusiasmado :

— Vá em frente... Vá em frente...

DONO DA CIDADE, o menino sonhou em ser dono do seu Estado. O que conseguiu, de fato, apontado pela grande maioria dos companheiros.

E os sonhos cresceram em vôo mais alto, sempre sob a inspiração do espelho :

— Vá em frente... Vá em frente...

ISTO É: o menino passou a pensar em ser dono do seu país. Acontecia, porém, que um grupo de outros meninos ameaçava brincar de golpes e contra-golpes, dificultando os projetos do nosso herói.

Mas o espelho estava alerta :

— Vá em frente... Sei que você irá correr um risco enorme, terá que deixar a posição de dono do Estado e sofrerá muitos aborrecimentos... Não tenha receio, entretanto... Vá em frente...

O menino animou-se, pôs-se em campo e venceu novamente, tornando-se o dono do seu país.

E o espelho ordenou :

— Antes de tomar posse, faça-se reconhecer pelo mundo lá fora... Vá, em pessoa... Vá em frente...

O menino obedeceu, tomou o avião e viajou por outras terras, ouviu outras línguas, trocou cumprimentos com reis e governantes.

O MENINO já era dono do seu país, estava empenhado em cumprir o seu programa, do qual constava a construção da nova e grande capital, quando o espelho o chamou :

— Vá em frente... Você tem que ser o dono do continente...

E o menino passou a falar mais grosso, com os olhos adiante...

SUCEDEU, entretanto, que um menino vizinho andou mais rápido e conseguiu os milhões tão necessários a qualquer menino. O nosso herói, ao sabê-lo (bem no momento em que condecorava os melhores do rádio de 57), correu a seu quarto, a fim de interpelar o espelho. Que estava rachado, porém. E nunca mais falou...

COLÔMBIA :

Luz Marina

ganhou na estréia.





COLOMBO: Adalgisa confirma, o vice é nosso.

**O BRASIL, VICE DE BELEZA,
MAIS UMA VEZ
A COLÔMBIA ESTREOU GANHANDO**

Long-Beach — Via Varig.

COM A CHEGADA das misses, Long Beach perde aquela tranqüillidade que a caracteriza nos dias comuns, e o Lafayette Hotel (principalmente, por ser o Quartel-General do concurso), enche-se de jornalistas, acompanhantes das candidatas e de turistas. O concurso foi praticamente iniciado quinta-feira (17) com a chegada das jovens ao Aeroporto Municipal de Long Beach, cada uma delas, vestindo o traje típico de sua terra. E não faltaram também algumas das misses dos anos anteriores, naturalmente curiosas em conhecer as suas sucessoras.

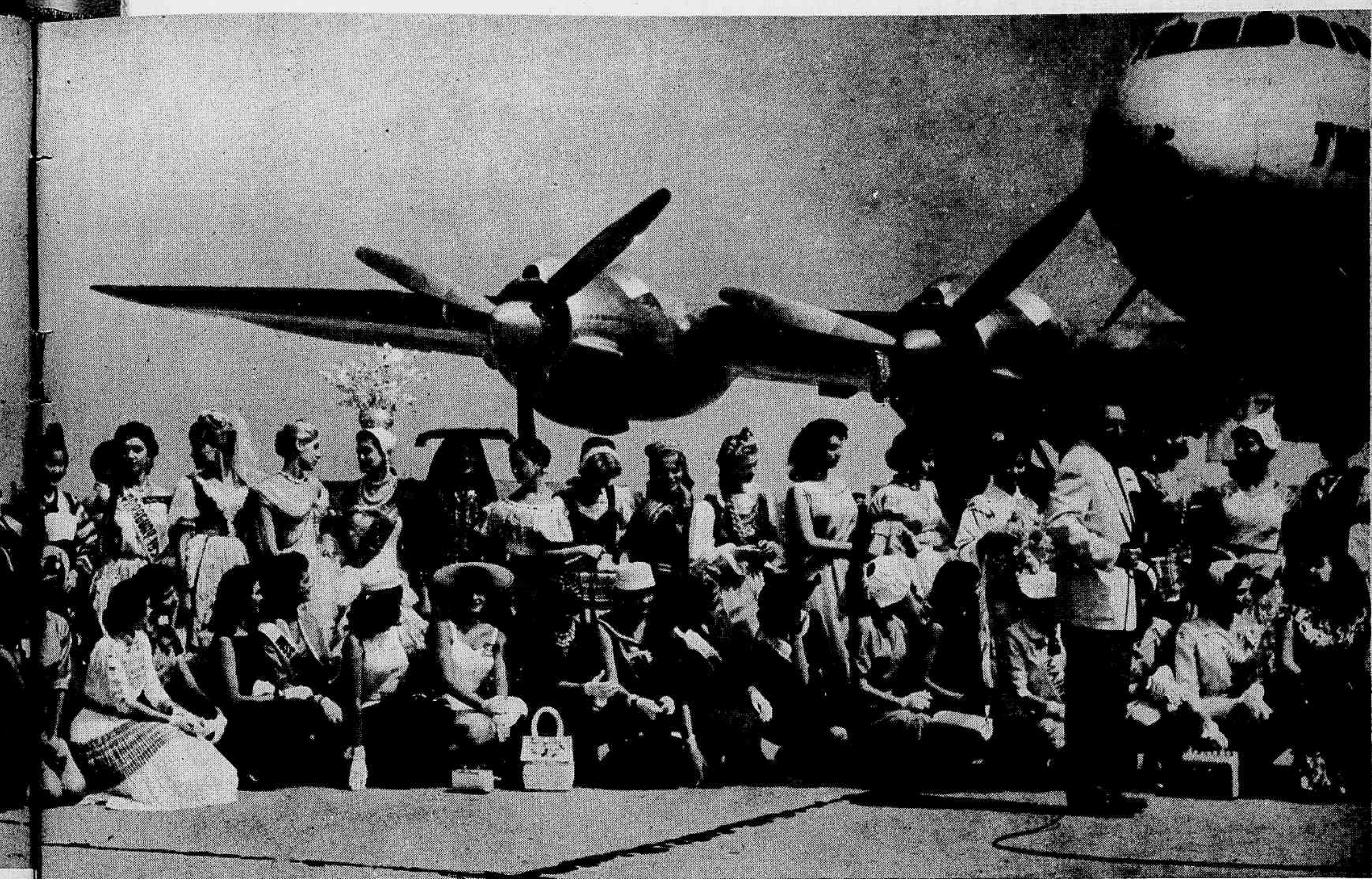
Começaram a surgir os primeiros atritos de jornalistas brasileiros com a polícia, e os primeiros aborrecimentos entre as misses

Em Long Beach

Grandes belezas da América do Sul: entre as campeãs mundiais da Colômbia e do Brasil, a menina Eugênia Maria Valverde, de Costa Rica — afastada do concurso por ser jovem demais: 17 anos, conforme declarou.



Na chegada a Long Beach



a L Beach, Luz Marina Zuloaga era a última da fila. Saiu à frente das outras, porém.

e suas guardiãs (hostess). Um dia antes do concurso, por exemplo, a exótica miss Havaí foi seriamente repreendida por ter se deixado fotografar em maiô de duas peças, onde aparecia ainda o busto demasiadamente. Ela, aliás, é considerada "o maior busto do concurso"... Fugindo à tradição, miss Itália não é do tipo das que antecederam em 1956 e 1957. Até o momento não provocou nenhum escândalo e ninguém acredita que venha a virar notícia por esta razão. Muito ao contrário. Brigou com os fotógrafos em Nova Iorque, porque queriam suspender a sua saia acima do joelho e foi a única do seu país, que exigiu uma acompanhante para assisti-la, da Itália aos Estados Unidos.

A Colômbia, que pela primeira vez participa do certame mundial de Long Beach, enviou uma morena de uma beleza invulgar. Seu nome é Luz Marina Zuloaga, tem 19 anos, é estudante e o que mais gostaria era viajar bastante e casar. O que é fácil para si. Tem, ainda, cabelos e olhos castanhos. Luz foi apontada como o rosto mais lindo já aparecido em Long Beach e, neste particular, antes de sua chegada, as preferências eram dirigidas a Miss Cuba.

Duas misses chegaram ao Aeroporto sem os trajes típicos. A do Uruguai não fez muita questão em ter esquecido o seu vestido em Nova Iorque. Mas a francesa Monique Moulinguez chorou, esperneou e acabou trocando de roupa (o seu vestido estava com a miss França 1957) em pleno pátio de manobras do Aeroporto, protegida por um grupo de senhoras que formaram um círculo. As candidatas deste ano visitarão um estúdio de cinema: o da 20th Century Fox, que para isso está preparando uma grande recepção. Para elas, este é o ponto alto do programa.

A alemã Marlies Jungbehrens, natural de Munique, também tem feito grande sucesso: é secretária de um hotel, tem lindo rosto, bom corpo e de uma simpatia a toda prova. Todos a apontam como uma das cinco finalistas, tendo também possibilidade de vir a ser a nova miss Universo. A nossa miss Brasil fez sucesso com a sua baiana branca. Adalgisa Colombo foi uma das mais fotografadas no dia 17 (chegada de todas as misses), já apareceu

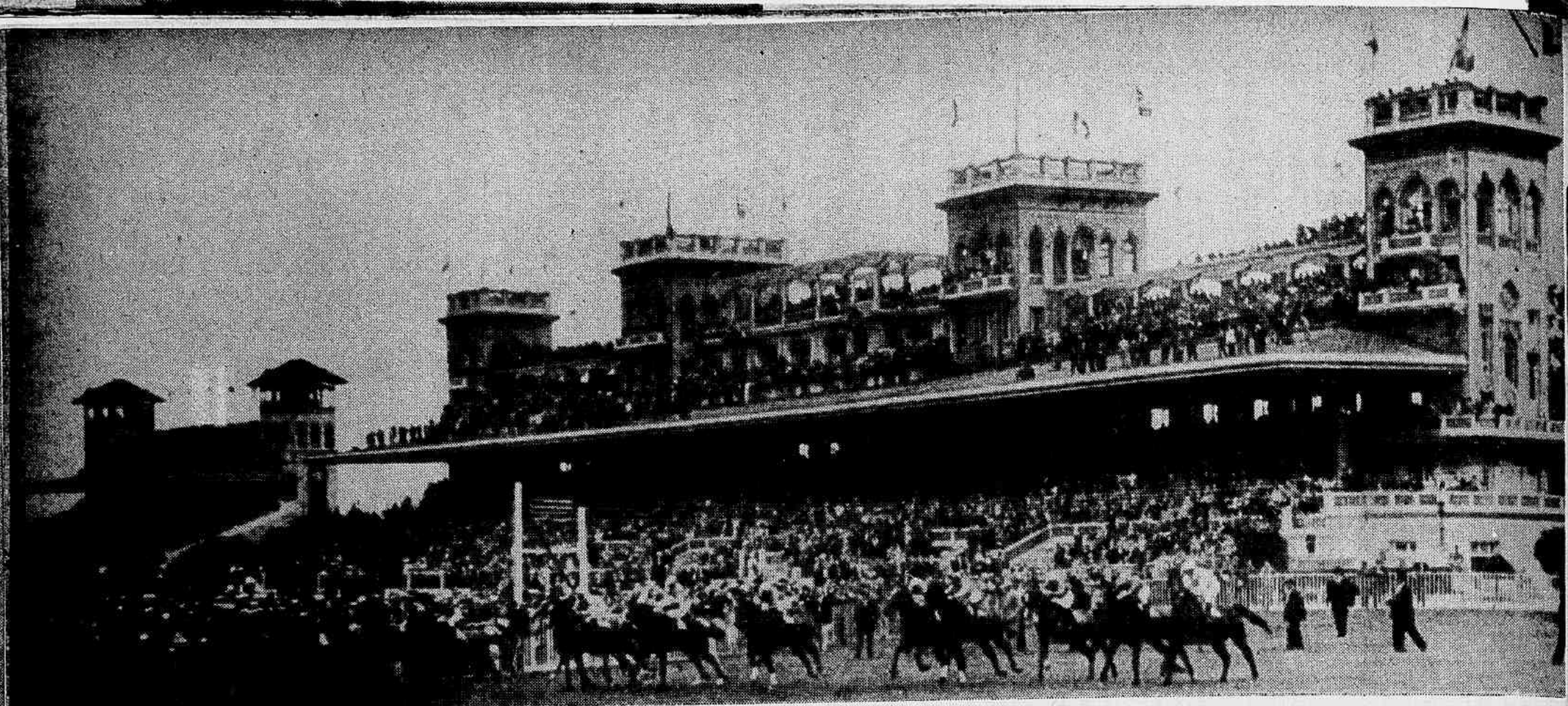
nos jornais de Long Beach e também na TV. Porém até o dia em que foram redigidas estas notas, ninguém teve oportunidade de vê-la de maiô, na piscina. E, para os americanos, só passa a contar ponto quando a moça é vista em roupa de banho. "Vestidos escondem muita coisa", dizem eles, com razão.

Acima, o primeiro relato que nos foi mandado, de Long Beach, por Helio Polito, antigo companheiro do Departamento Especializado da RS e nosso enviado especial ao concurso de miss Universo. Depois, chegaram-nos as notícias complementares, segundo as quais a representante da Colômbia ganhou o título, com a brasileira Adalgisa Colombo em segundo lugar.

Depois da primeira indicação, das quinze finalistas — após a qual a loura miss Uruguai, Irene Augustyak, ao saber-se eliminada, caiu em prantos e acusou os juizes de parcialidade — houve a seleção das cinco candidatas da etapa final: Luz Marina Zuloaga (Colômbia), Adalgisa Colombo (Brasil), Geri Hoo (Havaí), Eurylene Howell (Estados Unidos) e Alicia Bobrowuska (Polônia), que nesta ordem foram apontadas no resultado.

Isto é, a Colômbia, que pela primeira vez participava do concurso, ficou com o título, através da jovem Luz Marina Zuloaga, cujas possibilidades foram bem previstas por Hélio Polito na sua reportagem anterior. Na primeira hora de sábado, 26, ela recebeu o cetro e a coroa das mãos de Gladys Zender, miss Universo de 57 — que, aliás, sofreu o susto de ter as jóias roubadas (mas recuperadas), em uma nota extra das festas de Long Beach.

Assim, ficamos mais uma vez com o segundo lugar, muito honroso e que confirma a beleza da mulher brasileira, agora muito bem representada por Adalgisa Colombo. Sendo de observar que, neste concurso de 58, as duas primeiras colocadas têm o mesmo tipo e são até bem parecidas.

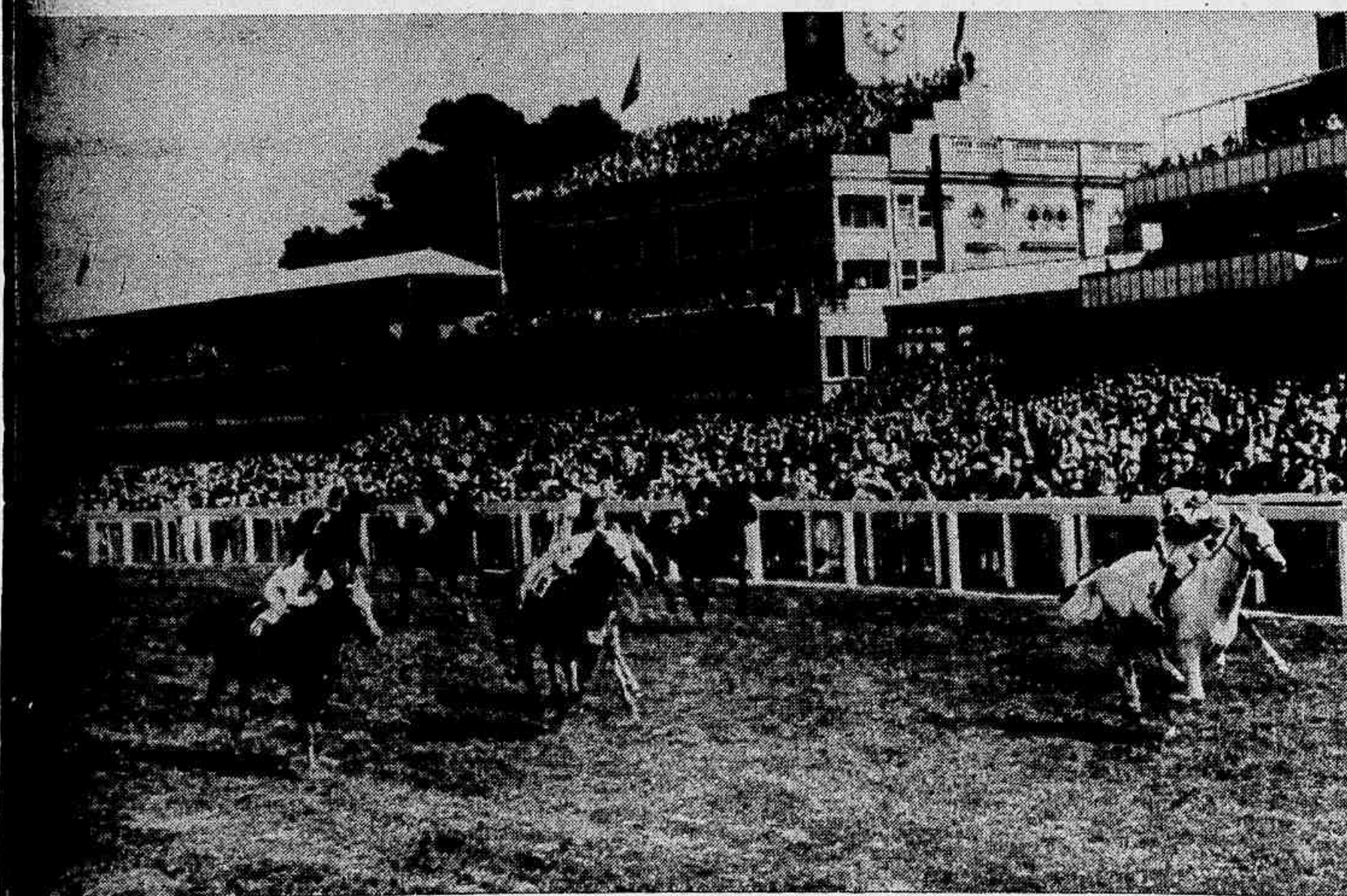


CHILE — Visão do hipódromo do Clube Hípico de Santiago em dia de Grande Prêmio.

NA SEMANA DO SWEEPSTAKE

O "DERBY" E OUTROS PÁREOS INTERNACIONAIS

RENATO DE FREITAS

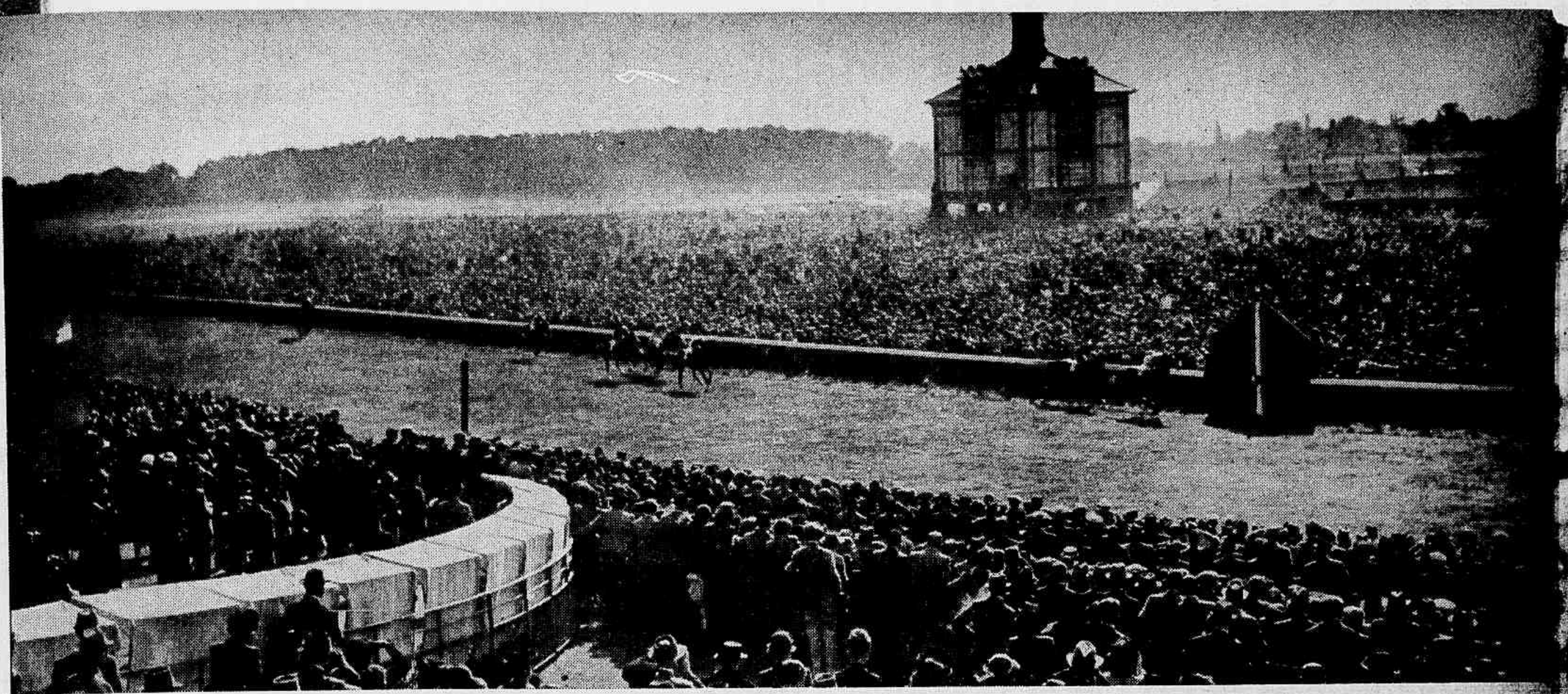


O TRADICIONAL "ASCOT" — Apesar da popularidade do Derby de Epsom, é neste hipódromo de Ascot que se reúne a nobreza da Inglaterra. O anual "Gold Cup" conta, sempre, com a presença da rainha.

8 — REVISTA DA SEMANA



EPSOM — O mais original e mais famoso tenso pista centenas de milhares de turistas os anos.



INGLATERRA — Um aspecto do prado de York em dia de Grande Prêmio.

— VAMOS AO GRANDE PRÊMIO?...

Eis aí um convite que nós podemos ouvir nos 360° de quase todos os paralelos do globo terrestre. Nos mais longínquos países; no oriente ou no ocidente; entre povos civilizados das grandes nações ou entre bizarros habitantes de estranhos lugares; entre todas as raças de todos os continentes, a corrida de cavalos é esporte popular nos dias atuais.

Se um comentarista esportivo internacional escreveu há anos atrás que "*no império do futebol, o sol jamais se esconde*", poderá acrescentar agora, sem receio de erro, que também no império do turfe o sol não conhece o poente.

O turfe e o futebol são, presentemente, os dois esportes mais populares da terra; e por singular coincidência, ambos nasceram na Inglaterra... e dali tomaram o rumo do mundo.

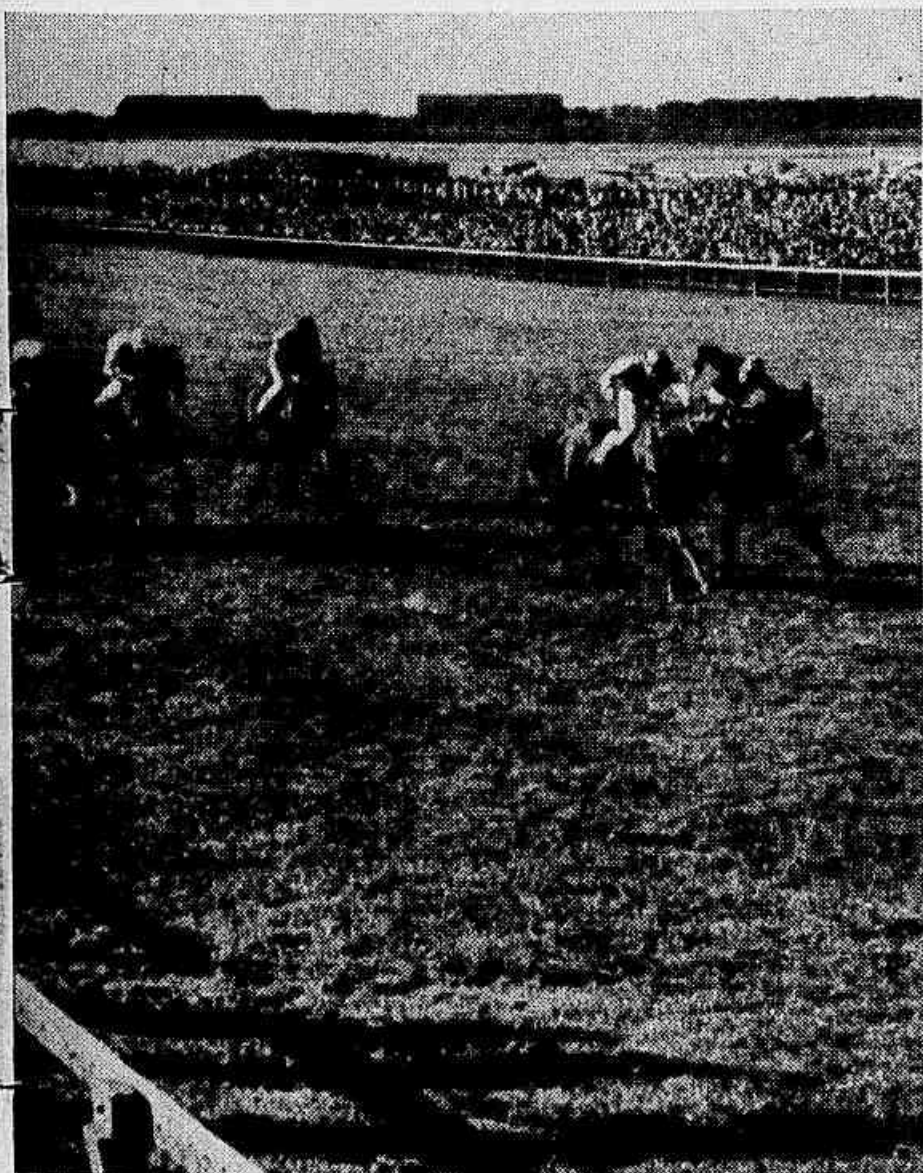
As principais reuniões turfísticas de um país constituem acontecimentos nacionais, e algumas delas atravessam as fronteiras e têm repercussão mundial.

Nos calendários clássicos de cada nação, há sempre uma prova — um Grande Prêmio — que se destaca e que reúne a pre-

ferência dos aficionados, exercendo por vezes influências poderosas na vida e nos costumes daquele povo.

O Grande Prêmio como festa máxima do turfe de um país, é também criação dos ingleses. E a história do Grande Prêmio poderá ser dividida em duas fases: antes e depois do 1.º Derby de Epsom.

O Grande Prêmio como atração turfística internacional surgiu com o Derby de Epsom. Foi após o advento desta prova que os demais países, incluindo em seu calendário prova semelhante, foram tomando gosto pelo Grande Prêmio, elevando-o no conceito do público.



hipódromo do mundo. Ao longo de suas extas se reúnem para assistirem o Derby, todos



ESTADOS UNIDOS — Kentucky-Derby, a prova mais importante do Calendário Clássico norte-americano chega a rivalizar, pela importância e popularidade, com o "Ascot" e o "Longchamps".

O Derby resultou de um banquete oferecido por Edward Stanley, 12º Conde de Derby, aos seus amigos da aristocracia inglesa para comemorar a vitória da égua "Bridget", de sua propriedade, no primeiro "Oaks" corrido na Inglaterra. Isto aconteceu no ano de 1779 e o primeiro Derby foi corrido no ano seguinte, tendo o cavalo Diomed encabeçado a lista dos seus ganhadores.

Na ocasião, somente um jornal inglês, o "London Evening Post", julgou valer a pena registrar o acontecimento. Mas, muito pouco tempo depois, a imprensa do mundo inteiro apontava-o como a carreira mais importante do turfe e seus vencedores tinham seus nomes inscritos entre os melhores corredores da terra. Corrido a princípio em distância curta, foi, aos poucos, sendo alongada para terminar em uma milha e meia (aproximadamente 2.413 metros) considerada pelos técnicos como a distância clássica por excelência. 2.400 metros é a distância mais difícil para um parrelheiro, que necessita ser, para abordá-la com sucesso, veloz e fundista ao mesmo tempo. Nesta distância intermediária o animal precisa reunir as qualidades de "sprinter" e "stayer".

Com o sucesso do Derby de Epsom, todos os demais países incluíram em seu calendário uma prova com as mesmas características (animais de 3 anos, em 2.400 metros e com inscrição um ano antes). A inscrição com um ano de antecedência vem pôr à prova o conhecimento hipológico do criador, pois este terá de escolher entre os seus produtores de 2 anos, aqueles que terão capacidade locomotora para correr a maior prova do Calendário. Fora da Inglaterra o Derby recebe em cada país denominação diferente. No Brasil é o Grande Prêmio Cruzeiro do Sul.

Por estes motivos, seria natural que o Derby fôsse a carreira mais popular em todos os países; o que não acontece, como veremos mais adiante, principalmente por dois motivos: em primeiro lugar somente na Inglaterra o Derby é aberto a corredores estrangeiros; e em segundo, por ser um páreo exclusivo para animais de 3 anos.

Por incrível que pareça, os E.E.U.U. da

América, país das inovações, foi o único que manteve a tradição da "velha" Albion: na América do Norte o Derby de Kentucky, exclusivo para animais nativos, é a prova mais popular e de maior repercussão. Os americanos se deslocam de todos os pontos do país para assistirem ao Derby de Kentucky, dando mais importância a esta carreira que ao "International Handicap", de Nova Iorque, corrida internacional que se compara, pelas condições de chamada, ao nosso Grande Prêmio Brasil.

Eis uma das raras atividades onde os americanos se apegaram à tradição.

Em todos os demais grandes centros turfísticos do mundo, não é o Derby a prova de maior popularidade. No turfe, ou em qualquer outro esporte, o povo deseja apreciar o contronto de seus atletas com os de outras nações. É por este motivo que existe em todos os países o Grande Prêmio, destinado a animais de qualquer país.

Deste modo, vemos na França o Grande Prêmio Arco do Triunfo como a prova mais importante e popular dos turfistas franceses. O "Prix du Jockey Club", que é o Derby francês, fica situado em plano inferior. Sobre a influência do Grande Prêmio Arco do Triunfo, na vida social, é bastante que se fale no costume das elegantes de Paris de elegerem as cores da blusa, do proprietário do animal vencedor daquele páreo, como as cores da moda feminina durante o ano. O movimento de turistas na época do "Arco do Triunfo", sobe de maneira acentuada.

Outro exemplo de que o campo internacional é o maior atrativo do turfe nos dá a Itália, onde o Grande Prêmio Internacional de Milão tornou-se o mais famoso daquele país. O Derby italiano fica-lhe muito atrás em popularidade.

Na Argentina e Uruguai, onde o Derby tem o nome de Grande Prêmio Nacional, são, respectivamente, o Grande Prêmio Pellegrini e o Grande Prêmio Ramirez, ambos de caráter internacional, as carreiras mais importantes. Vencer o Pellegrini é a glória máxima de um corredor argentino; e a derrota do craque Botafogo, para Grey Fox, no Pellegrini de 17, é chorada até hoje pelos turfistas daquele país. Na ocasião, foi

calamidade maior que a derrota dos futebolistas argentinos este ano na Suécia.

O Ramirez, no Uruguai, tem para o carreirista oriental o mesmo sabor do Grande Prêmio Brasil para nós; porque em Maroñas, como na Gávea, há sempre um corredor argentino "roubando" a glória dos nacionais.

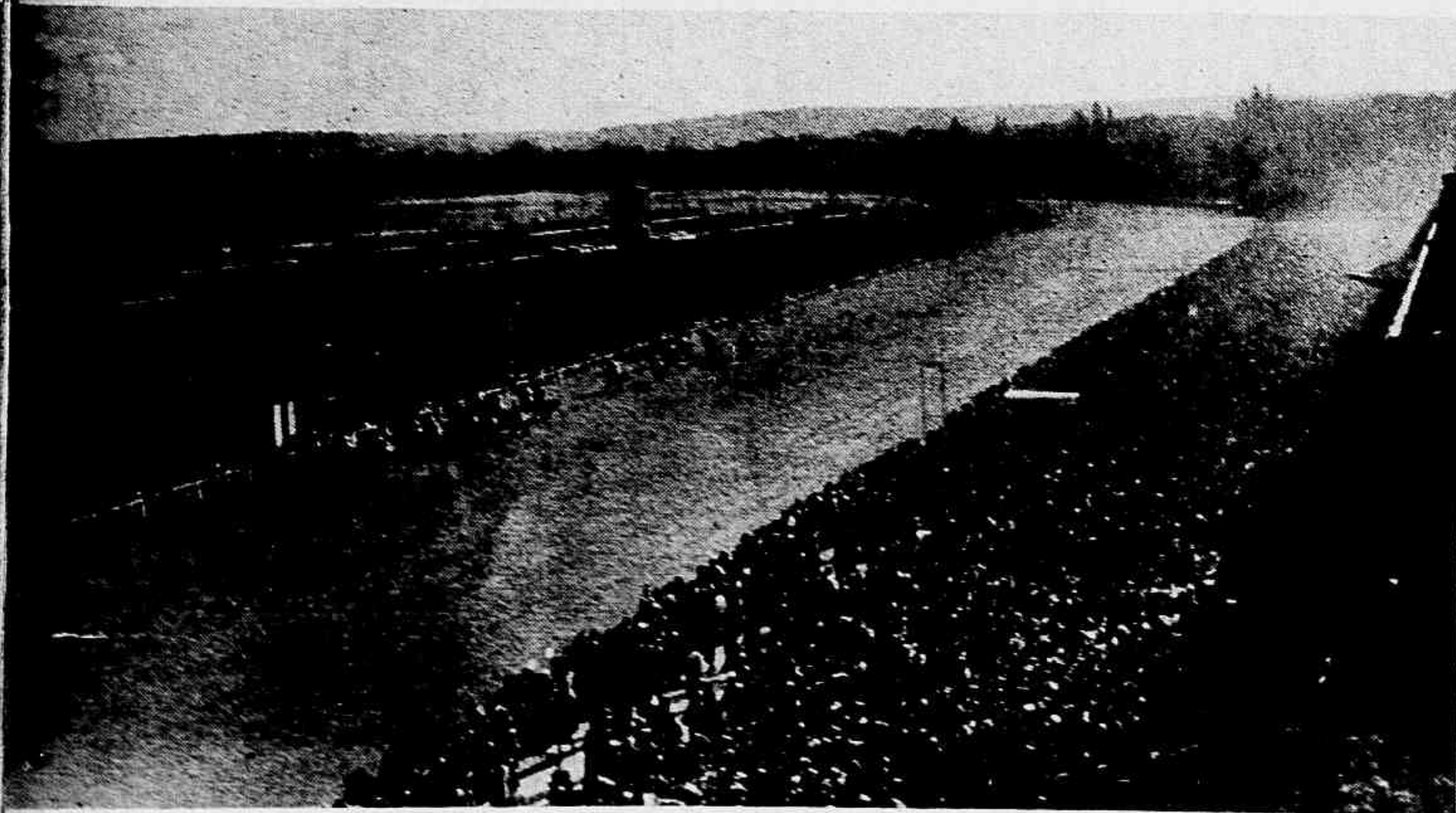
Fato interessante ocorre no Chile, onde um Grande Prêmio teve marcante influência político-social. O Clássico "La Copa", carreira que tinha há mais de quarenta anos um grande significado, pois era disputada nos dias de "Fiestas Patrias" e sua disputa levava ao hipódromo a alta sociedade, o Presidente da República e seus Ministros. Atualmente, com os avanços da Democracia, os Presidentes, que têm sua eleição devida ao sufrágio popular, julgam inconveniente para seu prestígio comparecerem a estas carreiras, ditas da aristocracia. Foi assim que a disputa de "La Copa" perdeu sua antiga solenidade e trocou a data de 18 de setembro — Dia Pátrio, no Chile — por um dia do mês de dezembro.

NO BRASIL

O Grande Prêmio Cruzeiro do Sul, o Derby brasileiro, não chega a ser nem mesmo a segunda prova da importância do nosso Calendário Clássico. A maior prova do turfe nacional é o Grande Prêmio Brasil, a ser corrido no próximo domingo, vindo em segundo lugar o Grande Prêmio São Paulo (atualmente denominada Derby Sul-Americano), ambas destinadas a animais de qualquer país. O "Cruzeiro do Sul" aponta o melhor corredor nacional do ano; mas, o que o turfista quer saber é a capacidade deste corredor em confronto com os animais estrangeiros. A vitória de um cavalo brasileiro no Grande Prêmio Brasil toma o aspecto de festa nacional: é a indicação, o termômetro do nosso progresso no turfe.

Eis porque o Grande Prêmio de caráter internacional é o principal esteio do turfe de qualquer nação.

E' no Grande Prêmio que o turfe permite ao homem comum, de qualquer parte do mundo, deixar transparecer um pouco do seu nacionalismo.



FRANÇA — Vista impressionante do Hipódromo de Longchamps no dia do Grande Prêmio Arco do Triunfo.

um enigma em três ângulos

VALERIE



ANITA EKBERG: SUECA (PORTANTO BONITA)

E PIRANDELLIANA

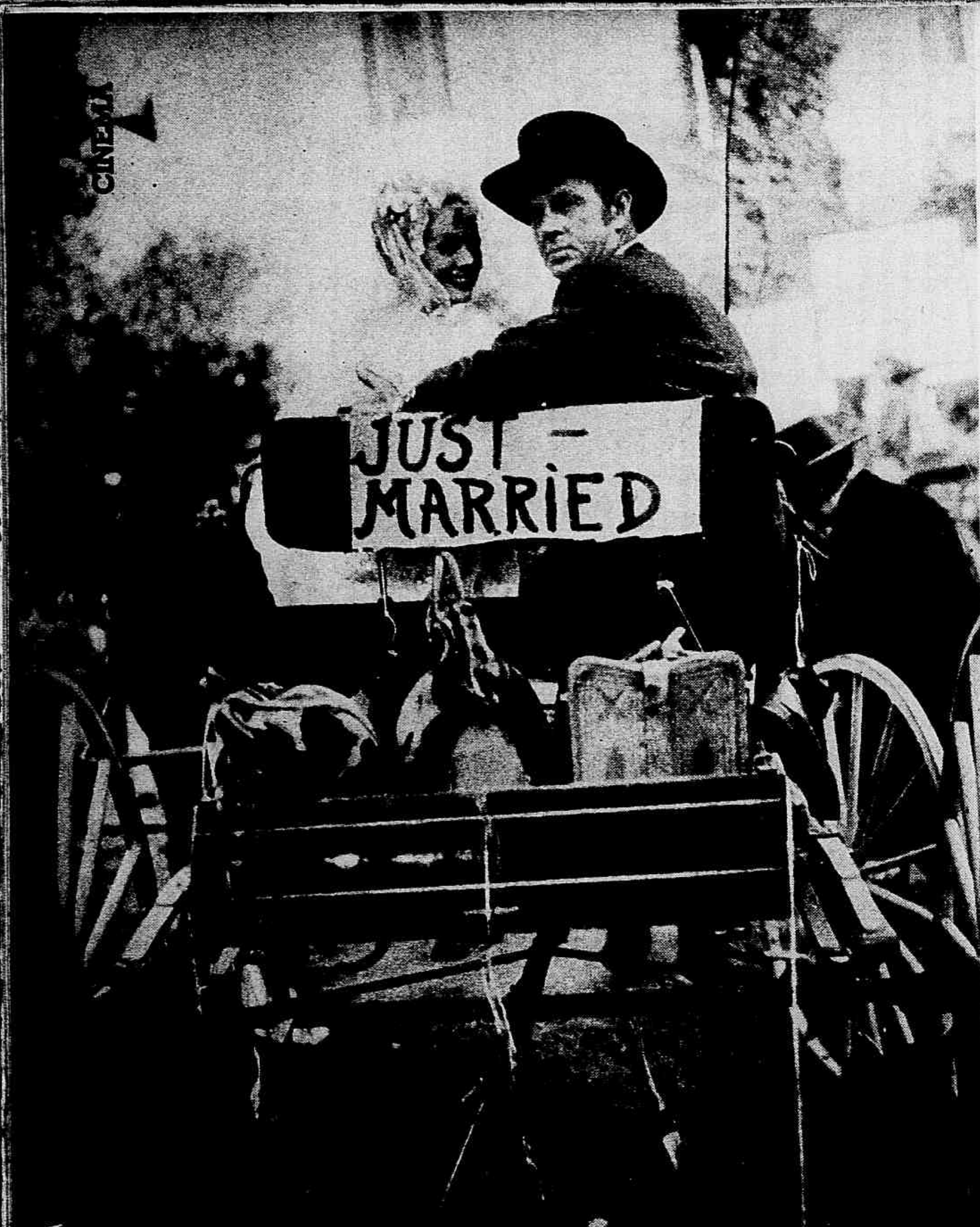
OUTRAS VERSÕES (OU VERDADES)

AS DE STERLING HAYDEN E ANTHONY STEEL

UM TIROTEIO NO COMEÇO, MAIS TIROTEIO NO FIM,

E A MAIS AMBICIOSA EXPERIÊNCIA DE UM

«NOVO» DE TALENTO: GERD OSWALD



Tudo começou assim...

VALERIE é o título de um filme dirigido por Gerd Oswald para a United Artists — e é também o nome da heroína interpretada por Anita Ekberg. Pela primeira vez, se não fôr levada em conta a sua passagem pelo all-star cast de *Guerra e Paz*, ainda inédita no Rio, Anita surge como uma verdadeira atriz, ao lado de Sterling Hayden e de Anthony Steel, este o marido da estrêla fora da tela. Essa revelação, em grande parte, deve Anita ao estímulo que lhe foi dado, num instante em que poucos acreditavam em seu talento dramático, por um diretor que já se inclui, por sinal, entre os mais prometedores da nova geração de Hollywood.

A Gerd Oswald, que nasceu com o cinema no sangue (seu pai também foi diretor e um dos mais famosos no velho cinema alemão: Richard Oswald), é devida ainda a segunda (e excelente) aparição cinematográfica de outra atriz, Joanne Woodward, que logo depois de *Amor, Prelúdio de Morte* (*A Kiss Before Dying*), ganhava um Oscar, com *As Três Máscaras de Eva* (*Three Faces of Eve*), de Nunnally Johnson. O primeiro filme de Oswald como diretor, *Amor, Prelúdio de Morte*, era uma variação em torno do crime de "An American Tragedy", a novela de Dreisser, embora oficialmente baseada em obra de outro autor — e não só Miss Woodward, como ainda Robert Wagner teve, então, boa performance. Com outras excelentes performances cumpridas por Sterling Hayden e Barbara Stanwyck em *Da Ambição ao Crime* (*Crime of Passion*), Hugh O'Brian e Raymond Burr em *Fama de Valente* (*The Brass Legend*), e John Derek em *Quando o Ódio Volta* (*Fury at Showdown*), tem-se mostrado Gerd Oswald um cuidadoso e

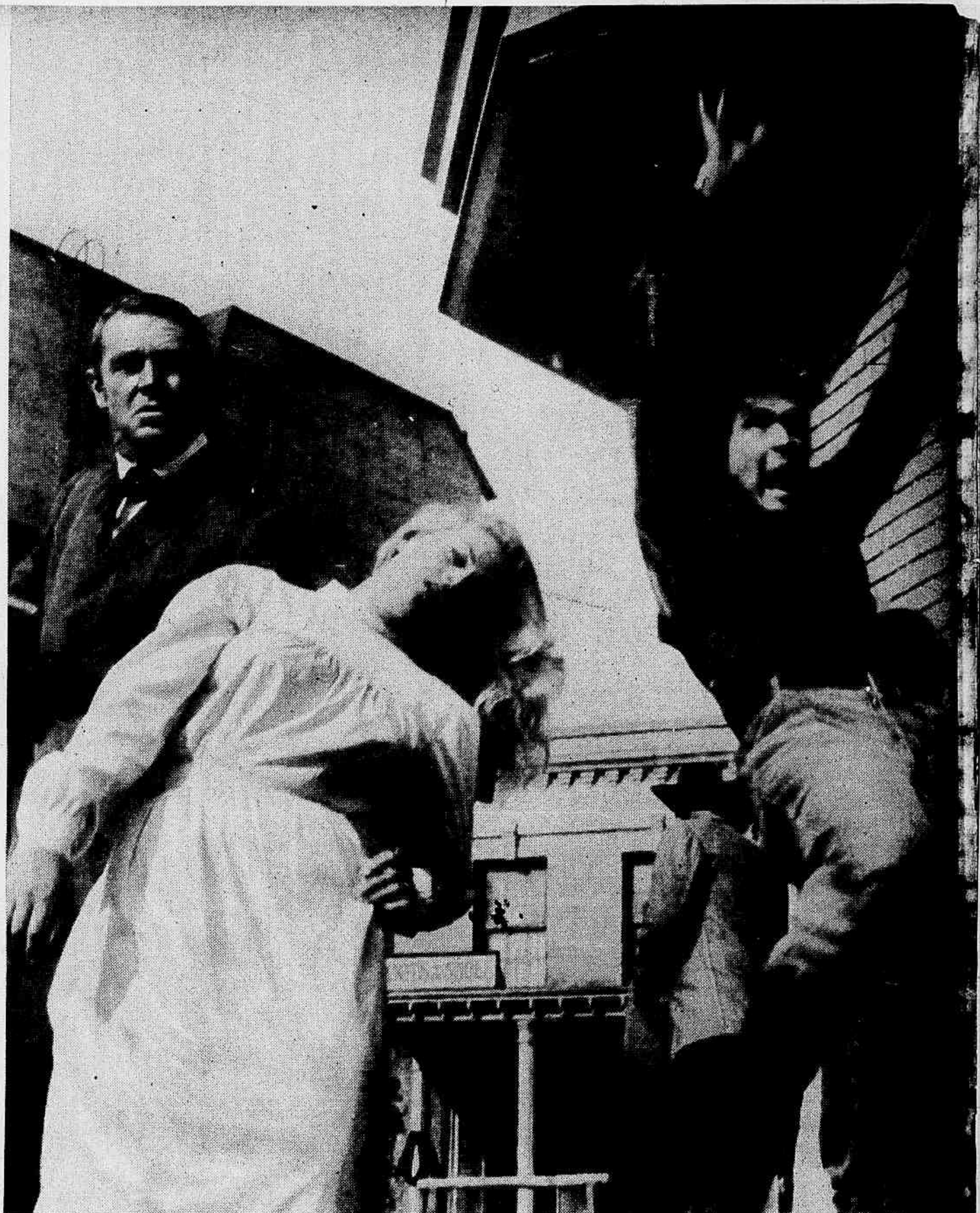
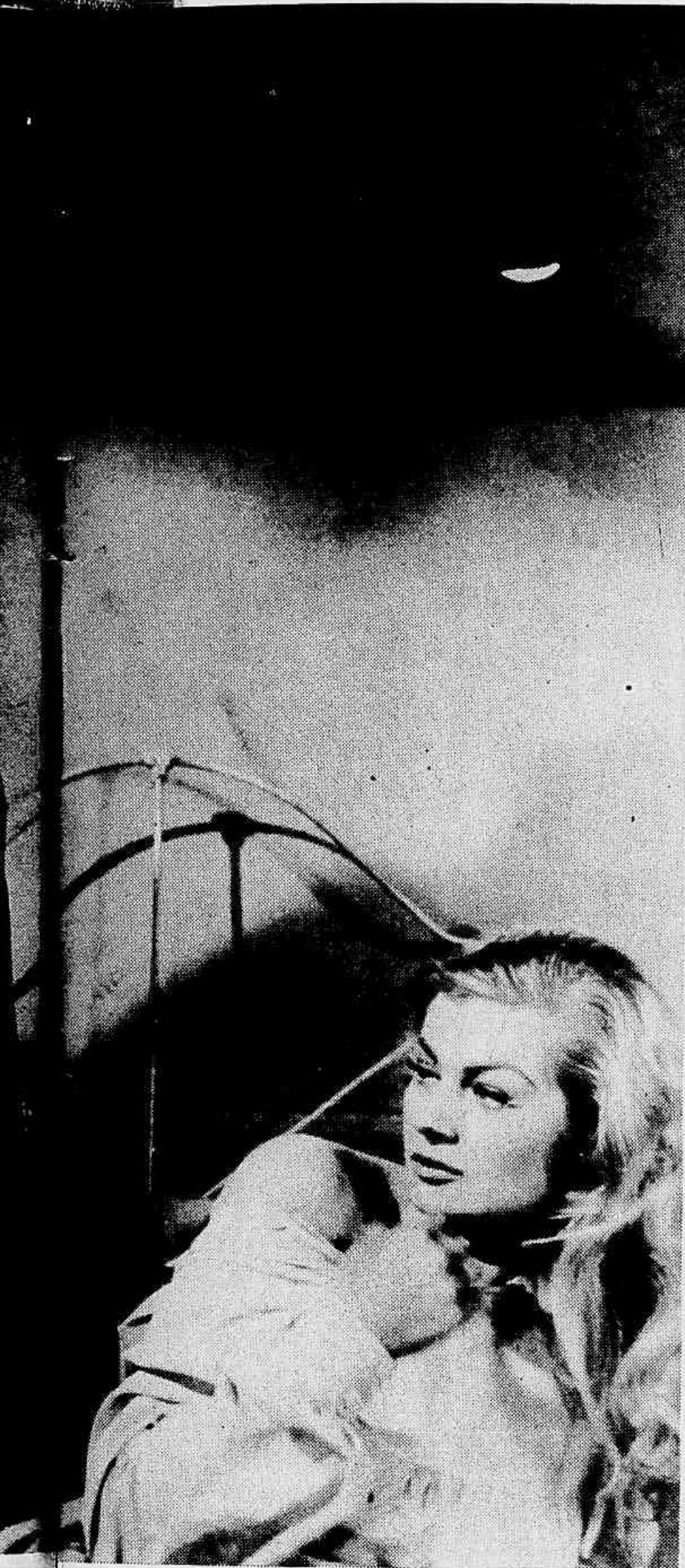
Pouco depois...

muito firme diretor de atores — uma qualidade rara mesmo nos realizadores que começam acertando no ritmo, no enquadramento e nos demais elementos que, juntos, fazem boa uma direção.

ANITA, A (NOVA) DIVINA

Muitas suecas têm chegado a Hollywood, desde que Greta Garbo ali triunfou, logo no primeiro ano (1926) de sua carreira americana. Muitas, porém, já encerraram na obscuridade o seu estrelismo: Sigrid Gurie, Signe Hasso, etc. Anita Ekberg, que foi "Miss" antes de tentar o cinema, é realmente a sueca mais bonita que a América descobriu depois de Ingrid Bergman.

A sua carreira, a princípio, foi muito discreta. Era uma ou outra aparição muito rápida, e, numa delas, a fim de que Jerry Lewis (*Artistas e Modelos*) escrevesse alguma coisa em suas costas maravilhosas. Em *Rota Sangrenta*, filme de John Wayne e Lauren Bacall, a esplêndida sueca virava chinesa e, ainda assim, continuava a sua beleza a brilhar. Nos passos iniciais, Anita tinha contrato com a Batjac (empresa de John Wayne), que a "emprestou" ao produtor-diretor John Farrow para um papel "marleniano" em *De Volta da Eternidade* (*Back from Eternity*). Infelizmente, Farrow não era Von Sternberg e Anita perdeu essa chance. Legítima, porém, foi a oportunidade que lhe deu King Vidor em *Guerra e Paz*: no papel da frívola, sensual e infiel esposa de Bezukov



E para terminar — tiros no meio da rua.

(Henry Fonda), a estrela teve várias cenas que já não deixavam dúvidas acerca da existência de um temperamento artístico (por aperfeiçoar, é verdade) atrás de toda aquela opulência. Ainda assim, Anita teve de ser companheira de Victor Mature em duas aventuras sem maior importância: **Zarak**, em que, no entanto, uma dança (do ventre) quase provocou a interdição do filme na Inglaterra, em face do protesto feito por um parlamentar na Câmara dos Lords; e **Interpol**, às voltas com a organização desse nome.

Ao chegar a **Valerie**, Anita estava merecendo já — e preparada, também — para a revelação definitiva. E para o enigma.

A VERDADE DE CADA UM

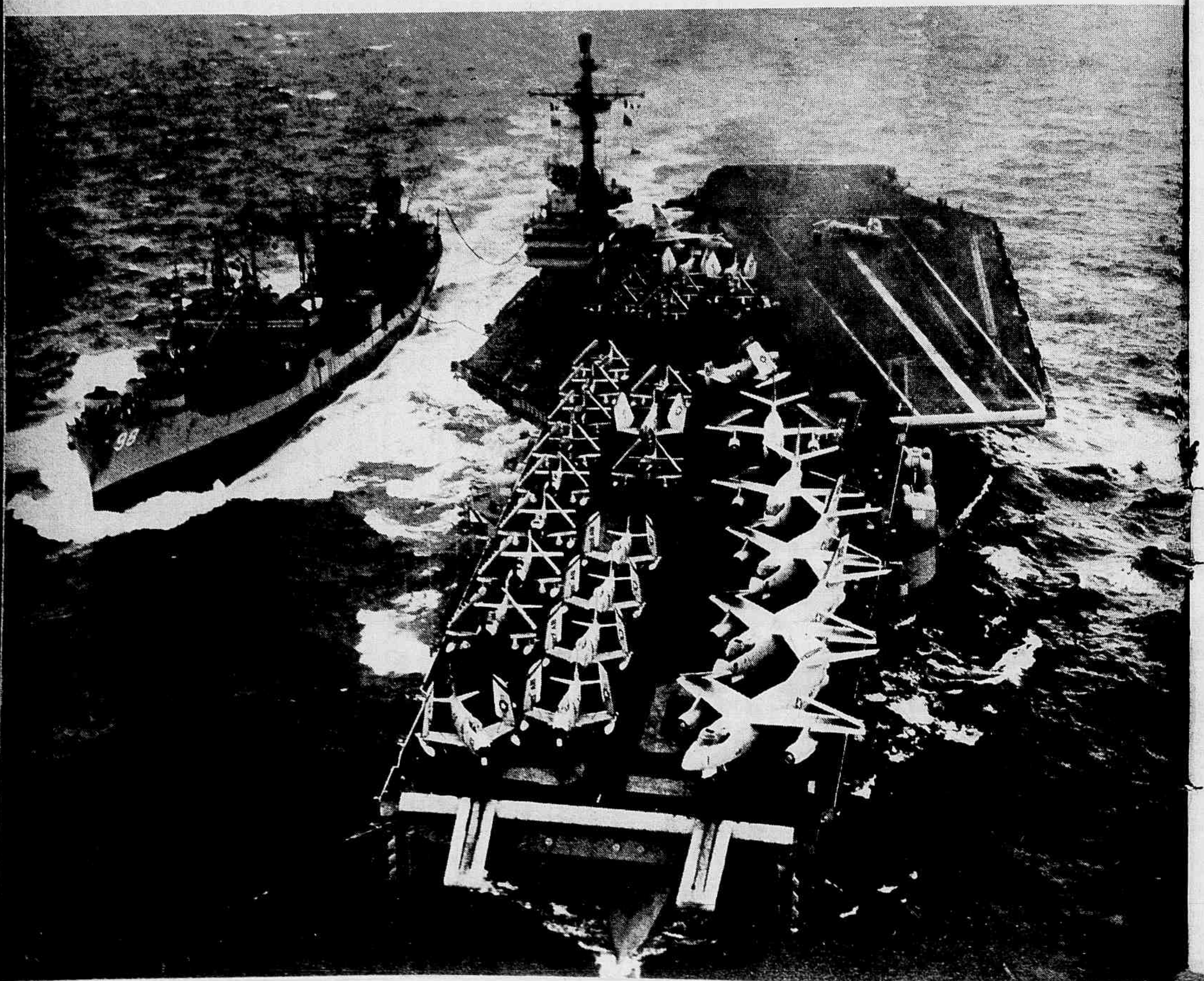
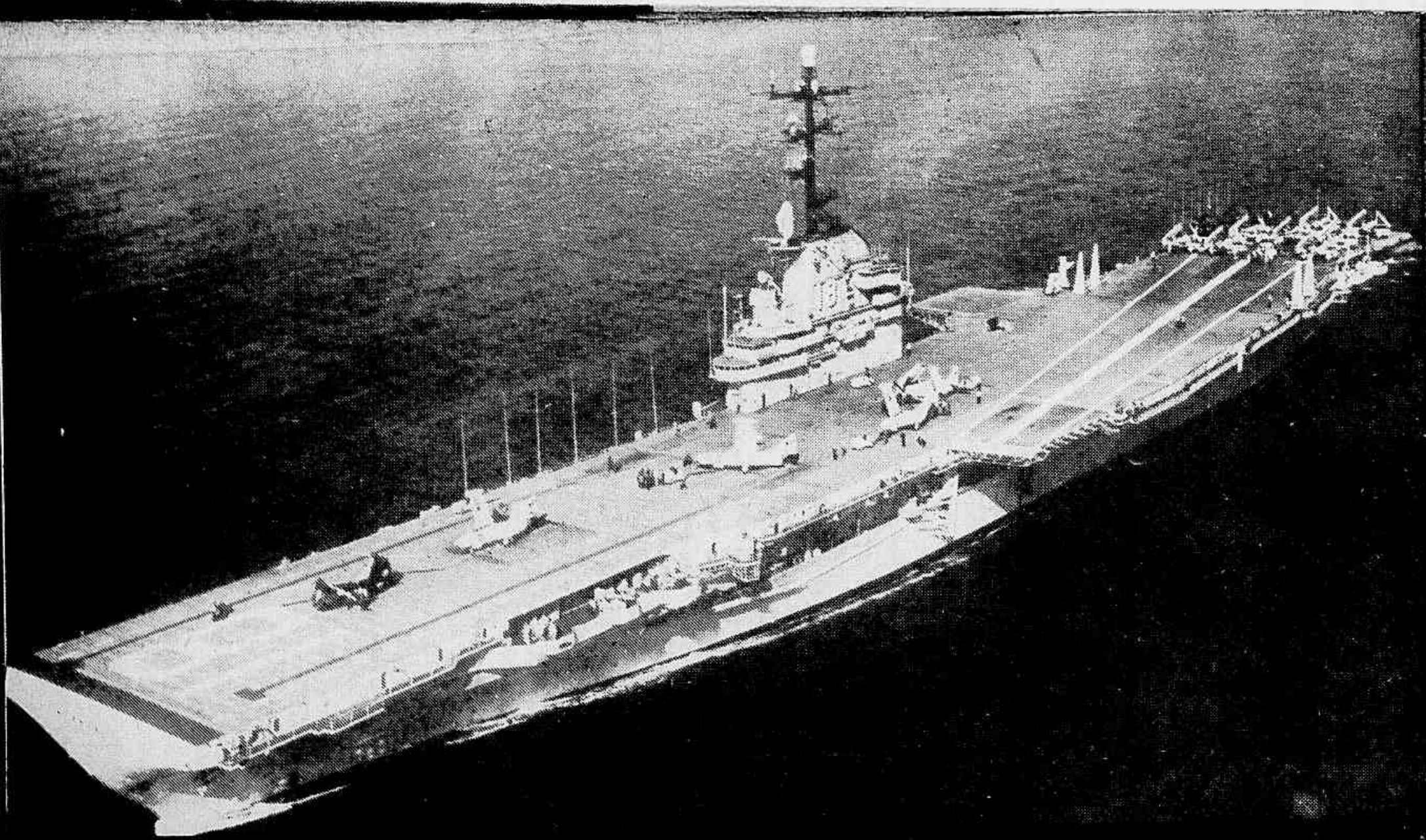
De todas as experiências de Gerd Oswald, **Valerie**, a quinta, é a mais séria, a mais impressionante na obra do diretor. A narrativa se divide em três partes — três **flashbacks** em torno de um crime passionai, e três versões diferentes, contraditórias, da mesma ocorrência. No início, um verdadeiro massacre: por causa da infidelidade de Valerie, três morrem e ela sai gravemente ferida. A primeira história é contada por Anthony Steel, no papel de um pastor. A segunda por Sterling Hayden, marido e réu. A última pela própria Valerie, que se refaz a tempo de comparecer, para depor, ao tribunal. O crime abala a pequena cidade, que segue ansiosamente todos os detalhes revelados diante do juiz e que,

apesar do juramento dos depoentes, não coincidem. Quem está mentindo?

Em **Valerie**, ressurgem para novas discussões o eterno enigma da verdade. A técnica, mais ou menos pirandelliana, já foi empregada por Orson Welles (**Citizen Kane**), ligeiramente, e comandou todos os acontecimentos de **Rashomon**, o célebre filme japonês de Akira Kurosawa. Recentemente, também, voltou em **Les Girls**, em ritmo cômico-musical.

A verdade de cada um... Ninguém tem a verdade absoluta. O mesmo incidente pode — e comumente é — relatado de tantas maneiras quantas são as pessoas que o viveram ou presenciaram. Assim, tomando um rumo dramático-filosófico, Gerd Oswald sai com **Valerie** para uma experiência que, evidentemente, não solucionará o problema, nem esta era a intenção do diretor — mas que, evidentemente também, se eleva a todas as que vinha fazendo o inquieto cineasta.

Vale observar a pouca atenção que **Valerie** despertou entre a crítica americana, numa repetição do fenômeno (de insensibilidade) que cercou o lançamento (em Nova Iorque) de filmes como **Orgia Sangrenta** (**The Wild Party**) de Harry Horner, e o recentíssimo **A Noite do Demônio** (**Curse of the Demon**), de Jacques Tourneur. É fora dos Estados Unidos, todavia, que esses ensaios, de certa forma modestos financeiramente, têm reconhecido o seu valor. A era é do CinemaScope e da cor, mas os bons filmes nada têm a ver com essas coisas; tanto podem utilizá-las, como serem feitos para tela **standard** e em preto-e-branco. E o caso de **Valerie** é esse.





NO LÍBANO U.S.A.
DISSERAM "NIET"



MORTOS FORAM ESTOPIM — Estes são os três líderes do governo do Iraque assassinados pelos rebeldes em Bagdá: Príncipe Herdeiro Abdul Illah, Premier Nuri as-Said e o Rei Faisal II, nesta ordem da esquerda para a direita.



COBERTURA AÉREA — O Vice-Almirante Charles R. Brown, comandante da esquadra norte-americana no Mediterrâneo, observa da ponte de comando do porta-aviões "Saratoga", o lançamento de aviões a jato.

REVISTA DA SEMANA pode apresentar hoje, em absoluta primeira mão na América do Sul, aspectos fotográficos inéditos recebidos diretamente do exterior sobre a intervenção armada dos Estados Unidos no Oriente, em atenção ao pedido feito a Eisenhower pelo presidente Chamoun. A operação militar norte-americana, que examinada no Conselho de Segurança levou a URSS a sofrer duas importantes grandes derrotas diplomáticas (rejeição da proposta para a retirada das forças dos USA e rejeição de um formal protesto soviético), provocou emoção em todo o mundo.

Trata-se, por sinal, da confirmação dos principais itens do relatório secreto que divulgamos no princípio do mês e organi-

zado por especialistas civis, diplomáticos e militares dos Estados Unidos (inclusive o general Lucius P. Clay) aconselhando ao governo de Ike a mudança radical de sua orientação internacional e da política de contemplação até aqui seguida pela nação americana em relação à "guerra fria" e aos distúrbios comunistas no Levante.

Numa tentativa de contornar a intervenção ocidental, a Rússia sugeriu a assinatura de um Tratado de Paz. Não teve êxito.

Aliás, também pela primeira vez, os Estados Unidos se adiantaram à Rússia no Oriente, respondendo à tentativa soviética de convulsão do Líbano com um vigoroso — *niyet* (não).



URSS, UK e USA — Cartas na mesa

NO LÍBANO

U. S. A.

DISSERAM

"NIET"

A "REVISTA" HÁ 50 ANOS

Domingo, 2 de agosto de 1908

NO ARTIGO de fundo d'êste número 429, vendido ao preço de 300 réis, comenta Mendes Júnior a situação do mundo e, principalmente, os ecos do regicídio ocorrido a 1º de fevereiro em Portugal: "os últimos telegramas de além-mar dão-nos notícia dos discursos do deputado republicano Afonso Costa acusando o gabinete João Franco da morte do rei D. Carlos, e pedindo que todos os membros do caído ministério sejam presos e julgados pela Câmara dos Pares."

Numa série de fotografias, apresenta a chegada, ao Rio, dos restos mortais do Dr. João Bráulio — secretário das Finanças de Minas — falecido num desastre de automóvel, em Paris, onde fôra buscar melhoras para a saúde.

OS PREPARATIVOS finais da Exposição Nacional continuam a merecer as atenções da Revista. E a respeito dos comentários sobre o "deficit" ou saldo que ela deixará, em relação às grandes despesas feitas pelo governo, observa que os lucros de uma exposição não podem ser computados nem apurados somente pela quantidade das entradas vendidas, mas que somente depois de algum tempo é que começam a ser sentidos: "milhares de industriais virão do estrangeiro para visitar-nos. Como apurar, por exemplo, que grande número de encomendas que fizerem ao Brasil em 1909 foram devidas ou não à Exposição?"

DA, AINDA, uma ampla cobertura fotográfica do Circuito de Itaipicrera realizado em São Paulo e anuncia, na seção de Esporte, o 23º aniversário do Derby Club, com a série de comemorações a serem efetuadas em homenagem à data. Entre elas, encontra-se o Grande Prêmio "Derby Club", no valor de 5 contos de réis, e na distância de 320 metros, que iria ser percorrida com vantagem para Moltke, montado por Abel Vilalba, no tempo de 222" 1/5, à frente dos dois adversários — Oásis e Juca Tigre.

Na seção "Galeria Nobre", apresenta a Revista uma caricatura de Hermes Fontes, "o poeta das Apotheoses".

A página 9, encontramos uma surpresa: uma historieta da autoria de Raimundo Magalhães, que é, nada menos, que o pai do vereador e acadêmico R. Magalhães Júnior (por coincidência, diretor-chefe da Revista, há dez anos atrás).

O CASAMENTO

(Romance Sintético)

I

Baile no clube. Muita luz, muito aroma, muitas flores. Donzelas gentis, nervosas, românticas, voleteiam na valsa. Ele entrou. Ela viu-o. Cumprimentaram-se com o olhar. Ela como a perguntar-lhe:

— Amas-me?

E ele responde-lhe:

— Amo-te.

Depois, na valsa, a vibrar, trocaram palavras ligeiras, monossilábicas; apertavam-se as mãos. Ela corou. Ele empalideceu. Baile no fim.

II

No outro dia. Encontraram-se casualmente. Olharam-se e assustaram-se. Ele,

enleado, cumprimentou-a quase a tremer. Ela ruborizada, não disse palavra.

III

Dias depois. "Minha adorada".

A primeira frase que cai da pena ao escrever-te estas linhas é esta: — Amo-te. E este amor é tão grande, tão invencível, tão forte, que eu prosseguirei amando-te sempre; mesmo se me desprezares — a despeito do teu desprezo.

Escrevo-te com toda sinceridade. Sê também franca e sincera. Diz-me o que sentes — que me amas ou que me detestas, — e crê que eu te ficarei agradecido qualquer que seja a tua resposta.

A incerteza é muito cruel e eu não desejo perder inutilmente o meu tempo e o meu latim. Escreve-me duas palavras ou uma só, ao menos. Não te custa nada e será para mim um grande favor.

Teu, etc. C."

Resposta: um cartãozinho perfumado, impresso a letras douradas, com estas simples palavras:

"Amo-te. Sempre tua".

IV

Casaram-se.

E mais nem uma palavra neste capítulo.

V

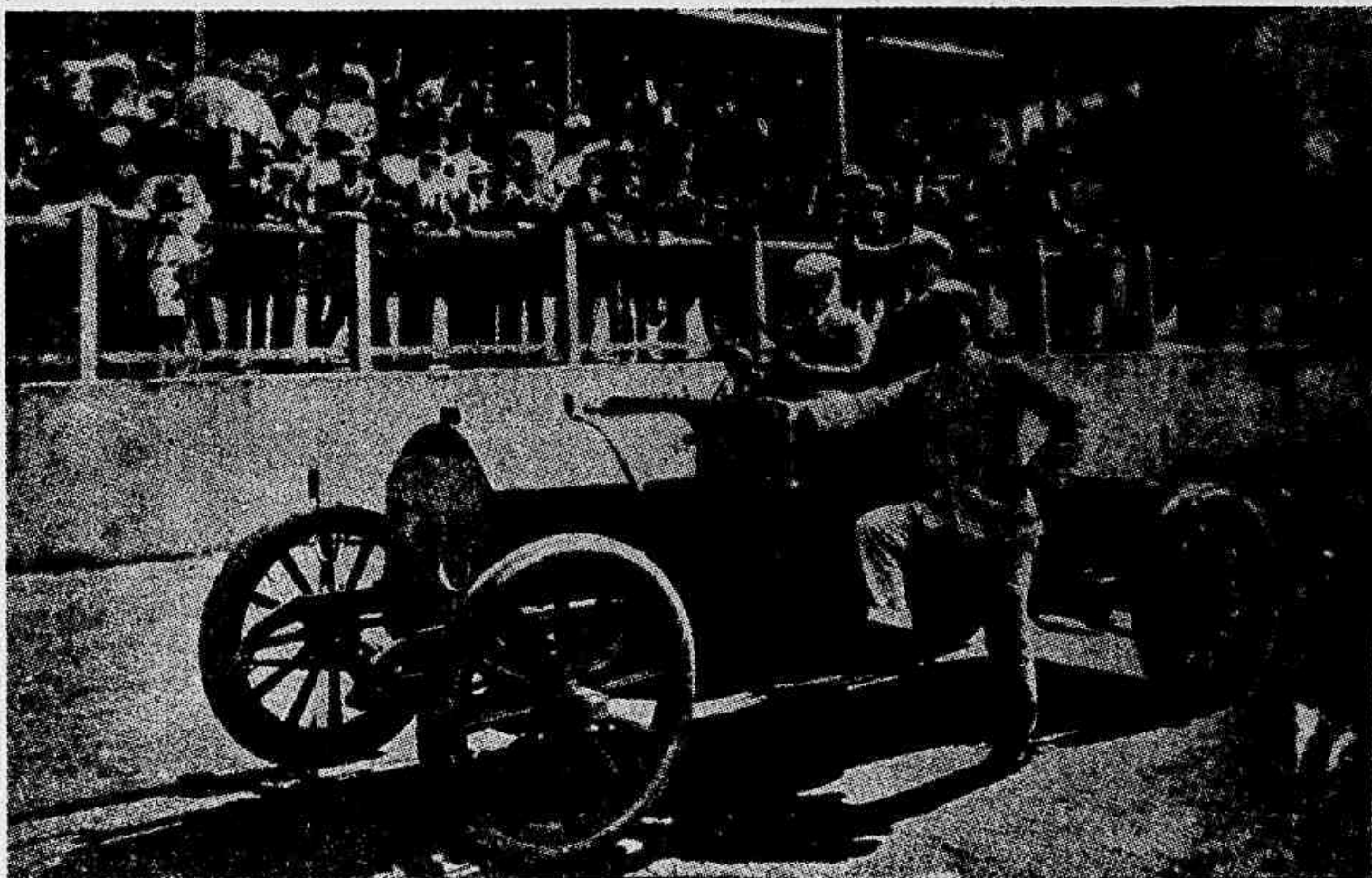
Um ano depois.

Ele pai. Ela mãe. O filho um insuportável chorão. Ela lamenta-se porque não tem um vestido novo para cada festa. Ele exaspera-se, fala alto, diz que a mulher é estúpida, estava doido quando lembrou-se de casar.

E a sogra, de óculos, rugas na testa, re-crimina o genro porque fez a desgraça de sua filha.

E eis aí, a breve traços, o que vem a ser, mais ou menos, o "romance do casamento".

Também era assim há cinquenta anos...



O automóvel "F.I.A.T.", de 40 H.P. do Sr. Oswaldo Sampaio — um dos concorrentes do Circuito de Itaipicrera, em São Paulo.



LIALIA — "Eu inventaria o ballet".

A MAIOR AMBIÇÃO de Lialia, a russinha que tem um dos sorrisos mais doces (e mais ingênuos) deste mundo, era levar para a Geórgia um falante papagaio brasileiro. "Daqueles bem desembaraçados e bem verdes", ela pediu, "e que faça bastante barulho. Naturalmente — não precisa falar russo! Para entendê-lo, eu aprenderei português. Quero-o de qualquer jeito, ao menos como lembrança deste Brasil acolhedor". Pena, mas não conseguiu. Não, não é isso. Oportunidade para obtê-lo houve. Eu mesmo lhe ofereci um. "Você dá mesmo? perguntou, pondo uma expressão de cândida felicidade no rosto miúdo, entre incrédula e esperançosa. Dar, eu dava. O diabo é que Oleg Ignátiev, diretor de relações públicas do grupo soviético de **ballet**, mais que depressa assustou-se: se Lialia ganhasse um desses "pássaros tagarelas", os outros bailarinos, por certo, haveriam de querer imitá-la e enfiar na bagagem os seus. E com tamanho número de papagaios ninguém mais acertaria (êle pensa) um passo na Dança dos Cisnes...

Consolei-a dizendo que papagaio não gosta de clima frio e que, quando o termômetro descresse a menos de setenta graus abaixo de zero lá no Cáucaso, o bicho seria até capaz de perder a voz ou mudar de côr.

Trecho de diálogo sobre o papagaio:

Repórter — "Ele é capaz de não se dar bem com o gelo russo."

Lialia — "Não faz mal. Mando vaciná-lo contra o frio e compro-lhe um capotinho de crochê."

Ah, sim: na última semana, para esquecer o louro que não veio, Lialia subiu o morro e, num terreno em Bonsucesso, foi olhar (e dançar) o bumba-meu-boi, num espetáculo promovido em sua homenagem e na dos demais componentes do **ballet** de Tbilíssi. Fêz logo amizade com uma garôta brasileira e, durante todo o tempo, marcou com os pés e ginga de corpo o compasso das quadrinhas populares. Riu a valer quando um **cabra**, depois de levar uma



TURBANTE SOBRE MITAISHVILI —
Bumba-meu-boi à la russe.

LIALIA VOLTA PARA URSS SEM PAPAGAIO NA GAIOLA

MAURÍCIO CAMINHA DE LACERDA

RETRATO PARA O ALBUM — Olé! para o Oleg.





DÚVIDA

"Um papagaio? Você dá mesmo?"



AMIZADE BRASILEIRA

Em lugar do "louro", uma loura...

SAUDAÇÃO EM GEORGIANO

O que ela quer dizer: "Ficarei muito satisfeita se no Rio eu tiver conseguido mostrar a contento um pedacinho da arte do meu país."

dy dsmot ambshyngph md hgd byfjdy
 dzdps bsdzpylas guzupke vdfnynb bshba hgdh
 dymgggddos.
 p mnsndpgo

LIALLIA - A primeira vez que entrei para a escola de ballet, não gostei.

rasteira, se estatelou no chão. O boi, em dado momento, aproximou-se dela mugindo. Era a clássica — "mordida". Lialia deu-lhe uma nota de dez cruzeiros.

E continuou a dançar.

POLÍTICA E "PAS-DE-DEUX"

Por falar nisso: pode um político dançar? Segundo o consenso geral, vamos lá, a maioria deles já dança na corda bamba. Porém uma vereadora ser estrêla de primeira grandeza num ballet de fama internacional, eis o que até agora, aposto, não passaria pela cabeça de ninguém. A verdade é que passou, por exemplo, pela formosa cabecinha da mascote do Ballet Soviético que preserva as tradições fulgurantes da dança clássica russa que Diaghilev projetou em Londres e em Paris, "criando uma nova forma de arte associativa aliada ao prestígio das coreografias e a força criadora de grandes compositores e cenógrafos". É que Lialia Mitaishvili, a mais jovem bailarina do grupo soviético que se exibiu recentemente aqui, é também vereadora em Tbilissi, sua cidade natal. É novo. Mas esse ineditismo não tira à coisa o seu caráter de autenticidade.

As funções políticas de L.M., conforme me explica o simpático e grave intérprete Ignátiev, correspondem mais ou menos às da vereança municipal entre nós. E nessa dupla qualidade, a nossa Lialia desincumbe-se a contento — e com incansável empenho — de suas atribuições. Ei-la, assim, eleita pelo povo, duas vezes para a glória. Platão se encantaria com isso.

Pergunta do repórter: — "Quais as suas principais iniciativas como vereadora?"

Resposta de Lialia: — "Creio que muitas. Particularmente sobre difusão cultural, bibliotecas e, claro, o ballet. Se a política é mais trabalhosa do que a dança? Humm... Talvez um projeto de lei não dê tanto trabalho quanto ensaiar um pas-de-deux."

A BONEQUINHA VEM DA GEÓRGIA

Quem é afinal, como criatura humana, essa pequenina Lialia Mitaishvili, que aos vinte anos de idade já sustém entre as mãos (e na ponta dos pés) um mundo tão agitado, tão colorido e sedutor? Em primeiro lugar, quase uma garôta que ainda se distrai tecendo, na conversa, uma porção de sonhos e de idéias encantadoramente infantis. Num intervalo dos ensaios no Municipal, com a testa perolada de suor, quando me aponta com os dedos de unhas não pintadas (ela detesta a maquilagem e o verniz, e nem sequer usa baton como a companheira que ao lado nos espia) esse assombroso Chabukiani que cruza o palco pouco adiante, não esconde uma incontida admiração; e põe-se a fitá-lo muito esticada nos calcanhares, exatamente como o faria uma colegial. Parecem também recém-saídos da escola os dois olhos côr-de-mel que não se fixam por um só momento. Não fala inglês, nem francês ou espanhol; contudo, aprendeu, com uma gargalhada gostosa a dizer como vai? adeus e muito obrigada num engraçado português. Mas imprime tanto calor aos gestos, dá tanta expressão à mímica (não fôsse excelente bailarina, pois não!) que a gente quase chega a entendê-la sem precisar do intérprete.

Com alegria entusiástica e regionalista, ela me fala de sua pátria, a região ensolarada de Tbilissi, capital da longínqua Geórgia, onde a terra reflete a Natureza e ou abraça a ternura líquida dos rios, de cujas margens brota um fulgurante folclore, ou então se increspa e sobe, apaixonada do infinito, "para encontrar-se lá em cima com o azul do céu". Para L.M., no Cáucaso, "tudo é emocionante, tudo é *vsie ochen horosho*, ou seja — muito bonito". Outra frase: "Temos de tudo na Geórgia, embora sejamos apenas, no mapa, um pequeno rincão". Tão pequeno — quanto ela própria, Lialia, e também tão — talentoso? "Não sei se tenho tanto talento", ela sorri. "Mas garanto que a Geórgia — tem."

Modéstia. "Lialia será, tome nota, a provável sucessora dessa feiticeira da dança que é Galina Ulánova", cochicha-me um dos componentes do grupo. E declara que os quinze colegas seus, sem excluir até mesmo o exigente V. Chabukiani, assim a considera.

Depende apenas de que ela continue a desenvolver-se", sublinha alguém ao lado. "A pequena vai longe, pode escrever."

UM LEMBRETE SOBRE TBILISSI

Fala-se agora em Tbilissi. De novo os dois olhos esvoaçam-me pelo rosto, como se estivessem procurando transmitir-se um retrato ao vivo da paisagem georgiana. Fico sabendo que a Geórgia propriamente dita tem aí por volta de quatro milhões de almas, que se movem nos campos e nas cidades dentro do seu inusitado panorama. Em Tbilissi vivem apenas oitocentas mil pessoas. "É da Geórgia", narrou certa feita Ehremburg, "que nos chegam algumas das mais notáveis tradições artísticas". Talvez seja mesmo. Prova é que, para essa reduzida população, muitas vezes menor do que a do Rio, há ali uma proporção surpreendente de casas de espetáculos e de centros de cultura. Vejam a relação, que Lialia vai dando pacientemente:

1 — Uma ópera e ballet (o grupo que nos visitou e que, não sei por que, vem sendo confundido pelos críticos como se fôra o do Teatro Bolshoi).

2 — Cinco teatros de drama, nos quais se podem ouvir peças em russo, em georgiano, em inglês e em francês.

3 — Dois teatrinhos para crianças.

4 — Dois teatros de bonecos (atração irresistível para os russos).

5 — Um Conservatório de Música.

6 — Duas orquestras sinfônicas de renome mundial.

7 — Uma escola superior de coreografia, cujo diretor é Chabukiani.

8 — Dois teatros de comédia musicada.

9 — Um Instituto Teatral.

Ademais, cerca de cinquenta clubes de arte dramática, frequentadíssimos especialmente pelos jovens, celeiros de artistas para os grupos nacionais e para o Bolshoi.

UMA EXPERIÊNCIA DESAPONTOU

Lialia vai dizendo que a dança se entranhou nela desde tenra idade.

"Mesmo no Jardim da Infância, eu dançava sempre que podia, inclusive interpretando o nosso folclore. Depois, sabe como essas coisas acontecem: acabei entrando para a escola de coreografia. E desde 1954, quando estreei no teatro, já representei os papéis de cinco bailados principais, como em Oteló e na Montanha Azul. Qual é agora a minha ambição artística? Dançar Gisele e o D. Quixote."

Uma curiosidade: "A primeira vez que entrei para a escola de ballet não gostei. Mandaram-me executar um punhado de passos rítmicos e só. Foi desapontador. Eu queria começar, sem mais delongas, a bailar..."

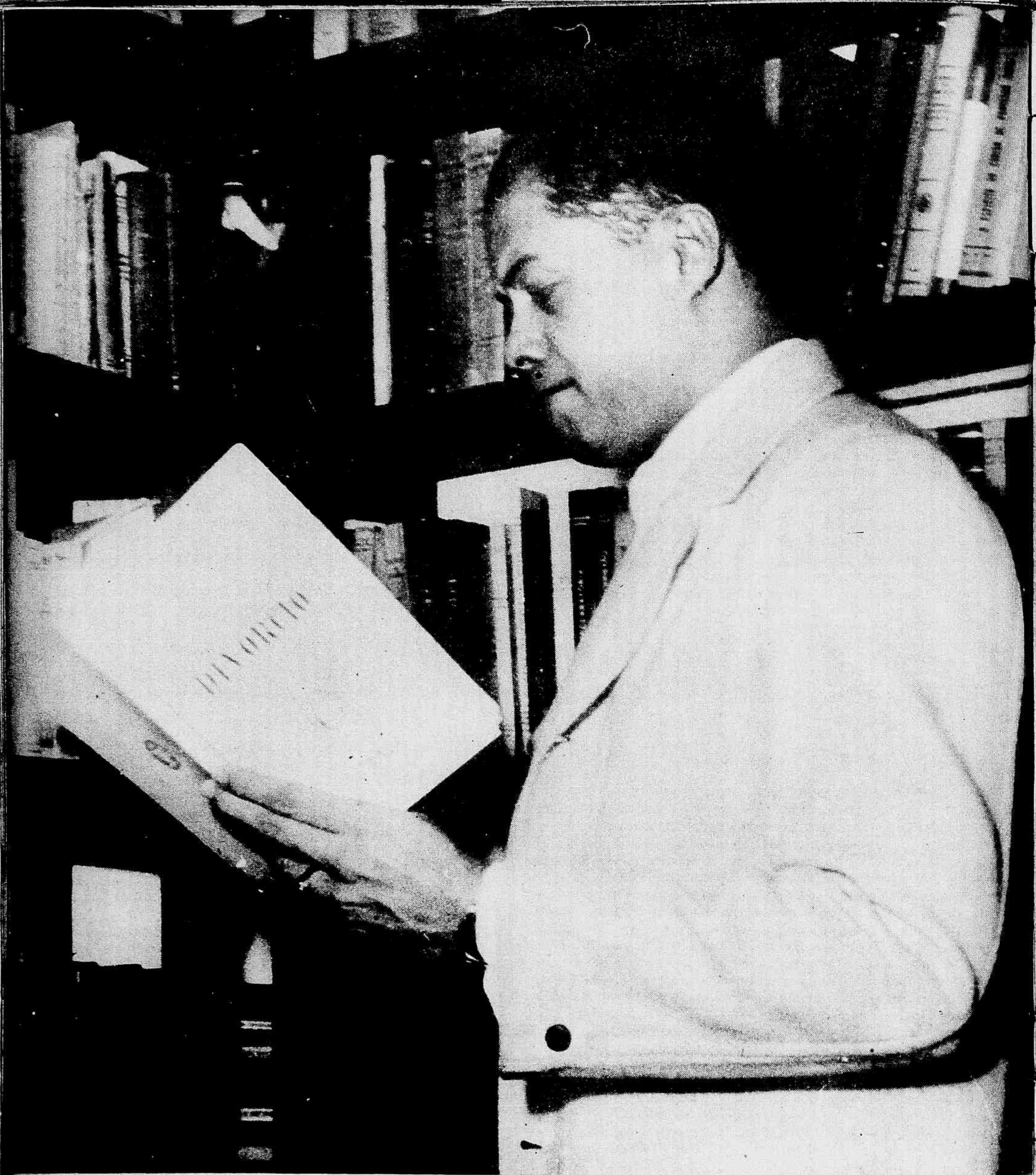
Outra resposta: "Se eu não fôsse bailarina, o que pretenderia ser? Simples — bailarina. Ah, se não houvesse ballet no mundo, não se espante; eu o inventaria..."

UM GATO E UMA SAUDAÇÃO

Ela revela a seguir que são três irmãos e duas irmãs na família; um deles estuda Medicina, os demais trabalham, um outro "ainda não sabe o que quer". A maior satisfação de L.M. no Rio foi "poder mostrar um pedacinho da arte do meu país". E acrescenta: "Espero que eu tenha agradado". Agradou, sem sombra de dúvida! E, a meu pedido, escreve numa tira de papel, em sua língua natal (até o intérprete russo fica em palpos de aranha para entender), uma pequena saudação ao povo carioca, a ser transmitida pela REVISTA DA SEMANA.

Antes de despedir-se, confessa-me outra vez, com aquele arzinho infantil, que adora cachorros, conquanto não possua nenhum, pois em sua casa "lá longe, mamãe vivia cercada de gatos, espécie que não me atrai". Não obstante, os gatos devem dedicar-lhe, convenhamos, misteriosa simpatia: tanto que um gato preto atravessou tranqüilamente o tablado do Municipal quando Lialia estreava.

Se ao menos tivesse sido um papagaio...



NELSON CARNEIRO, viúvo sem filhos, diz que a felicidade no casamento depende mais das virtudes da esposa do que dos erros do marido e que a ela deve, por isso, os melhores anos de sua vida. Acha que um segundo casamento acontece e ninguém sai de casa com o propósito de encontrar uma nova esposa. Até hoje não se preocupou com esse problema. Para ele, Deodoro não tinha razão: "a quem Deus não dá filhos, recompensa dando sobrinhas".

DIVÓRCIO

- a tragédia necessária

FERNANDO BARRETO

★ O recenseamento de 1940 demonstrou que 15.1% das mães brasileiras nunca se casaram. Ou sejam, 673.102 mães solteiras, com 2.712.918 filhos nascidos vivos. Considerando que muitas puderam declarar uma falsa condição de esposa, chegaremos à conclusão de que esse número é acentuadamente superior...

A PRIMEIRA DESINTELIGÊNCIA entre o homem e a mulher surgiu no Paraíso: Conta-o o próprio Gênesis, primeiro dos livros do Pentateuco, atribuído a Moisés pelos católicos e para os racionalistas, obra dispersa, de numerosos autores. Praticado o pecado original, Deus disse ao homem:

— “Quem te mostrou que estavas nu? Comeste da árvore que te ordenei não comesses?”

— “A mulher que me deste por companheira” — respondeu Adão — “ela me deu da árvore e eu comi.”

Nesse primeiro episódio da história da desarmonia conjugal, não agiu nobremente o primeiro homem, responsabilizando a Eva pelo erro de ambos. Mas, a partir de então, marido e mulher buscaram solução para a impossibilidade da vida em comum, quando o irremediável se interpõe entre ambos.

DESQUTE E DIVÓRCIO

Em princípio, não há quem seja favorável ao desquite ou ao divórcio, como objetivo, finalidade ou aspiração. Ninguém casa para descasar. Todos os que se consorciavam esperam encontrar na família que organizam, felicidade, compreensão e segurança. Quando, porém, o lar se desmorona de forma iniludível, as leis oferecem as soluções extremas.

Raros são os países que mantêm em sua legislação o desquite. Mesmo esses, lutam por substituí-lo pelo divórcio — fórmula aceita por todos os povos civilizados do mundo. Os defensores da indissolubilidade do vínculo matrimonial, para argumentar, cotejam o divórcio com a felicidade conjugal.

O problema deve ser pôsto em outros termos: o divórcio tem de ser confrontado com o desquite.

A luta pela substituição do desquite pelo divórcio na legislação brasileira, não é coisa nova. Vários e em diferentes épocas, têm sido os seus generais. Dentre eles e no passado, cumpre destacar: Coelho Rodrigues, Érico Coelho, Martinho Garcez, Sá Pereira, Heitor Lima e Filadelfo Azevedo; no presente, Nelson Carneiro,

ex-deputado federal pela Bahia e candidato a reeleição pelo Distrito Federal, comanda a batalha.

Das lutas que tem sustentado da tribuna, pelos jornais e em debates públicos, traz a experiência dos conhecedores da causa.

— Após o desquite — diz somente três caminhos se abrem à mulher, ainda que ela seja jovem e inocente: a inteira continência, os encontros fortuitos e as ligações duradoiras. No divórcio, a mulher tem um destino certo com a possibilidade de um segundo casamento à sombra da lei. Todas as estatísticas e todos os estudos científicos demonstram que as famílias estáveis asseguram proles mais numerosos e mais sadias. Quando presidente e relator da Comissão de Defesa da Natalidade, demonstrei com dados oficiais que os filhos ilegítimos contribuem com uma percentagem muito mais alta, para o número de nati-mortos, que os legítimos.

E assegura: — Assim, o desquite não exalta a mulher, não a dignifica, não serve aos filhos — nem aos anteriores, nem aos que nasceram depois —, nem serve à sociedade a constituição do que Filadelfo Azevedo chamava “famílias de segunda classe” e que o Estado, através de sucessivas leis, acabou por amparar. Em uma palavra: o desquite propicia a constituição de dois lares ilegítimos; o divórcio permite a organização, no futuro, de duas famílias legítimas.

DIVÓRCIO EMOCIONAL

Sobre a influência do desquite ou do divórcio, na educação dos filhos, observa Nelson Carneiro:

— Tanto para os cônjuges como para os filhos o ideal, o desejável, é o entendimento. Mas se esse entendimento decair, se essa harmonia desaparece, então os filhos sofrem, haja desquite, haja divórcio. A menos que se decidam à continência — o que escapa à normalidade humana — terão os filhos que assistir às relações ilegítimas dos seus pais com terceiras pessoas. Essa situação causar-lhes-ia maiores danos morais do que se sou-

Adauto Lúcio Cardoso, contra a anulação de casamento após cinco anos de desquite: —

"O projeto se desloca para a área do divórcio e este encontra a obstrução na lei."



bessem que contrairam segundas núpcias, como acontece com os viúvos. Por fim, o que sobretudo prejudica à criança, é o que Louise Despert chamou de "divórcio emocional" — os choques, os desajustes, as agressões, as injúrias trocadas pelos pais, na presença dos filhos aturdidos.

DIVÓRCIO PARTICULAR

Explica o líder divorcista que, se regulamentado em bases rigorosas, o divórcio viria regularizar milhares de uniões irregulares, espalhados por todo o Brasil. Em abono de sua tese cita a seguinte página do constitucionalista Carlos Maximiliano, ao comentar o texto da Constituição que proclama a indissolubilidade do vínculo matrimonial:

— "No Brasil, a princípio, os pares desditosos promoviam anulação de casamento, alcançados mediante suborno e empenhos. Como as autoridades reagissem, passaram os casais brasileiros ao desquite amigável ou judicial; pleiteavam, depois, a queda do vínculo em Montevideu. Embora sem valor jurídico, este processo era acatado pela sociedade; e a prole futura nada sofria porque a jurisprudência criadora considerava naturais e conseqüentemente reconhecíveis, os filhos dos desquitados, cujo cônjuge legítimo vivesse na época da concepção. Pouco a pouco se diluíram os escrúpulos, eliminaram os subterfúgios e suprimiram as cerimônias; o desquite é publicamente equiparado ao divórcio; no mundo oficial, na alta sociedade, no seio das famílias, entre a gente mais rigorosa das capitais e do interior, entraram com tôdas as honras e são tratadas como espôsas regulares, as senhoras que aceitaram segundo marido em vida do primeiro, ou, embora solteiras ou viúvas, desfrutaram os tálamos conquistados outrora por menos encantadoras filhas de Eva. Praticamente desapareceu a chamada indissolubilidade do matrimônio. O resultado foi mil vezes mais danoso que o presumível até mesmo na vigência do instituto porventura liberalizado em demasia; sobreveio a anarquia, a desordem; em vez do divórcio condicionado, dificultado, regulado, existe o voluntário, o espontâneo, o fato "ad libitum", sem figura de juízo, ao sabor dos interesses e paixões." E conclui irônicamente o consagrado constitucionalista: — "Hoje no Brasil, a decretação do divórcio a vínculo adviria com inutilidade perturbadora: eis a razão justificativa do texto fundamental."

DIVÓRCIO DE ESTRANGEIROS

Se, para os brasileiros, há esse divórcio particular desfigurado, para os estrangeiros que não se naturalizam, mesmo os residentes no Brasil, há divórcio, dissolução integral do vínculo, com um segundo casamento.

Vejamos um exemplo: um cidadão austríaco, domiciliado nesta capital, casou-se no Brasil com uma patriciã, aos 18 de fevereiro de 1928, perante o então Pretor Sílvio Martins Teixeira. O registro do casamento está no Cartório da 8ª Circunscrição do Registro Civil a fls. 110v do livro 53. Mais tarde os cônjuges desavieiram-se e desquitaram-se amigavelmente no Juízo de Direito da

Segunda Vara de Família, em sentença confirmada pela Quarta Câmara do Tribunal de Justiça, em sessão de 2 de julho de 1948. Os desquitados que tinham tido a inspiração de continuar austríacos neste país de imigração, obtiveram em 23 de dezembro de 1949, a decretação do seu divórcio pela Décima Vara para Causas Cíveis de Viena. Essa decisão foi trazida à apreciação do Supremo Tribunal Federal que a homologou, em reunião de 17 de outubro de 1951. E o marido, aqui casado e desquitado e divorciado na Austria, casou segunda vez no Brasil, com outra estrangeira, estando viva a primeira espôsa, em 12 de março de 1952, conforme se observa no Cartório da Décima Circunscrição, à fls. 193 do livro 42-B.

— Na comédia "O culpado foi você" — lembra Nelson Carneiro — que escrevi, montei e fiz representar em todo o Brasil como propaganda do divórcio, focalizei um caso semelhante. E uma jovem conterrânea impedida de casar segunda vez e cujo marido português casara legalmente com outra mulher, exclamava em desespero: — "Mas, a desgraça é a gente nascer brasileira!"

SINAL VERMELHO: ELEIÇÃO A VISTA

Na legislatura passada (1950-1954), Nelson Carneiro, então deputado, apresentou emenda retirando do texto do art. 163 da Constituição as palavras "de vínculo indissolúvel" sem o que não há possibilidade de divórcio no Brasil. Votada em 1952, a emenda foi rejeitada por 184 votos contra 46. Em 1951, apresentara projeto de anulação de casamento após cinco anos de desquite, também rejeitado, mas por 116 votos contra 89. Diante desse resultado promissor, em 1953 renovava esse último projeto com redação destinada a responder às críticas que, na ocasião, foram formuladas. Ao deixar a Câmara, em 1954, o projeto aguardava parecer da Comissão de Justiça, sendo arquivado, na forma do Regimento, ao fim da legislatura. Este ano, o projeto foi desarquivado por iniciativa do deputado Sérgio Magalhães e voltou à Comissão de Justiça. O parecer do relator designado, deputado Adauto Lúcio Cardoso, foi pela rejeição, considerando que "o projeto se desloca para a área do divórcio e este encontra obstrução na lei."

Sua votação em plenário antes das eleições, entretanto, por motivos óbvios, será prejudicial à possibilidade de aprovação, pelas influências que se exercerão sobre ele.

Sobre os possíveis desentendimentos que teriam ocorrido entre os defensores do divórcio, afirma Nelson Carneiro:

— O divórcio não tem dono. É uma causa de todos os que têm coração para se debruçar sobre as dores alheias, ou serenidade para julgar suas próprias aflições. Não há como dividir os divorcistas, os que nos combatem. Não estamos sujeitos a nenhuma autoridade disciplinar, nem servimos a nenhum dogma. Cabe-me, nesses últimos anos, reacender a chama. Mas sou apenas um dos seus servidores, um dos combatentes da grande causa. O principal é que a luta não cesse, não pereça. Pouco importa que mãos conduzam ao triunfo a bandeira desfraldada. Os que nos querem dividir perdem seu tempo. Nossos caminhos, aparentemente diversos, visam o mesmo fim.

BANCO DE CRÉDITO DA AMAZÔNIA S. A.

SEDE: BELÉM — ESTADO DO PARÁ

CAPITAL E RESERVA: Cr\$ 1.929.081.021,80

OPERAÇÕES

**Cobranças — Descontos — Empréstimos — Depósitos — Ordens de Pagamento —
Financiamento à Produção Rural e Industrial — Compra e Venda de Borracha, etc.**

AGÊNCIA NO DISTRITO FEDERAL — Rua da Assembléia, 62

FONES: gerência 42-3978

contador 52-5195

borracha

empréstimos

cadastro

cobranças

depósitos

ordens de pagamento

42-7980

32-4156

Presidente:

JOSÉ DA SILVA MATTOS

Diretores:

**EXPEDITO AUGUSTO NOBRE — ALVARO SIN-
FRONIO BANDEIRA DE MELLO — LUIZ GUDOL-
LE CACCIATORE — SYLVIO LEOPOLDO MA-
CAMBIRA BRAGA**

ENCONTRO COM A ARTE DE DESPIR no Brasil. Na França e nos Estados Unidos não há mais mistérios no "Strip-tease". Encenações fabulosas precedem uma arte que já não mais desperta maiores comentários. No Brasil ainda estávamos no nu parado e decorativo em cena, quando apareceu Sahara Regina como um oásis num deserto (troca-dilho trágico, eu sei...).

Tôdas as noites, o fundo de um dos quadros do atual espetáculo do "Night and Day" torna-se uma janela indiscreta e através da persiana vemos entrar na penumbra um vulto, acender uma luz de cabeceira, despir a roupa, vestir lenta e graciosamente um "baby-doll" e em seguida deitar-se suavemente, talvez com a certeza tranqüila de ter naqueles 45 segundos mantido os olhos do público mais atencioso que todo o espetáculo nos seus 50 minutos.

Perguntamos: "Sahara Regina, como você consegue fazer aquilo, por que faz aquilo, até quando fará aquilo???"

Ela responde: "Primeiro, ao som da música. Segundo, porque estava no roteiro, e terceiro, até e enquanto concordarem que um corpo bonito em movimento pode ser mais atraente que outro nu, porém estático."

Sahara Regina nasceu em Bauru. "Como lugar de nascimento, serve", comenta ela. Para trabalhar preferiu o Distrito Federal. Foi modelo de roupas de banho até que Carlos Machado — a conselho de um conhecedor de beleza — mandou chamá-la. Começou como "show-girl" e certo dia recebeu ordens de descer com o busto despido no disco elevatório. A ordem dizia: "... se não houver objeção de sua parte..."

Não havia objeção. "No fundo descer de busto despido ou de **bikini** seria praticamente a mesma coisa, com a diferença que o **bikini** ainda deformaria meu busto...", comenta ela.

Naturalmente não havia movimentação. Sahara Regina descia no disco imóvel, exibindo uma fantasia, que havia dado trabalho à Gisela para conseguir cores e beleza em tão pouca fazenda...

Quando o espetáculo "Rio, I Love You" voltou de Punta del Este e foi reforçado para ser apresentado no Rio, o roteiro indicava um quadro de janelas indiscretas. Numa delas haveria uma moça de "baby-doll" preparando-se para deitar. Mas isto não completava os 45 segundos (é tempo à beça num palco) da duração do fundo musical. Estudos, lembrança da plástica de Sahara Regina, audácia e pronto! Nasceu o "strip-tease" brasileiro.

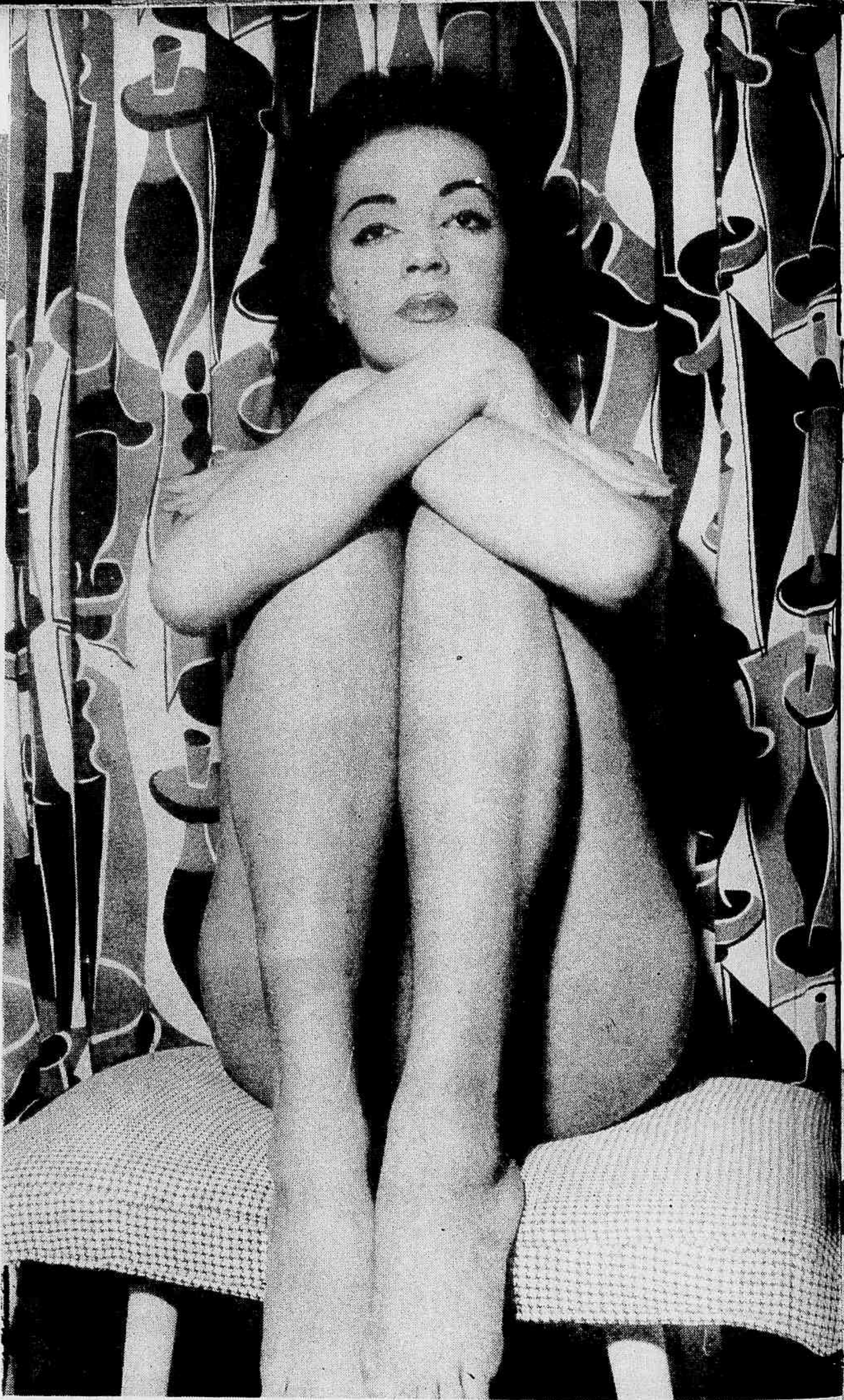
Insistimos: "Sêriamente, como pode você aparecer despida em público?" Sahara sorri. Explica: "Da mesma maneira que um

acrobata se equilibra na torre de um edifício. O segredo é não olhar para o chão." E depois, quisemos saber, na rua, em casa, numa casa noturna, quando todos estão olhando e sabendo que ela é a moça que aparece despida em cena?!

"Depois? Depois vem a certeza de que o público não assistiu um quadro de mau gosto, a esperança de que minha plástica tenha sido realmente boa, e a satisfação de saber que me reconhecem também pelo rosto..."

Fomos à indiscrição: "Dizem que você é rica, noiva de um rapaz milionário, e que trabalha por prazer e sem muita disposição justamente porque não precisa do dinheiro que isto lhe traz. É tudo verdade?"

Resposta: "Sou econômica. Emprego bem o que ganho. Quanto a noivados, isto é um problema que se resumirá simplesmente no fato de eu assinar ou não um contrato novo, e se não assinar será porque irei casar-me. Até este dia, ser noiva ou não, é de menor importância para meu trabalho e meu patrão. Tenho certeza de que enquanto trabalhar o farei como profissional correta, e se parar o farei dentro da lei, sem prejudicar a pessoa ou clenco algum. O fato de que tenho certa independência econômica não faz com que eu abuse na minha profissão. Não entendo porque estes comentários maldosos. As vedetas podem ficar descansadas, não quero o lugar delas..."



encontro



com chuck

Portanto, cremos que Sahara Regira continuará excelente profissional até o dia que casar. Não poderíamos querer mais que isto.

ENCONTRO COM UMA PRAGA periódica de Copacabana: **the fleas ride again!** Se há uma coisa que me desespera, é uma onda de pulgas. Todos que me conhecem sabem que correrei a milha em menos de três minutos se me ameaçarem com uma aranha (mesmo papa-môscas), mas quando o caso é pulga, o assunto é muito mais trágico! Minha primeira vontade é culpar o prefeito. Acho que Negrão foi para o Itamarati para fugir ao que tenho a dizer sobre uma cidade sem água, luz, transporte, calçamento adequado, comida, leite, e que ainda por cima está infestada de pulgas.

Não, não aconselhe uma calafetação, detetização ou qualquer outra medida. Tudo isto já foi feito. Nem culpem meu caniche. O primeiro suspeito foi justamente ele, tendo todos os seus **pompons** sido cuidadosamente

investigados. Creio que ele se ofendeu. Quando cheguei em casa ontem, Rufus estava me esperando à porta com um pacotinho de DDT para empoar minhas calças e sapatos!

ENCONTRO COM UM MISTÉRIO que agita a Europa cada vez mais: Milko Skofic é um Svengali que trata sua esposa como Trilby o era no conto. Creio que até aí não haveria nada de novo nem muito espetacular se a esposa de Skofic não fosse conhecida como Gina Lollobrigida.

Tudo começou nos Estados Unidos, quando Gina foi entrevistada na televisão por Ed Murrow, sem dúvida o mais famoso repórter-comentador da América. A estrela esteve praticamente apagada, e Milko respondeu por ela (por sua exigência, apareceu diante das câmaras com ela) sendo algumas respostas neste teor: "Gina é péssima dona de casa... Abandonei minha carreira médica para salvar sua carreira artística... Se eu deixasse ela teria mais de

10 filhos e perderia seus contratos..." Este último comentário despertou a atenção do Vaticano. Como sabem, a Igreja Católica Apostólica Romana é ferrenha inimiga do controle de natalidade. A Itália acompanhou a Igreja na sua curiosidade, enquanto a atitude clerical tenha sido um simples erguer de sobrelanceiras, a ação jornalística foi mais fundo. Começaram os comentários e as investigações. A gravidez de Gina e subsequente nascimento do Júnior não impediram os rumores noutros setores. "Gina é infeliz e completamente dominada pelo marido", foi o veredito final da imprensa européia, em outras palavras.

Afinal, quem é Skofic e como conheceu Gina? Resposta: Milko nasceu na Slovenia, em Lyubiana. Durante a última guerra refugiou-se na Itália e durante algum tempo foi simplesmente isto: um refugiado. Terminado o conflito mundial, Skofic foi se tornando um bom médico e acabou trabalhando num estúdio da Cinecittà (Hollywood italiana), onde por acaso veio a conhecer Gina. Logo depois Skofic abandonou a medicina. Mas até hoje não se afasta um metro de Gina em público. Fomos reparando na sua presença cada vez mais até que os jornais mundiais publicaram uma nota que passou despercebida à muitos: Skofic esbofetou Gina no saguão de um hotel antes de uma "première". Mais tarde explicou: "Um simples recurso caseiro para um fenômeno comum. Gina estava nervosa e histérica. A bofetada foi dada por mim como médico e não marido..."

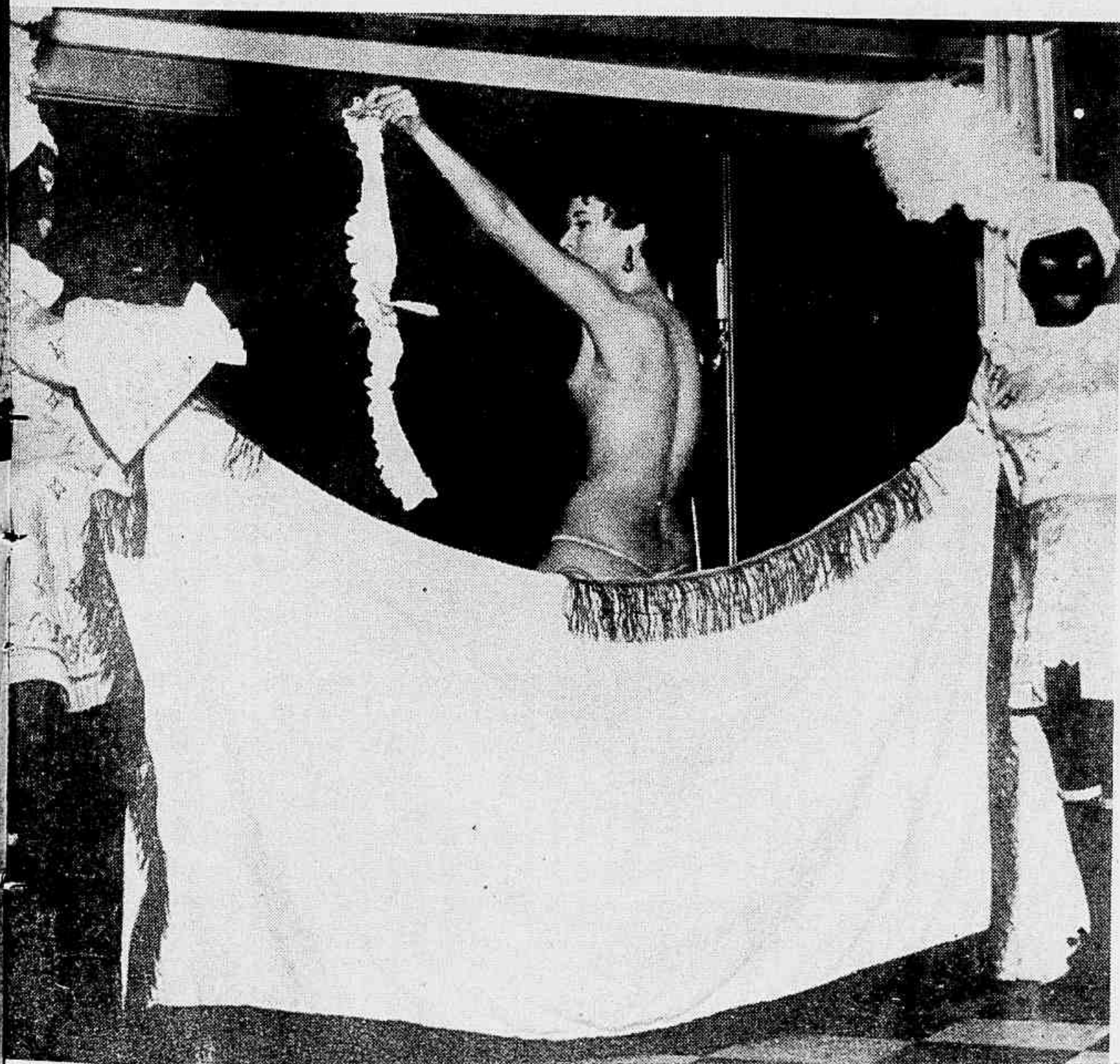
Enfim... continuaremos a pagar nossa entradinha de cinema e a dar graças a Deus que pelo menos na tela podemos ter nossa querida "Lollo" sem a sombra Skofiquiana atrás...

ENCONTRO COM UM PAI do "Café-Society", que pediu para não mencionar seu nome. Está bem, vá lá. Creio que a história que contou também não deveria ser mencionada, acho que já a ouvi em algum lugar...

Disse ele que vai mandar sua filha para uma universidade americana este ano e que recebeu um longo questionário para responder sobre a moça. Uma das perguntas era: "Sua filha é uma líder nata?"

"Eu respondi que não sabia se ela era ou não uma líder, mas que garantia ser minha filha uma seguidora aplicada", disse o pai.

Sorriu. "Eles responderam que minha filha estava aceita, explicando que era com satisfação que no grupo de 230 calouras deste ano, finalmente encontravam uma seguidora para as outras 229 líderes-natas..."



PARTIA



Artes gráficas polonesas

A ALMA DE

UM POVO ATRAVÉS

DOS CARTAZES



«PAK, O VALENTE, filme soviético. Cartaz de Jerzy Srokowski, pintor e artista gráfico.

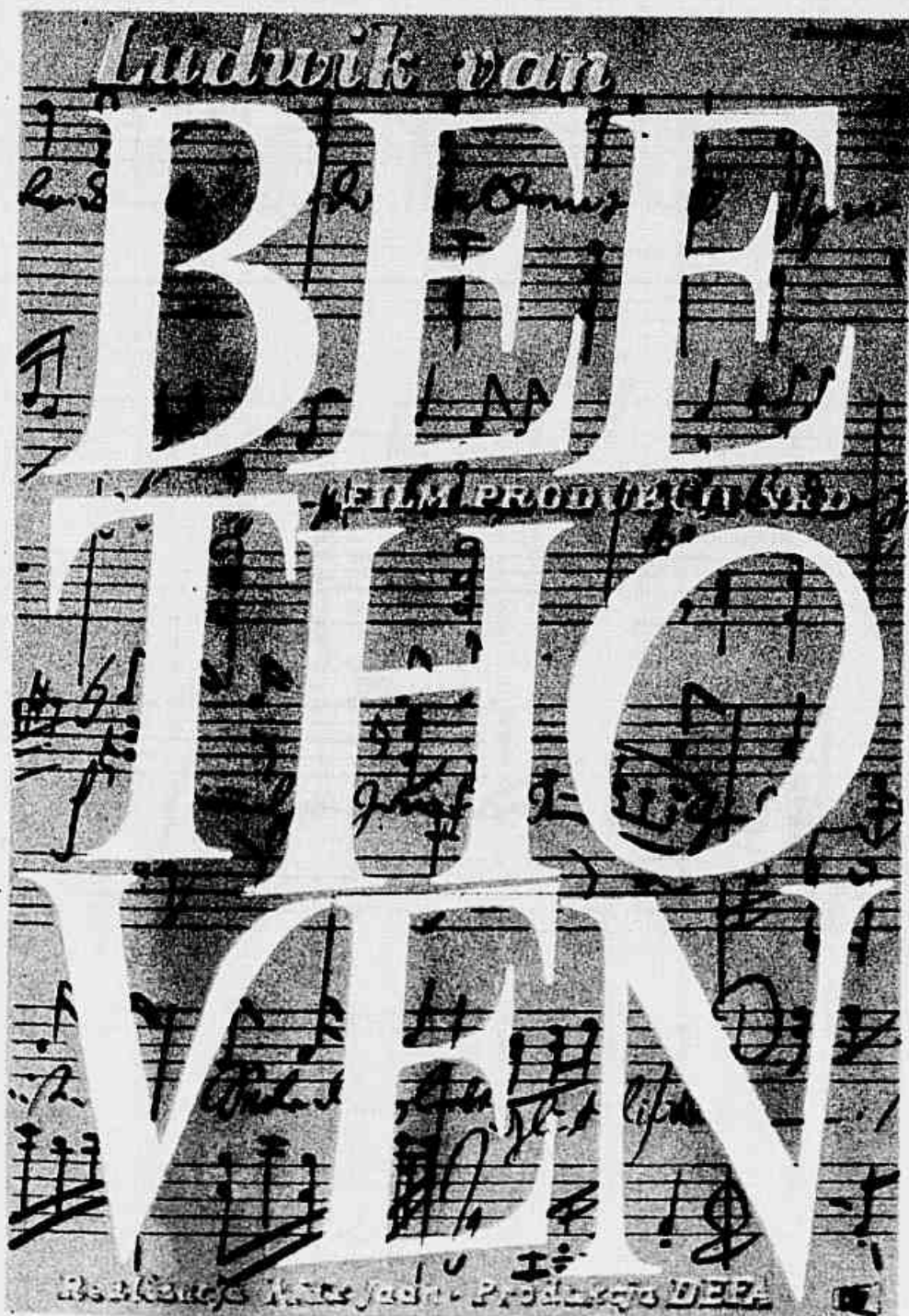
O «PARTIDO», magnífico cartaz de Włodzimierz Zakrzewski, Prêmio do Estado de 1950.

EM POUCOS PAÍSES do mundo adquiriram as artes gráficas — representadas sobretudo através de cartazes — um tão avançado grau de desenvolvimento, quer no plano artístico, quer no que se refere à sua divulgação — como na Polônia. Com os últimos anos, chegou mesmo esse ramo das artes plásticas a tornar-se algo tão familiar ao povo daquele país, insinuou-se e se adaptou tanto à vida do polonês, que é, hoje, o melhor elemento de expressão das idéias de seu povo, de seu modo de vida. O cartaz polonês, magnificamente realizado, é utilizado hoje na Polônia em todos os setores. E tendo em vista o seu alto nível, tornou-se, como não podia deixar de ser, conhecido além fronteiras, gozando do respeito e da admiração de todo o mundo. Não só as grandes datas nacionais e de festejos populares estão, através dele, representadas; tão avançado se encontra o país nesse terreno que os próprios anúncios de cinema são apresentados através de autênticas obras de arte, vazadas na mais avançada técnica. E quando vemos os inexpressivos cartazes de cinema feitos em outras partes do mundo, exclusivamente comerciais, e pomos em confronto com os que nos mandam a Polônia, através de seus álbuns e de suas

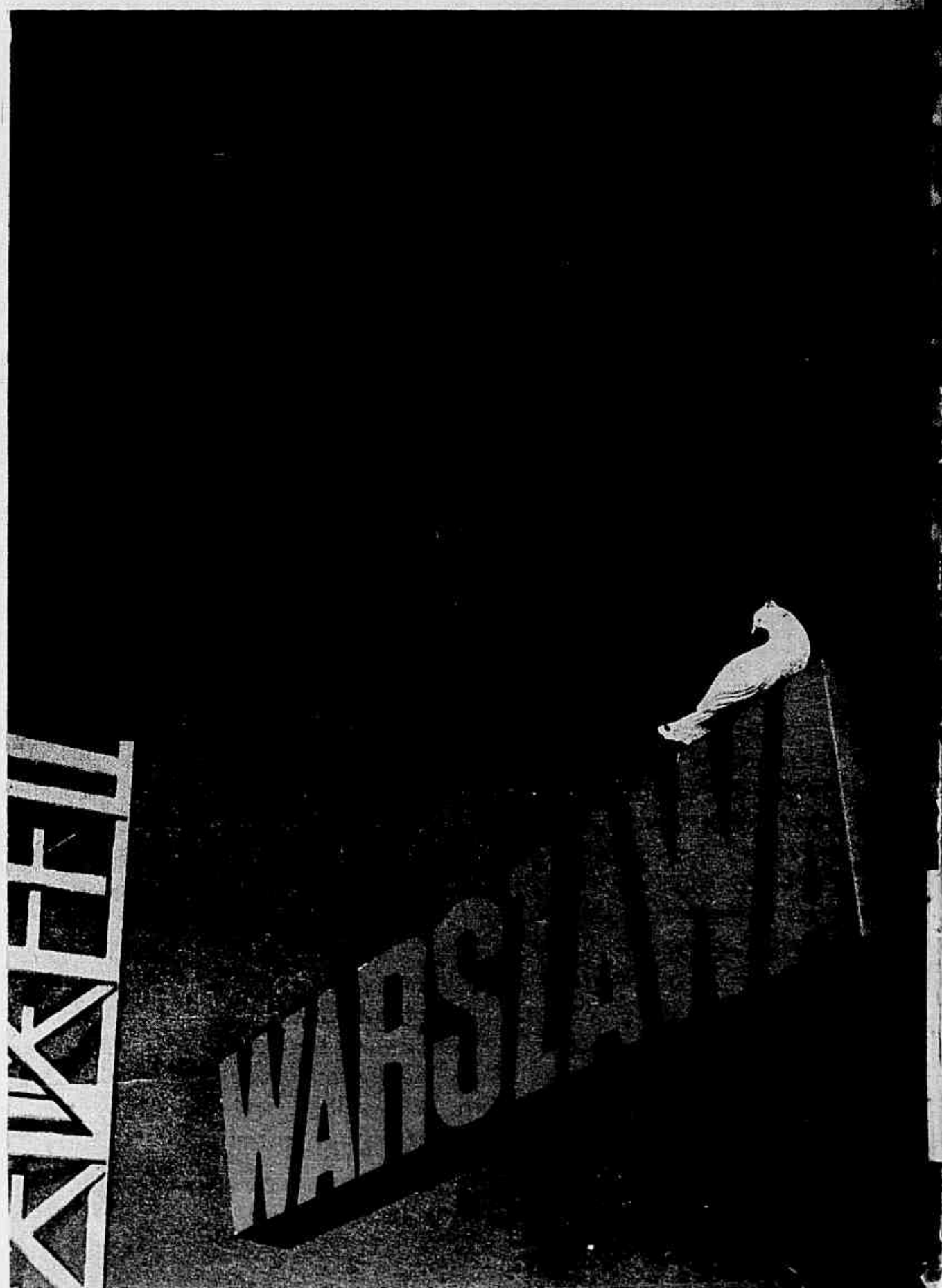
exposições itinerantes, nos surpreendemos de como se pode pôr o bom-gosto a serviço de algo tão simples, exclusivamente comercial. Mas isso dá, por outro lado, uma medida expressiva do desenvolvimento do país no setor artístico.

Apresentando aos nossos leitores algumas reproduções desses trabalhos, assinados por alguns dos maiores artistas daquele país — Henryk Tomaszewski, Zakrzewski, Adam Hoffmann — acreditamos prestar um serviço à incipiente produção cartazística nacional — que só agora começa a ser incentivada através de concursos oficiais. Pela sua forma fácil e direta de transmissão, pela sua facilidade de penetração nas grandes e pequenas cidades, é o cartaz, sem nenhuma dúvida, o veículo ideal não só de propaganda — qualquer que seja ela — mas também de orientação do bom-gosto do público — e por isso a sua produção, bem realizada artisticamente, precisa ser incentivada num país com a extensão do Brasil, onde há tanta dificuldade de difusão de arte e de cultura, e onde os poucos museus existentes se restringem às grandes capitais. Prestamos, também, uma homenagem à arte da Polônia, justamente no mês em que ela comemora a sua data nacional: o 22 de julho.

CARTAZ de Stefan Bernacinski para «Beethoven», filme alemão.



«**VARSÓVIA**», também de Trepkowski, é um de seus trabalhos mais belos.



IDADE MÉDIA E OUTROS ASSUNTOS

O LIVRO QUE em 1938 o senhor Ivan Lins dedicou a "A Idade Média, a Cavalaria e as Cruzadas", e que resultou de uma série de conferências pronunciadas na Academia Brasileira de Letras, naquele mesmo ano, alcança agora sua terceira edição (1). A Idade Média não tem merecido, de parte dos estudiosos brasileiros, as atenções que realmente merece: nos Estados Unidos, por exemplo — e é Portella, jovem crítico de valor, quem o notou, em seu livro de estréia "Dimensões I" —, toda uma vasta equipe de medievalistas encontra-se atualmente em plena fase de produção de livros. E os Estados Unidos, como o Brasil, nasceram quando já na Europa findava a Idade Média, de que são, por assim dizer, até há alguns poucos séculos passados, o prolongamento no tempo e no espaço. Impossível entender o presente, desconhecendo o passado; impossível prever o futuro, não entendendo o presente: daí a importância de estudos históricos como esse de Ivan Lins, e como todos os que dele se avizinham.

Uma qualidade, portanto, já teria o livro de Ivan Lins, até se lhe negando qualquer outra: a de versar sobre tema tão importante quão pouco tratado, entre brasileiros. Mas há outras qualidades, em "A Idade Média, a Cavalaria e as Cruzadas": sua preocupação em ser imparcial, sendo tanto quanto possível completo — preocupação que já transpira da frase de Montalembert que lhe serve de epígrafe; a sólida base de conhecimentos sobre que repousa um estilo ágil e que nada possui de aborrecido, versando embora sobre tema reconhecidamente propício às digressões eruditas, insípidas e tediosas; o método expositivo, lógico e belo em sua simplicidade. Um livro, esse de Ivan Lins, que honra seu autor, honrando também, principalmente, a cultura brasileira.

Passando do ensaio histórico ao gênero descritivo, às narrativas de viagens, hoje bastante em moda entre nós, digamos algo a respeito do livro do senhor Flávio Costa, há tempos aparecido na Bahia, sobre sua excursão aos países da "Cortina de Ferro". Chama-se, o volume, "Além das Tórreres do Kremlin" (2), e foi escrito ao sabor e ainda sob os influxos dos acontecimentos presenciados. Daí sua espontaneidade, daí também certo descosido entre alguns capítulos: o escritor, quando de regresso ao Brasil, teve de fazer "cortes" nos vários capítulos, para depois — como fazem os negrafistas — com o material assim conseguido compor seu livro. O resultado foi uma obra de leitura agradável, viva e composta num estilo bastante claro — mas naturalmente pouco profunda, sem oferecer, de tudo quanto foi visto, qualquer análise interpretativa. Foi, aliás, o que de melhor realizou o autor, esse não apelar para a interpretação de quante viu: pois ninguém de sã consciência poderia tentar uma análise de povos e terras tão distantes, num período de tempo tão escasso, e desconhecendo língua e psicologia nacionais.

Saltando agora para a ficção — embora para a ficção que se baseia em fatos históricos —, falemos do livro com que o senhor João Felício dos Santos retoma o tema de Canudos: "João Abade", um romance que não é o primeiro de seu autor. É a narrativa emocionante e certamente bem escrita da luta sustentada há mais de sessenta anos entre a gente de Antônio Conselheiro e as forças do Estado — narrativa baseada nas próprias notas de um dos pro-

tagonistas do drama, Julius Cesare Ruy de Cavalcanti (o "Arlequim"), caídas por acaso nas mãos do romancista. Reanima-se assim um tema que Euclides da Cunha com "Os Sertões" aparentemente esgotara até à última gota — e que, sem embargo, mereceu há pouco nada menos que um plágio, na França, e terrível refutação, aqui mesmo entre nós, com o livro "A Verdade Sobre Os Sertões", de Dante de Mello. Pela temática, aproxima-se "João Abade" do chamado "romance nordestino" — e a luta de Canudos presta-se, mais do que qualquer outro assunto, a essa espécie de romance; mas acontece que João Felício dos Santos nasceu no Estado do Rio, sendo assim, quando muito, um romancista nordestino de adoção. O filólogo encontrará, portanto, vários desentendimentos entre a linguagem utilizada pelo escritor e o cenário em que se desenrola a ação: pois João Felício dos Santos utiliza sua própria língua quando põe na boca de seus personagens as frases dialogais. O simples leitor, porém, apreciará sem dúvida o volume — que como já se disse tem a valorizá-lo um estilo agradável, bastante agradável mesmo, e sobretudo muito afastado do estilo de Euclides da Cunha — aquela "prosa de engenheiro" que em si próprio o grande Euclides reconhecia. De maneira que reconhecemos, em "João Abade", um livro de interesse, e em seu autor, João Felício dos Santos, um legítimo homem de letras, embora viva afastado — para seu próprio bem e maior admiração nossa — da denominada "vida literária" (3).

Para acabar o artigo, a breve análise de três peças de teatro há pouco editadas: "Três Mulheres de Xangô", de Zora Seljan (4). Zora, como Nietzsche, parece "só acreditar num Deus que saiba dançar": por isso põe em seu livro, como primeira frase, a que segue: "Meus personagens são deuses que se manifestam dançando". No teatro de Zora Seljan, portanto, é grande a importância da coreografia, da música, do visual puro. O diretor, diz ela, deve poder "supervisionar o coreógrafo, o músico, o figurinista e o cenarista, harmonizando seu trabalho com o dos outros". É uma experiência inédita, entre nós, e que certamente dará seus frutos. Sobre cada uma das "três mulheres de Xangô", escreveu Zora Seljan uma peça: "Oxum Abalô", "Iansan" e "A Orelha de Obá" — as duas primeiras em três atos, a outra em um único ato. É um teatro inteiramente baseado no folclore negro, sobre ele devendo pronunciar-se o especialista, mais do que o teatrólogo, o etnólogo tanto quanto o crítico.

(1) — Ivan Lins: "A Idade Média, a Cavalaria e as Cruzadas". Livraria São José. Rio de Janeiro, 1958. 402 páginas. Terceira edição.

(2) — Flávio Costa: "Além das Tórreres do Kremlin". Livraria Progresso Editôra. Salvador, 1958. 379 páginas. Capa de Lênio.

(3) — João Felício dos Santos: "João Abade". Livraria Agir Editôra. Rio de Janeiro, 1958. 307 páginas. Capa e ilustrações de Poty.

(4) — Zora Seljan: "Três Mulheres de Xangô". Edições GRD. Rio de Janeiro, 1958. 221 páginas. Capa e ilustrações de Caribé.

NOTÍCIAS DE ARTE

*** A cidade conta com nova galeria: o "Salão do Mar", situado à avenida Marechal Câmara, 314, centro. Ali se realizou há tempos o "Salão do Mar", patrocinado pelo Ministro da Viação, em combinação com Antônio Olinto, diretor do Serviço de Documentação do Ministério da Viação e Obras Públicas. Agora, o sr. Lúcio Meira passou o controle da vasta sala (parte do edifício em que funciona o Departamento Nacional de Iluminação e Gás do M. V. O. P.) para as mãos de Augusto Rodrigues, cuja Escolinha de Arte já ali funcionava, no quarto andar. No salão, anualmente, entre 15 de agosto e 15 de setembro, será realizado o "Salão Santa Rosa", instituído pelo I.P.A.S.E.

*** Mário Pedrosa parte para o Japão, onde irá estudar, como bolsista da Associação Internacional de Críticos de Arte, a arte nipônica contemporânea.

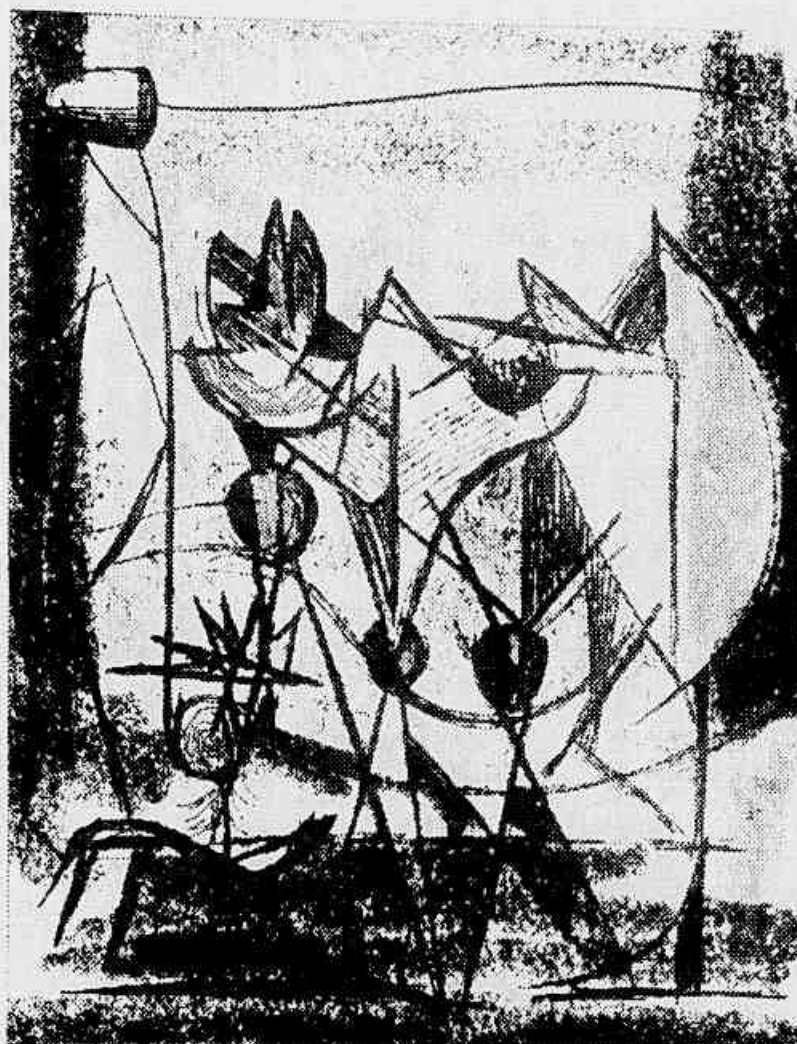
*** No próximo mês, Oswaldo Goeldi exporá na Galeria Gea.

*** Ao que tudo indica, será protelado o encerramento do Sétimo Salão Moderno, que assim prorrogar-se-á além do próximo dia 20, data de seu término oficial.

*** Já na Europa o pintor Ivan Serpa, vencedor (com Darel) do VI Salão Moderno, de 1957. Encontra-se na Espanha, onde realizará exposições a convite do Governo

*** Djanira expõe, no fim do mês corrente, no Museu de Arte Moderna. Sua mostra é rememorativa, e abrange igualmente uma tapeçaria, executada em Aubusson, segundo esboço original da artista.

*** Breve, pelo Serviço de Documentação do Ministério da Educação: "Bruno Giorgi", álbum fotográfico com muitas de suas principais obras. Outros livros de arte programados por Simeão Leal: "Crítica de Arte e Seus Problemas", por Helmut Hungerland; "Doze Profetas de Congonhas do Campo", texto e fotos de Hans Mann.



GRAVADORES POLONESES NO RIO

Obras de dez gravadores poloneses contemporâneos acham-se em exposição no saguão da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, desde o dia 21 passado. Essa exposição, que já antes esteve em São Paulo, é a primeira propiciada por um intercâmbio há pouco concertado entre o Museu de Arte Moderna de São Paulo e a União dos Plásticos de Varsóvia, e talvez venha a percorrer outras cidades brasileiras. Na foto, uma monotípia de Adam Marczynski: "No Jardim".

GENTE

Reynaldo Jardim prepara um ballet concreto, a ser brevemente lançado, durante o Festival que terá lugar no Teatro Copacabana. Quando do lançamento, haverá uma

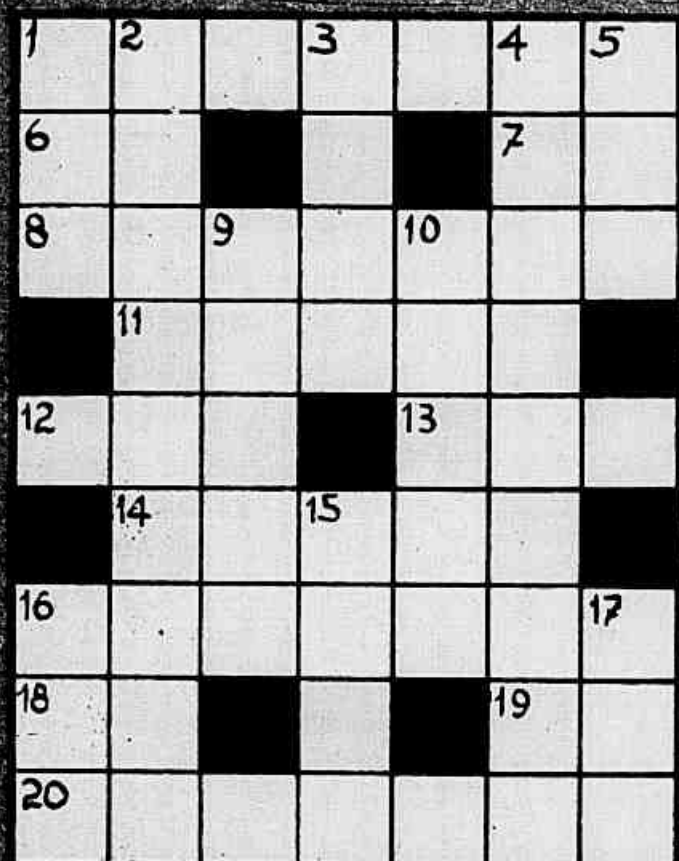
exposição de arte e poesia concretas, como a que em 1957 monopolizou as atenções gerais para o Ministério da Educação. *** Sairá breve nova edição de "O Anjo Amarelo", dessa vez envergando o nome do autor verdadeiro, Camilo Soares. Como se sabe, o jovem Roberto Simões há tempos lançou como seu esse livro alheio, num rumoroso caso que agitou nosso meio literário. *** Carneiro Leão editará muito brevemente um estudo sobre a poética de Verhaeren, poeta que muito influenciou a poesia brasileira durante as duas primeiras décadas e mesmo pela terceira, do século atual. Simeão Leal cuidará do lançamento. *** Há um movimento no sentido de que o "Machado de Assis", prêmio anualmente distribuído pelo Instituto Nacional do Livro (conjunto de obra: cem mil cruzelros) venha a ser atribuído esse ano a Luiz da Câmara Cascudo, autor de obra numerosa e admirável. *** Rui Mourão, que em 1956 estreou com bom livro de ficção — a novela "As Raízes" —, prepara novo trabalho para breve: "Área de Silêncio". *** Aos 43 anos, após enganadoras melhoras num estado de saúde precário há vários meses, faleceu há pouco em São Paulo o ensaísta Edgar Cavalheiro, autor de monumental biografia de Monteiro Lobato. *** Lisboa — é o que nos declara seu irmão, José Carlos Lisboa. Henriqueta, avessa à chamada *vida literária*, como a qualquer espécie de publicidade, publicou em 1956 seu livro mais belo, "Azul Profundo". *** José Paulo Moreira da Fonseca partiu para a Europa, integrando a comitiva brasileira a um congresso internacional na Suíça. O poeta Augusto Frederic Schmidt foi chefiando a missão. *** Ascendino Leite, autor de "A Viúva Branca", prepara novo romance: "O Salto Mortal". *** José Lino Grünewald faz, no último número da "Revista do Livro", ótimo retrospecto do Movimento Concretista no Brasil. No mesmo número, Oswaldino Marques apresenta várias objeções à poesia concreta. *** No Rio (apenas por alguns dias) o romancista norte-americano John dos Passos, que veio a convite do Itamaraty, em missão cultural.

NO FIM DA CRISE

Um PINTOR INSENSATO, um grupo de jornalistas mentirosos e algumas mulheres feias, todos de conluio, deram origem à maior crise jamais atravessada por um Salão de Arte, no Brasil. Por dias e dias, os jornais se encheram de declarações levianas, as quais, fugindo sempre à razão e ao bom-senso, para apelar para a paixão, para o preconceito, lograram criar, no âmago de muitos, a confusão e a injustiça. Um homem que classificou às suas próprias ações de "paranóicas" foi o pivô de tudo: ávido de publicidade, doente de corpo e de espírito, engendrou no cérebro um plano que conseguiu seus resultados — e por alguns dias seu nome não saiu do cabeçalho de jornais. Atacou a tudo e a todos; dizendo-se um lutador pela causa da justiça e da verdade, perpetrou injustiças e falseou a verdade; fez com a maior desfaçatez aquilo mesmo que a outrem acusou, da maneira mais vil e mais impiedosa. Conseguiu inculcar, no espírito de criaturas de cérebro mais fraco ainda do que o seu, quando desejou — e assim foi que tais pessoas vieram para os jornais a aumentarem a legítima tempestade em copo de água que então foi formada. Tão longe,

tão caviloso foi seu plano, que os dois homens sobre quem recaiu o peso de sua acusação — e que não podiam rebatê-la, pois estavam obrigados por lei ao silêncio e à descrição —, por alguns dias afrontaram a carga cerrada dos que desejavam sua demissão — demissão que, naquela altura dos acontecimentos, significaria a não realização do Salão de 1958 e, quem sabe, o fim dos Salões de Arte Moderna.

Agora, tudo já serena. Libertos do sigilo imposto legalmente, já os dois acusados começam a defender-se, já a verdade reanima-se e se impõe. Haverá lucro da crise ultrapassada? Que providências tomará a Comissão Nacional de Belas Artes para que tais fatos não se repitam, para que não fique toda a classe artística abalada graças à má compreensão de um louco? Será o Salão de Arte Moderna coisa tão frágil, que as invencionices de um membro de júri, demissionário, bastem para sacudi-lo e quase deitá-lo por terra? — Esperamos não. E que uma série de providências enérgicas possa de uma vez por todas pôr termo a esse estado de coisas.



PROBLEMA N.º 44 — PARA NOVATOS

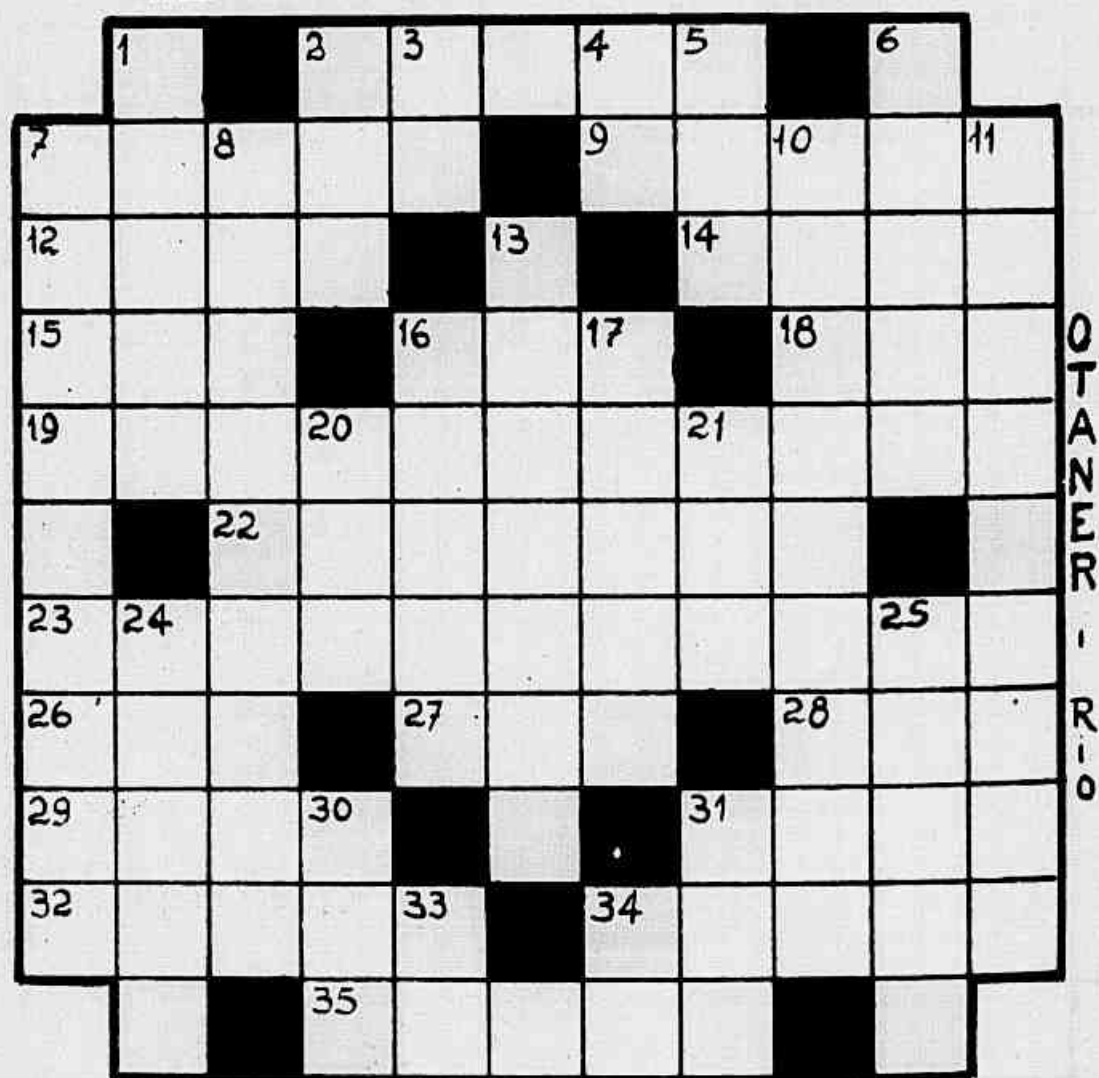
HORIZONTAIS: 1. Tornara liso — 6. Perversa — 7. Sufixo verbal — 8. Suportava — 11. O mesmo que apai — 12. Pinha — 13. Fileira — 14. Só uma — 16. Venerara — 18. Segunda nota musical — 19. Dois em algarismos romanos — 20. Farias uso.

VERTICAIS: 1. Quer bem — 2. Distância de qualquer ponto da Terra ao equador, medida em graus no meridiano desse ponto (pl.) — 3. Cura — 4. Faria conhecer; descobriria — 5. Pedra do altar — 9. Designação de um planeta do sistema solar — 10. Aguardente extraída do arroz fermentado — 15. Irritar; causar ira — 16. Sapo das regiões do Amazonas — 17. Gemidos, suspiros.

PROBLEMA N.º 44 — PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: 2. Nome que os romanos davam aos habitantes da Ásia Ocidental, hoje China, famosos pela fabricação de seda — 7. Mordedura — 9. Geminção de dois cristais, dos quais um se deduz do outro — 12. Não quer — 14. Nome de homem — 15. Medida japonesa de peso — 16. Dependência — 18. Vila da França, nos Pirineus — 19. Relativos à obstetrícia — 22. Arrolha — 23. Apático — 26. Título honorífico na Índia — 27. Dá aviso de alguma coisa em voz alta — 28. Lago da Noruega — 29. Pessoa gorda — 31. Protege — 32. Exaltara — 34. Ligar — 35. A aurora (em tupi).

VERTICAIS: 1. Rêde miúda de arrastar — 2. Su-Sueste — 3. Deusa da Aurora, filha de Hiperion — 4. Preposição — 5. Afluente do Mississipi — 6. Líquido volátil de cheiro análogo ao do sabão — 7. Bitáculas — 8. Bexiga cheia de ar, que rebenta fazendo ruído — 10. Pés — 11. Morsegar — 13. Agarra — 16. Gênero de insetos coleópteros, nocivos às plantas, do N. da Ásia — 17. Mercado — 20. Cola — 21. Erga — 24. Nascidos — 25. Referente à parte posterior do pé — 30. Tempo — 31. Segue — 33. Jeito — 34. Ducentésimo.



SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS N.º 43

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: acaso — infra — caba — aral — airar — diabo — brizomancia — Eil — cat — aas — hai — ais — cia — oir — Sit — honestidade — intra — auras — atar — rada — serral — comes.

VERTICAIS: acabe — cairi — abrilhantar — Saaz — Nain — fracassaram — rábia — aloás — rociosa — Dataria — má — chias — lonte — it — idade — tésas — erra — duro.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: ara — amo — araca — agá — rá — or — América — ri — ar — dar — virar — mia — sol.

VERTICAIS: Ra — ara — aca — má — agarrar — arara — orara — ami — ôca — dia — ras — vi — ro.

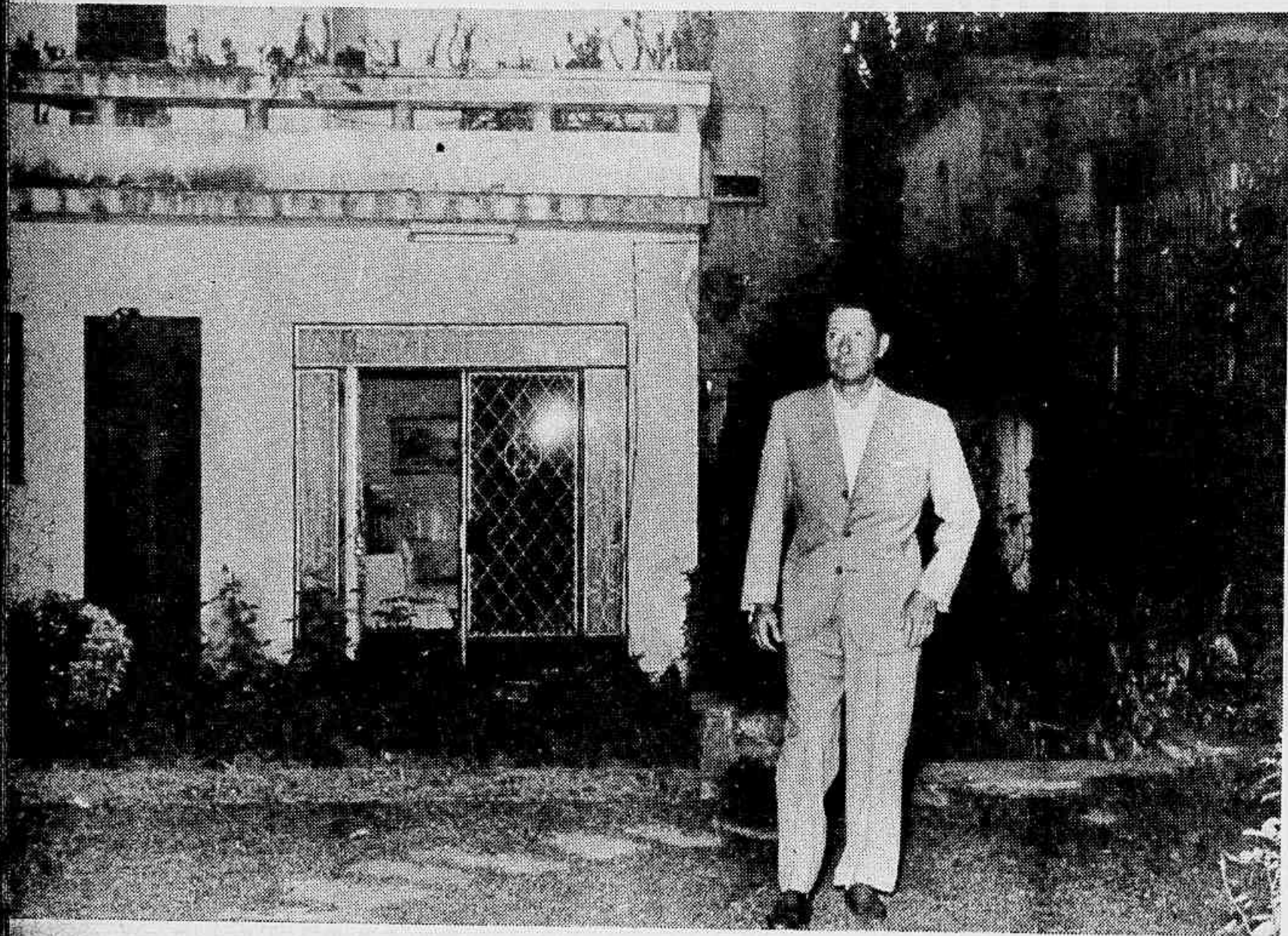


Segurando a sua cachorrinha "Chiquita", enumera Leguisamo as qualidades do bom jóquei: inteligência, boas pernas, coragem e raciocínio rápido.

LÉGUI (AOS 54 ANOS)

AINDA CORRE "PRÁ CABEÇA"

Uma tibia fraturada e cem dias de hospital não arrefeceram o entu



O grande jóquei já sofreu uma série de acidentes. Num deles, em 1948, foi salvo por milagre. A sra. Leguisamo toca piano e compõe músicas para crianças. "Mas gente grande também gosta de ouvir" — diz ela.

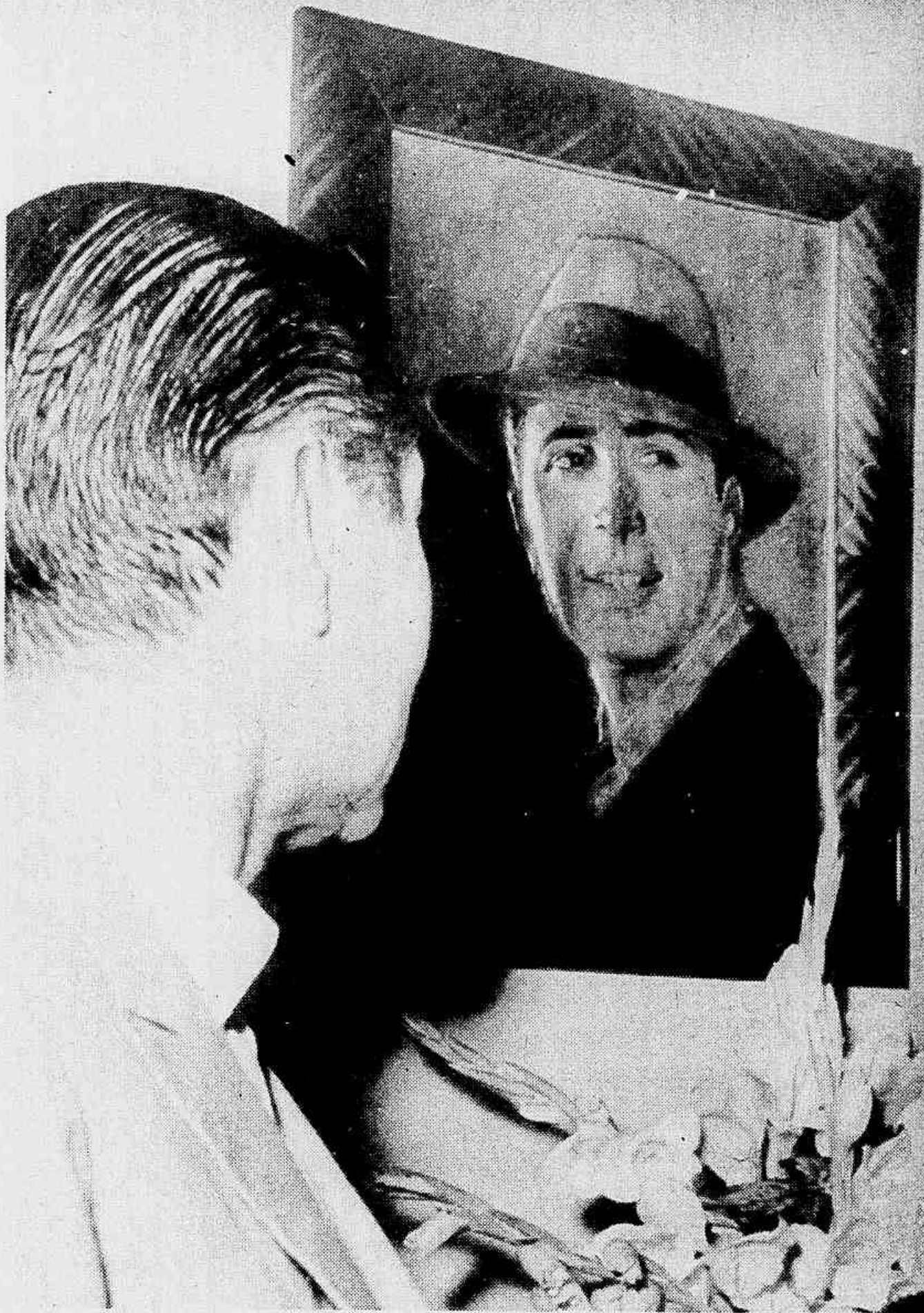
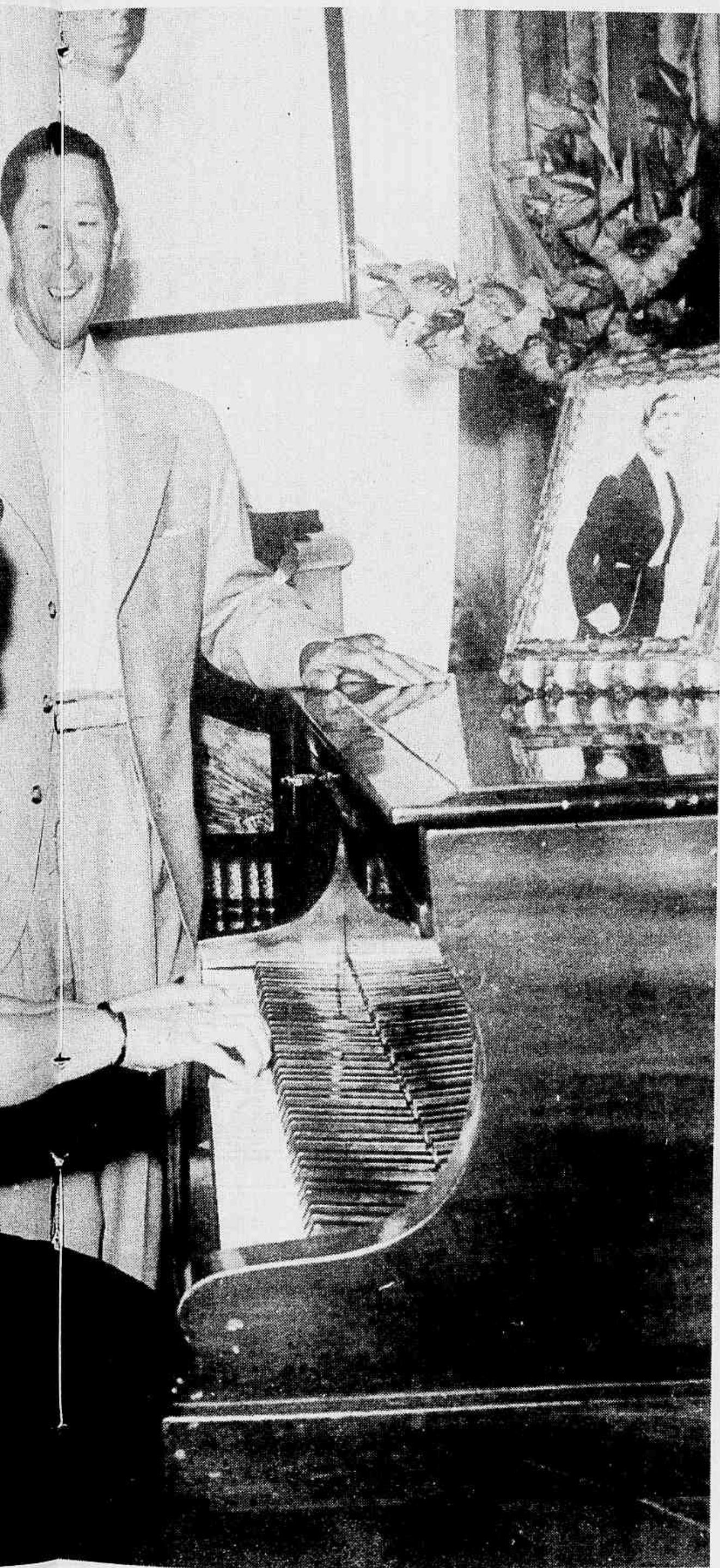
AOS 54 ANOS, com 3 120 páreos ganhos, Irineu Leguisamo afirma que corre com o mesmo entusiasmo que tivera aos 14, quando pela primeira vez montou um cavalo com êsse fim. E quando alguém fica muito admirado como êle ainda disputa corridas com essa idade, dá sempre uma boa gargalhada e diz que na Inglaterra Alexandre Luilyier, com 64 anos, ainda deixa para trás muitos ginetes brotos.

Em 9 de março dêste ano, o maior jóquei da América Latina sofreu mais um acidente (que êle diz comum na vida de qualquer corredor) em consequência do que fraturou três costelas, "coisa sem maior importância". Porém o seu mais sério tombo foi em 1948, quando fraturou a cabeça da tibia, passou 100 dias engessado e ninguém acreditava que voltasse a montar. Sômente veio a restabelecer-se à custa de muitas massagens, banhos e exercícios diários, além de férrea força de vontade. "Também a fé ajudou muito", diz sua espôsa que recebeu uma imagem milagrosa do jóquei chileno Ulloa e foi à igreja orar. "Quando entrei na capela, uma luz cintilava e pedi que se Légui ficasse bom me fôsse avisado pela Virgem, fazendo a luz parar uns momentos. A luz parou e tempos depois Irineu Leguisamo fazia a sua **reentrée** (vencendo), debaixo de verdadeira apoteose, onde não faltam flores e chapéus jogados com entusiasmo. No auge de sua carreira, lamenta apenas não haver aceito o convite que lhe fizera um **haras** de São Paulo, coisa de poucos anos atrás quando disputara um Grande Prêmio, na paulicéia. "Muita **plata** me ofereceram" — comenta Leguisamo, que hoje possui muitos bens e boa reserva em bancos.

Dona Délia Cláudia é a mulher do grande corredor, que já é também letra de tango e nome de cachaça argentina. Ela o conheceu no hipódromo, onde fôra pela primeira vez e em companhia de uma família amiga. Légui pediu logo para ser apresentado "àquela loura bonita" a quem telefonaria no dia seguinte e casava



O entusiasmo de um campeão



Légui começou a montar pelos quatro anos. Aos cinquenta e quatro, tem 3 120 páreos ganhos. Mas seu maior orgulho é ter sido amigo de Gardel.

4 anos depois. Dona Délia é, na Argentina, a única esposa de jóquei que possui cavalaria própria, pois isso que é proibido pelo Regulamento de Corridas, para ela foi aberta uma exceção.

O casal, que não possui filhos, mas tem 27 afilhados, cria uma cachorrinha Pincher que adora fuçar o bolso do dono, para apanhar pesos, e que por isso mesmo, D. Délia diz que "é boa mulher porque gosta de dinheiro". E quando o repórter pergunta se ela, esposa, adota o mesmo sistema de "Chiquita", Pincher, responde que não é necessário "pois sou a única dona dele e somente eu movimento com as suas finanças". A sra. Leguisamo compõe músicas para crianças "mas que gente grande também gosta de ouvir" e no mês de outubro faz festa em casa três dias seguidos (18-19-20), para comemorar a data de casamento, o dia em que se conheceram e o aniversário do esposo.

Irineu Leguisamo define um bom jóquei, dizendo o que ele precisa ter:

- 1 — Inteligência.
- 2 — Boas pernas.
- 2 — Coragem.
- 4 — Raciocínio rápido ("uma carreira se ganha em quatorze de segundo").

Mas não revelou aí um outro detalhe que os observadores julgam importantíssimo: correr sempre atrás, esperando os acontecimentos.

Légui começou a montar entre os 3 a 4 anos, aos 12 já corria, e de mais de 1 000 animais que pilotou, acna que "Filon" foi o maior. Outro maior: Sir Gordon Richards, na sua opinião o melhor jóquei do mundo. Irineu nasceu no Uruguai (Montevideu), correu duas vezes no Brasil (São Paulo e Rio), ganhando um "sweepstake", mas o seu maior orgulho é ter sido amigo de Gardel.



◆ DIOR — Vestido de lã preto, decote redondo, muito alto. Abotoado de alto a baixo formando "v" no plastrão.

PARA SUA ELEGÂNCIA

DEPOIS DO BANHO

TODOS OS DIAS : Escove seus dentes no sentido vertical, com uma escova dura e dentada e com um dentífrico.

— Empregue um desodorante: se enfiar seu suéter sem tomar esse cuidado, não terá nenhuma desculpa: todos os desodorantes, cremes, líquidos ou batons são fáceis de empregar.

— Escove seus cabelos, com golpes de escova da raiz à extremidade, curvando a cabeça em todos os sentidos.

— Proteja seu rosto com um creme gorduroso fluido e incolor. Reserve para a noite, o creme colorido e o carmim para o rosto. Se usar baton, que este seja rosado, espalhado cuidadosamente, e cujo excesso será retirado com um lanço de papel apertado contra os lábios.

— Escove os cílios e as sobrancelhas com uma escovinha umedecida em óleo de rícino. Passe óleo também nas pálpebras.

— Limpe as unhas com um pauzinho apropriado. Se as mãos estiverem manchadas, utilize meio limão para torná-las claras.



◆ CLARENCE — Vestido muito elegante em tweed azul marinho e branco, forma princesa. Decote em ponta. Gola larga com botões.



◆ LANVIN — Vestido de lã princesa. Blusa ajustada, mangas $\frac{3}{4}$. Decote redondo. Sala "forreau" terminada por tira de franjas pretas.

Para sua elegância

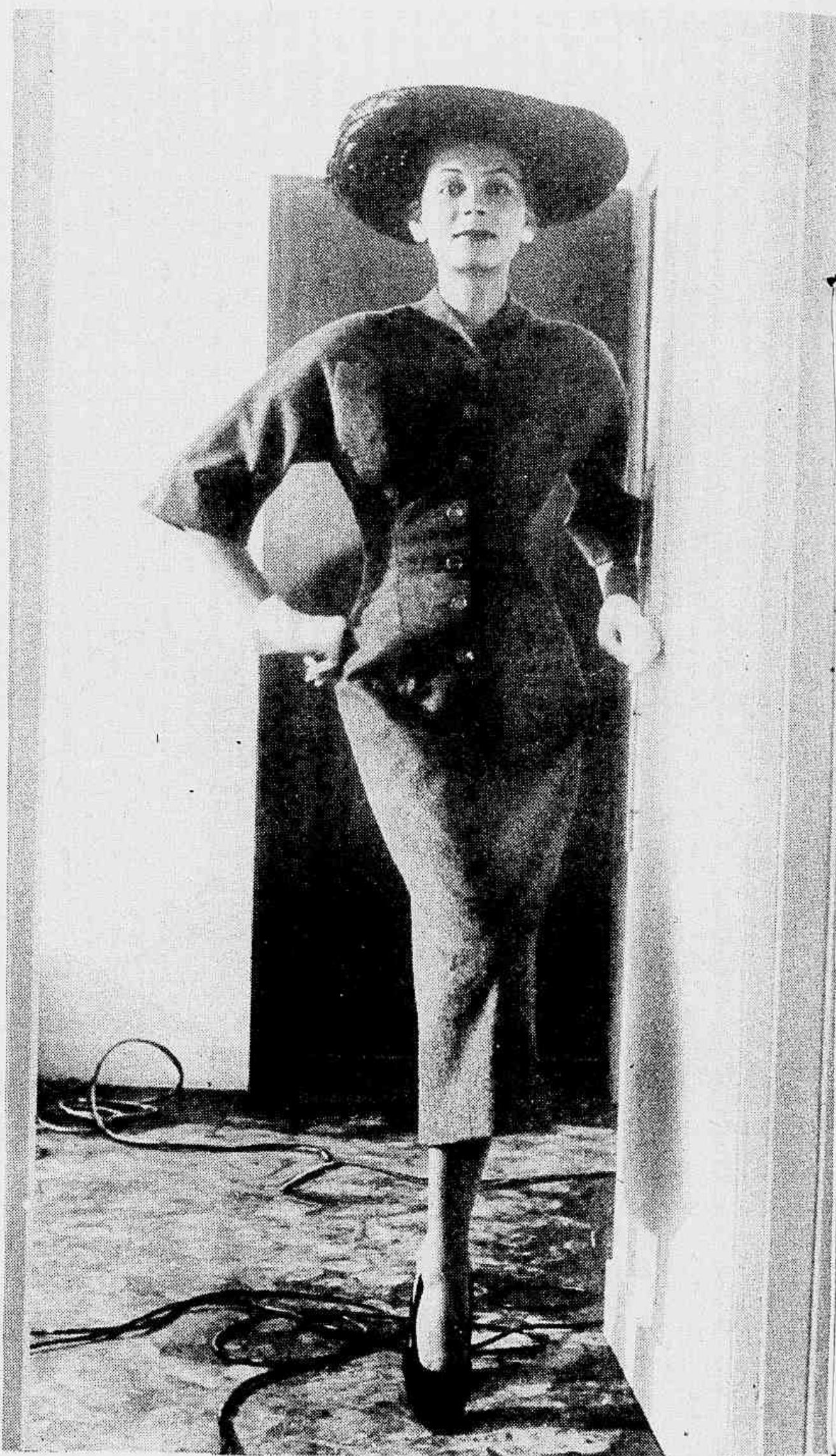


♦ **PIERRE CLARENCE** — Vestido de corpete cruzado na frente, saia montada na altura dos quadris, tôda com pregas largas. Decote em "v".

UMA VEZ POR SEMANA — Aproveite enquanto sua pele estiver ainda úmida para passar a pedra-pome nos cotovelos e nos calcanhares, se estiverem rugosos. Depois faça uma massagem com um creme ou óleo de amêndoas.

— Depile as sobrancelhas quando estejam muito espessas. Depile-as por baixo, a fim de fazer sobressair as pálpebras e respeite a linha natural.

— Cuide das mãos e dos pés. As unhas das mãos devem ser curtas, cortadas quadradas ou ligeiramente ovais, sempre limpas. A cutícula é removida com um pauzinho de laranjeira. Empregue verniz incolor. Se as unhas forem quebradiças, passe em volta delas, todos os dias, um algodão molhado em iodo branco. Tanto quanto as mãos, os pés devem ser impecáveis.



♦ **MAGGY ROUFF** — Vestido de flanela cinza. Linha princesa adelgaçando a cintura. Sem gola, efeito muito original, mangas $\frac{3}{4}$, dois bolsos no alto do busto.

Corte as unhas curtas e retas. Limpe bem o contorno das unhas.

DE MANEIRA REGULAR: Depile braços, pernas, axilas, Para os braços e as pernas, utilize a cêra depilatória (uma vez por mês). Para as axilas, sirva-se de uma navalha (uma vez por semana, mais ou menos).

— Umedeça um algodão em um pouco d'água oxigenada a 20 volumes e passe ligeiramente sôbre os pêlos do rosto. Se tiver a pele muito sensível, ponha em seguida uma camada de creme gorduroso para evitar alguma inflamação. Sobretudo não depilar com pinça ou cêra. Se os pêlos forem muitos, procure um médico especialista de pele, que poderá então proceder a uma depilação elétrica e definitiva.

A MISTURA creme-cinza do carro do Embaixador da França, sr. Bernard Hardion, é uma punhalada no tradicional bom gosto francês. O Embaixador precisa reajustar urgentemente a maquilagem de sua viatura.

O MINISTRO Cirilo Júnior convidou Antônio Calado, redator-chefe do "Correio da Manhã", para chefe do seu gabinete, tendo o jornalista recusado amavelmente o posto oferecido. O engraçado é que Tony Callado não conhece Cirilo. Em compensação, dizem que Cirilo conhece o "Correio da Manhã" e sua força política há 58 anos, sendo assinante do jornal desde a sua fundação...

ALAGOANOS GARANTEM que Arnon de Melo ganhará qualquer pleito no conflagrado território, esteja no governo ou oposição. Isto porque nas Alagoas, Arnon é o mais bonito, o mais rico e o de melhor conversa...

O NOVO public-relations de Baby Pig-natari (contratado por libras a valer) teria sugerido ao irrequeto patrão que abrisse uma verba substancial para propaganda subliminar na televisão. Já imaginaram brotinhos e balzaquianas recebendo esta mensagem: "Com um Baby a sua vida será outra coisa!"

CARLINHOS CHAGAS sambava valentemente no arrasta-pé com que Marcito Alves comemorou o seu envelhecimento e o batizado da Isabelinha, atraindo olhares gerais de inveja pelo excepcional estado físico. Um único pessimista — mineirão da velha guarda — comentou displicentemente: "Deu estrôncio no samba do Heitor dos Prazeres!"

OUTRO CARLINHOS, o Monteiro de Castro, está se tornando um habitué do pagador de placê no Jockey Club, nos últimos páreos de domingo. A explicação é simples: o homem só assiste o último páreo e só joga placê. Quando não acerta está comboiando alguma moça bonita que acertou. E moça bonita só joga placê...

A HISTORIETA é made in Chico Wright. Dois amigos bebiam há trinta anos no mesmo bar, às mesmas horas da tarde, os mesmos quatro uísques, na mesmíssima mesa. Um dia fizeram o pacto solene, tendo como testemunha o garção que os servia há trinta anos: quando o primeiro dos dois morresse o sobrevivente não deixaria de manter a tradição, continuando a frequentar o bar e passando a beber oito uísques, em rodadas de duas doses. Dois anos depois o miocárdio de um deles entregou os pontos e aquele que ficou passou a cumprir o pacto: diariamente sentava-se na mesa e pedia oito uísques, de duas em duas doses.

Os meses se passaram e uma bela tarde o cidadão entrou no bar e pediu apenas um uísque. O garção amarrou a cara e lembrou o pacto de que era testemunha, levando a seguinte resposta: "Não leve a mal, mas eu deixei de beber. Traga só os uísques do falecido".

HÁ UM NOVO-RICO nesta praça que encomendou ao seu decorador um altar barroco para a casa de campo. Objetivo do calhorda: distribuir na temporada de verão convites dominicais para missa e feijoada. Cozinheiro ele já tem, e muito bom. Resta saber se arranjará algum padre que se preste à patuscada.

O NOVO MINISTRO do Trabalho, sr. Fernando Nóbrega, tem um perfil de tirar complexo a qualquer um dos patinhos feios da política nacional. Perto do paraibano, Apolônio Sales parece galã de cinema.

DO SACHA'S para a porta de um colégio, de manhãzinha, eis o itinerário que um balzaquiano transviado vem percorrendo ultimamente, a fim de escoltar o brotinho que lhe sacudiu o coração boêmio. A paixão é tão grande que o homem já foi visto carregando pasta, dedo enroscado no dedinho da menina. Não se conta o nome, em atenção ao miocárdio combalido do seu ilustre pai.

O ENTREVERO no Oriente Médio principia a influir na vida social das colônias radicadas no Rio. No Clube Sírio-Libanês, por exemplo, já estouraram alguns feios bate-bôcas entre sírios da República Árabe Unida e libaneses em vias de ser engolidos pela voracidade pantagruélica de Nasser.

DENTE DE OURO, pelo visto, é moda na Geórgia. Pelo menos, uma boa maioria das bailarinas russas exibiu um áureo e simpático sorriso na recepção oferecida por Jorge Amado ao Ballet da Geórgia.

DESTERRADO para a Indonésia o embaixador Rubens de Melo, que andava pagando no ostracismo o pouco caso com que recebeu JK na Espanha, quando daquele giro europeu antes do presidente se empossar. Que não aconteça ao infeliz embaixador o mesmo contratempo ocorrido com o sr. Oswaldo Trigueiro, nosso primeiro representante diplomático na Indonésia, que ficou meses sem poder apresentar suas credenciais, porque o Itamarati não lhe enviava uma partitura do Hino Nacional, de execução indispensável na referida solenidade.

SUCESSO ABSOLUTO de uma gravata parisiense do sr. João Condé: a dita cuja está sendo gabada como relíquia arrebatada ao espólio de Jacques Fath.



AS VERDADES DE MARIAZINHA MARANGUAPE



CONTO

MARIUS



AS ROSAS

LIGIA FAGUNDES TELES

O SOM DE UMA BUZINA chegou até o quarto. Misabel teve um estremecimento. Abriu a mala. Tocou nas roupas com as pontas dos dedos. Depois, bruscamente, bateu a tampa e virou-se.

— Quer que te ajude? — perguntou Leticia.

Misabel não respondeu. Deitou-se de costas na cama. Seu olhar foi vagando pelo quarto. Era um quarto de teto muito alto e paredes encardidas. O tóco guarda-roupa côr de pinhão, as duas camas de ferro esmaltado e a mesa de tualite, com sua banqueta de palha, constituíam os únicos móveis. Em cima da mesa, havia uma pequena vitrola. Na parede, em redor do espelho, acumulavam-se retratos de artistas de cinema e gravuras pregadas com taxas. Sob uma ventarola chinesa, balouçavam duas bonequinhas de feltro, dependuradas pelas tranças. Uma poeira antiga entranhara-se em tudo.





Ao mesmo tempo em que a buzina da vitrola rompeu com violência.

Singularmente solitário no centro da parede, havia um antigo oratório de madeira. Dentro, uma velha imagem, tendo a seus pés três rosas de pano, crespas e vermelhas.

— Que santo é esse? — perguntou Misabel.

Leticia voltou-se um pouco para sua nova companheira de quarto, como se não tivesse entendido a pergunta. Estava sentada defronte ao espelho e escovava os cabelos, que eram curtos e verdes.

— Samuel disse que estou parecendo um pé de alface. Outro dia me despejou azeite na cabeça, o bruto. Estava de pileque, sim, mas eu gostaria de saber se, no maior dos pileques, ele faria isso na cabeça da mulher dele.

Puxou para a testa a franja irregular. Fêz uma pausa para acender o cigarro. E ao ver, através do espelho, que Misabel ainda tinha os olhos fixos no oratório, acrescentou:

— A roupa é de frade, mas também não sei. Estou aqui há um ano e só reparei nesse oratório quando Marfa precisou das flores para a fantasia.

— Marfa?

— Minha amiga. Morou aqui no pensionato, dormia aí, nessa cama... Você sabe, as freiras trancam o portão às dez horas da noite. Quem chegar depois, paciência, tem que dormir na rua. A Empadinha não te avisou isso? — perguntou Leticia a arrepiar a franja com a escova.

— Que Empadinha?

— A freira da portaria, o apelido dela é Empadinha. Não te avisou que o portão fecha às dez em ponto? Pois Marfa nunca chegava antes das dez, é claro. Vinha sempre de madrugada. Arranjou uma chave falsa para o portão do jardim. Mas não podia penetrar na casa, porque o quarto da Empadinha é logo na entrada. Então ela ia reto para a capela, que fica lá nos fundos. E ainda chegava em tempo de pegar a primeira missa, imagine. Quem é que ia desconfiar que ela vinha da rua e não do quarto? Com essa história, as freiras tomaram-se de amôres por ela. Uma santinha.

— Você sabe as horas? — perguntou Misabel.

— Seis horas. Aqui a gente não precisa de relógio, basta ver o que elas estão fazendo que elas são mais pontuais do que o relógio. Agora foram rezar na capela, não ouviu o tropel? Das seis às seis e meia é a reza. Às seis e meia começa a cantoria. As sete vem chegando aquele cheiro, entende? É o jantar. Então, você pode ir saindo para se encontrar com seu príncipe, ou, se não tiver convite, vá comendo seus biscoitos aqui mesmo no quarto.

O som da buzina voltou novamente. Erguendo os braços, Misabel agarrou a barra de ferro do espaldar da cama, como se fosse se levantar. Mas ficou assim, imóvel e tensa. Fechou os olhos.

— Por que ela foi embora?

— Quem?

— Sua amiga.

— Ah, pois é, um dia ela precisou de umas rosas para ir a um baile de fantasia. Arranjou um chale todo franjado, enrolou-se nele, disse que ia de espanhola. Faltavam as rosas. Já era noite, Marga era assim, resolvia tudo na última hora. Onde encontrar rosas vermelhas naquela altura? Foi então que eu reparei aí nessas. Então ela trepou na cadeira, pegou as flores e prendeu-as no cabelo, ficou uma beleza. Uma beleza. Foi para esse mesmo baile que pinte o cabelo de verde. Você gosta desse tom?

Misabel entreabriu os olhos. Estavam turvos de lágrimas.

— Não sei...

— As freirinhas quase tiveram um ataque quando me viram assim. Inventei que tinha me enganado no *shampoo*. Elas acreditaram. Ou fingiram que acreditaram. O pensionato vai mal, está fecha não fecha. Se por dá cá aquela palha elas ainda começam a mandar a gente embora... Com a Marfa, a coisa não teve remédio mesmo. Ela bebia feito um gambá e até aí nada de novo. A novidade foi quando ela começou a tomar drogas, entende? Na noite do baile, tomou um pileque monstro. E chegando de madrugada, foi como de costume, para a capela. Quando Irmã Paula entrou para a missa, já encontrou Marfa esparramada no chão, com as rosas do oratório dependuradas no cabelo. Irmã Paula é a jardineira. Ela vivia dizendo que as verdadeiras flores do seu jardim, éramos nós, imagine... Mas teve que mandar Marfa ir se despetalar noutro canteiro.

Misabel voltou o rosto para a companheira. Tentou sorrir, mas os lábios ressequidos conseguiram apenas se distender num ricto doloroso. Leticia então foi se aproximando devagar. Estava descalça e vestia um velho paletó de pijama, largo demais para seu corpo delgado. Seus cabelos, de pontas irregulares e ásperas, pareciam os fiapos de uma manga ainda verde, chupada até o carço. Sentou-se na cama ao lado.

— Ele te abandonou?

— Não, disse Misabel num fio de voz. — Por que me pergunta isso?

A outra fincou os cotovelos nos joelhos nus. E baixou a cabeça, mirando e remirando os próprios pés.

— Quando cheguei aqui, tinha rompido com Rômulo. Ele se casava naquela tarde, já pensou? Comecei então a beber e a chorar, a chorar e a beber... Marfa abafou meu escarceu o quanto pôde. Mas depois, perdi as tramontanas, acabei cortando os pulsos, uma confusão. No dia seguinte, as freiras quiseram pôr Marfa num outro quarto para não ser contaminada, imagine. Todo mundo ficou sabendo que Rômulo tinha sido meu amante, mas ninguém soube que Marfa já tinha tido uma boa meia dúzia deles.

Calou-se. Havia agora um som remoto de vozes cantando veladamente. Misabel fechou os olhos. Continuava segurando a barra da cama. Mas afrouxara os músculos.

— Por que você pergunta se ele me abandonou?

Leticia atirou o tóco de cigarro pela janela e respondeu em meio de um bocejo:

— Acho que naquele dia fiquei com a cara igualzinha a sua. A gente fica assim com essa cara, minha linda.

Misabel esboçou um sorriso melancólico:

— Não, não me abandonou. Eu é que vou ter que deixá-lo.

Leticia pôs-se de pé.

— Casado, não? Samuel também. Todos, minha linda, todos são casados! — exclamou acendendo um cigarro. — Mas não me venha falar em renúncia, que tenho até nojo dessa palavra. Renunciei não sei quantas vezes. Bobagem! Voltei sempre atrás e ainda acabei fazendo papel miserável.

Erguendo a cabeça, Misabel lançou para fora um olhar pesquisador. Sondou o céu que empalidecia. E pôs-se à escuta. Sua face contraiu-se na expectativa:

— Já são seis e meia?

— Já, respondeu Leticia aproximando-se da vitrola. Inclinou-se para apanhar os discos empilhados debaixo da mesa. O encontro é agora?

insistia, obstinada, a música

O som da buzina voltou mais prolongado. Misabel apertava com tanta força o ferro do espaldar da cama, que as pontas dos seus dedos já estavam esbranquiçadas. Houve uma pausa. E ao mesmo tempo em que a buzina insistia, obstinada, a música da vitrola rompeu com violência.

Leticia pôs-se a dançar com um frouxo movimento de quadris.

— "Bill, oh! Bill!... you belong to me!..." — cantou com voz fanhosa.

— Pode aumentar o volume? — pediu Misabel fechando os olhos. — Pode aumentar o volume?

— Esta música me deixa maluca! — exclamou Leticia aproximando-se da vitrola. Dançava agora num ritmo convulso. — Assim está bem?

— Aumenta mais! — implorou Misabel a respirar de boca aberta. Suas narinas freíam como ases. E abriu os olhos que se fixaram duros no teto. — Aumenta!...

A música cresceu, ofegante e rouca. O som do pistão dominava agora, palpitante como um ser vivo a subir uma longa escada, a subir angustiosa e implacavelmente até se despencar lá do alto.

— "You belong to me!... You belong to me!..." — gritava Leticia, a rodar a cabeça desgovernada. — "Bill, oh, Bill!... you belong to me!..."

Misabel tapou os ouvidos. E voltou para o teto o olhar esgazado.

— "You belong to me!..." — gemeu Leticia, arquejante, a sacudir os braços como alguém prestes a se afogar.

Agarrando-se ao travesseiro, Misabel cravou nêles os dedos lívidos. Escondeu o rosto. Seu corpo assim contraído era pequeno e frágil como o de uma menina.

— "Bill, oh! Bill!..." — sussurrou Leticia, desabando na cama. O paletó do pijama desabotoara-se. Enxugou o pescoço alagado de suor. E estendeu a perna nua. Com a ponta do pé, puxou o fio elétrico da vitrola, desligando-a.

O último agudo do pistão foi se desfazendo numa cascata de sons redondos como bôlhas, estourando em cadência de gargalhada, "uó... uó... uó...".

O silêncio se abateu sobre o quarto. E esse era um silêncio tão profundo, que se podia ouvir o zunido de uma mosca voando de encontro à vidraça. A penumbra arroxeada do crepúsculo foi invadindo tudo. Uma brisa morna entrou pela janela.

— Quase caiu o teto e as freirinhas não apareceram, decerto morreram tôdas — disse Leticia num longo espreguiçamento. Acendeu um cigarro. E noutro tom: — Mas você não tinha um encontro?

Houve uma pausa demorada. Da rua, veio o riso estridente de uma criança. Um portão se fechou. E o silêncio novamente.

— Tinha, murmurou Misabel. Seu rosto estava extraordinariamente pálido. Mas sereno.

— Você não foi hoje, mas aposto que vai amanhã — disse Leticia. Riu-se. — A gente sempre vai, minha linda. A gente sempre vai.

Misabel então moveu-se. Duas lágrimas já frias escorreram docemente pelas suas têmporas. Chegou a descerrar os lábios para responder. E apenas sorriu, enquanto voltava o olhar para o oratório. As rosas eram agora três coágulos de sombra. Mas a face da imagem se destacava no fundo escuro, como uma suave pétala branca, suspensa no ar.

POMADA MINANCORA

Um verdadeiro tesouro!



PARA FERIDAS, ECZEMAS,
INFLAMAÇÕES, COCEIRAS,
FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.

NUNCA EXISTIU IGUAL



Processo patenteado. Êxito garantido. Aumenta vários centímetros de estatura. Dá **FÔRÇA e SAUDE** aos homens. **ELEGÂNCIA e BELEZA** às mulheres. Informações gratuitas. Pedí-las por via aérea a **INVENTIONS PRATIQUES N.º 12 ANNEMASSE (Haute-Savoie), FRANÇA**

LEIAM

EU SEI TUDO

TODOS OS MESES

Cr\$ 15,00

ÓLEO DE CEDRO



**INEGAVELMENTE
O MELHOR PARA
OS MÓVEIS**

RUA MEXICO, 111 - 21.º - S/2.105

Tel.: 32-9415



O ENCONTRO DOS PRESIDENTES

No flagrante tomado na instalação da Conferência Internacional de Investimentos, o presidente Juscelino Kubitschek ouve o industrial Lídio Lunardi, presidente da CNI e diretor-geral do SESI.

CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE INVESTIMENTOS

O presidente Juscelino Kubitschek prestigiou, em toda a linha, a oportuna iniciativa do industrial Lídio Lunardi.

SOB O ALTO PATROCÍNIO da Confederação Nacional da Indústria e especialmente convocada pelo Sr. Lídio Lunardi, presidente da CNI e diretor-geral do SESI, realizou-se em Belo Horizonte, no mês de Junho último, a Conferência Internacional de Investimentos. Delegações de numerosos países da Europa, Ásia e América estiveram presentes ao importante certame econômico que assinalou uma vitoriosa iniciativa. Homens de negócios de todo o mundo conheceram "in loco" as amplas possibilidades econômicas do Brasil e ficaram a par das excepcionais condições que o nosso país oferece no campo de investimentos.

O presidente da República prestigiou em toda a linha a iniciativa do industrial Lídio Lunardi, comparecendo pessoalmente à instalação do certame, proferindo importante discurso em que definiu o esquema de sua política econômica. Após concorridas sessões plenárias em Belo Horizonte, os industriais estrangeiros estiveram em Araxá e Brasília, onde mantiveram proveitosos contatos com homens de empresa do Brasil.

Os resultados da Conferência Internacional de Investimentos serão benéficos para o acelerado ritmo progressista do Brasil e em breve poderão ser proclamados.



DELEGADOS NORTE-AMERICANOS

A numerosa delegação norte-americana à Conferência Internacional de Investimentos, chefiada pelo sr. Henry Balgooyan, quando em companhia do presidente Juscelino Kubitschek, que prestigiou com entusiasmo a oportuna iniciativa do sr. Lídio Lunardi.

A PALAVRA DO IDEALIZADOR

O sr. Lídio Lunardi, presidente da Confederação Nacional da Indústria e diretor-geral do SESI, falando na instalação solene da 1.ª Conferência Internacional de Investimentos em Belo Horizonte. No clichê vêem-se ainda o presidente Juscelino Kubitschek e o governador Blas FORTES.



S — MAIOR ACONTECIMENTO ECONÔMICO DO ANO

A DECLARAÇÃO DE PRINCÍPIOS

A CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE INVESTIMENTOS, reunida em Belo Horizonte, nos dias 23 a 26 de junho de 1958, além de haver propiciado os indispensáveis contatos entre homens de negócio de várias nações, recomenda a adoção dos seguintes princípios que possibilitarão o estabelecimento de uma estrutura econômica internacional compatível com os anseios de progresso dos países da comunidade Ocidental:

1.º — O capital internacional privado contribuiu apreciavelmente para o processo de crescimento das regiões subdesenvolvidas do mundo, não obstante caber à poupança interna dessas regiões o principal esforço de financiamento dos programas de desenvolvimento.

2.º — Atribuir efetiva igualdade de condições de tratamento ao capital privado nacional e ao proveniente do exterior é um meio de estimular a máxima captação das fontes de poupança de origem externa e interna.

3.º — Todas as nações têm o direito soberano de determinar se receberão investimentos de capital estrangeiro, as condições sob as quais esses investimentos devam entrar e as áreas, caso existam algumas, das quais tais investimentos devam ser excluídos. Segue-se, portanto, quanto maiores forem as restrições menor incentivo existirá para os investimentos, não somente nas áreas afetadas, mas de um modo geral.

Caso o Governo decida que certos investimentos devam ser excluídos de certas áreas, as razões para tal ação devem ser determinadas por sadios princípios econômicos favoráveis ao desenvolvimento do País e seus efeitos não devem ser discriminatórios ou retroativos.

4.º — A luz dos princípios acima enumerados, devem os Governos estabelecer as providências cabíveis à criação do clima de confiança indispensável à intensificação do fluxo internacional de capitais entre países industriais e países subdesenvolvidos.



VAMOS ACERTAR O DICIONÁRIO?

O advogado Levisky abriu a idéia.

A CAMPANHA SURTIU ano passado. O advogado Fernando Levisky, em certo processo julgado no fóro desta capital, viu seu constituinte acusado de agiota e usurário pela designação "judeu". De fato, o dr. Levisky, consultando mais tarde os dicionários, particulares ou oficiais, pôde se convencer de que os termos se equivaliam. Resolveu não deixar a história passar em brancas nuvens. Deu entrada em um requerimento no protocolo do Ministério da Educação, solicitando que "fôssem eliminados os termos ofensivos às criaturas humanas" da próxima edição do Dicionário Escolar da Língua Portuguesa. E arrolava outros nomes, além de "judeu" como vítimas liticonsortes. A petição do Dr. Levisky era relativa ao Dicionário Escolar, do Ministério. Queria cortar o mal pela raiz. "Não se admite que duas crianças nos bancos escolares troquem ofensas, chamando-se de "judeu" e "negro", termos que em si não contêm nenhuma injúria".

Foi à imprensa. Expôs seus pontos de vista. O "Lions Club"

aprovou o projeto. Vieram as "enquêtes" com os entendidos. A polémica estourou, ultrapassando fronteiras, trazendo notícias da França, Estados Unidos, Argentina, Espanha. Tinha gente querendo o mesmo: cortar os gentilícios insultuosos dos dicionários. Os filólogos é que se regalaram com o debate. Desembainharam as espadas e partiram para a guerra através dos jornais.

Veio a primeira vitória do time do Dr. Levisky: o Dicionário Caldas Aulete decidiu abolir, em sua mais recente edição, o significado "satanás" para a palavra judeu. Mas, do outro lado, Silveira Bueno, autor do requisitado Dicionário Escolar, fez pé firme. Não mudaria nada. Os argumentos do Dr. Levisky eram inconvincentes.

Mas, o tal requerimento, acabou sendo encaminhado para o Departamento Nacional de Educação. O Ministro pedia parecer. Voltou para o 2.º andar com o parecer: era necessária a anuência do autor do Dicionário Escolar. E Silveira Bueno achava a reforma

absurda. Entretanto — considerava o parecer — devido ao número elevado de "doutas opiniões" favoráveis ao teor do pedido, ficava a cargo de S. Excia. decidir se devia ou não ser nomeada uma Comissão de filólogos para estudar o assunto.

Clovis Salgado deu provimento. Que se nomeasse a comissão.

"O primeiro Ministro da Educação do mundo a tomar esta iniciativa", afirma satisfeito o Dr. Levisky.

Junho de 58: o Dicionário Escolar anuncia para breve sua nova edição. A Comissão de filólogos vai sair. Fala-se em Sousa da Silveira, Antenor Nascentes, Padre Augusto Magne, Aurelio Buarque de Holanda, Aires da Mata e outros.

O "pega" vai ser resolvido.

negro = maldito

Maranhão = mentira

francês — hipócrita

judeu = satanaz, usurário

inglês = percevejo

brasileira = aguardente

Panamá = falcatura, negócio irregular

gauchada = fanfarronada

jesuíta = astuto

baiano = mau cavaleiro.

Os dicionários assim rezam. No final de cada definição ou sinonímia lá vêm os termos pejorativos aplicados aos gentílicos, seguidos das abreviaturas (Bras.) Mesmo no "Dicionário Escolar da Língua Portuguesa", oficial. É o povo que faz a Língua. E quando qualquer palavra consolida um sentido próprio, característico, na boca do homem da rua, é questão encerrada. A gramática baixa a cabeça e de professora passa a aluna. Não é só a Língua que o povo faz. Faz o resto também. Faz tudo. Portanto, há sempre que obedecê-lo. Mas a variedade e transitoriedade das expressões populares são de assustar o maior perito em Filologia que se conhece. O sentido depreciativo que se dá a um nome, por exemplo, costuma ter vida e morte. Muitas vezes acolhe uma idéia de ressentimento, rancor ou preconceito coletivos. Mas uma sociedade humana não é um bloco de granito. Nem u'a massa que se fossilizou no tempo. Está sempre andando e evoluindo. Construindo máquina nova, inventando música. Descobrimos linha saco, sputnik, rock and roll, abstracionismo, hibernação artificial.

Que se chamasse negro de escravo ou maldito no século XIX, está certo. Quer dizer, compreende-se. Mas, hoje, no ano de 1958, Era Atômica, Democracia, quem faz isto, no Brasil ou em qualquer outra parte do mundo anda de polainas e não sabe. É fêtor de senzala em potencial. Está por foríssima, capengando na "belle époque". Este ódio bufão teve seu tempo. Pode ser que ainda exista uma "Ku-Klux-Klan" ou coisa que o valha, mas isto é assunto para história de quadrinhos. Ou filme de terror de quinta categoria.

O Homem de hoje luta mais do que nunca para ser feliz. Ódio gratuito, preconceito barato, racismo circense, já foram pilhados:

PONGETTI: bela causa



não adiantam a mínima. Pelo contrário, são fardos inúteis e incômodos a mais, que sobrecarregam tólamente os trabalhos da verdadeira "batalha pela felicidade" dos nossos dias.

As palavras de hoje têm uma significação cada vez mais direta e específica. Sem perder a riqueza, sabor e olfato que inspiram. O poeta contemporâneo, para falar no mais preocupado, deseja que a palavra seja certa em seu poema. Que seja o que é. Que não minta. É sua dádiva à coletividade. O político fala ao eleitor de cara a cara. De homem para homem. Todos estão preparados para garrotear os nomes demagógicos, rejeitar os ditos e botes tubaronescos, repelir as palavras de embuste. Que o vocabulário seja menos elástico: a opinião pública quer os autênticos fatos e cifras.

Não queremos ir longe. A realidade é que é indivisível. A fala popular representa com eloquência o ânimo presente de uma nação. Este é o panorama que o filólogo não pode deixar turvar-se diante de seus olhos. Senhores dicionaristas, pesem suas estatísticas, constatem minuciosamente o material linguístico que se mantém dinâmico, e: — resolvam a polêmica. Então veremos se "favela" continua a ser "habitação de malandros".

A questão já foi aberta. O povo ainda dirá que judeu é "satanás"? Que francês é "hipócrita"? Que negro é "malandro"? Que Panamá é "falcatura"? A conceituação popular estagnou no Brasil? O brasileiro de 1958 pensa como o de cinquenta anos atrás? E a gíria? Parou? O que mudou? O que ficou?

São vossos problemas, senhores dicionaristas e filólogos. A tarefa de reexaminar nosso folclore verbal vos pertence.

HENRIQUE PONGETTI: É realmente digna e bela a causa, o processo que se instaura contra as palavras caducas e más do nosso idioma — palavras de que não carecemos para pensar e, ainda menos, para sentir.

HELI MENEGALE: Ao contrário do que afirma o Dr. Levisky, não é dos dicionários que as palavras saem para o domínio das ruas, é do povo que são recolhidas para o Dicionário.

ANTENOR NASCENTES: Quando o Dicionário Escolar da Língua Portuguesa foi publicado, procurei-o numa livraria, a fim de inteirar-me sobre o que ele era. Depois de folhear algumas páginas, deixei-o de lado, não o comprei e nunca mais me interessei por ele.

DAVID PEREZ: Certos sentidos depreciativos de algumas palavras estão tão enraizados na alma coletiva do povo que retirá-los do uso dos dicionários de nada valeria.

MAGALHAES JR.: Este requerimento me é muito simpático.

NELSON ROMERO: As nações que se respeitam, respeitam a pureza vocabular de sua língua como a limpeza de seus corpos.

BARBOSA LIMA SOBRINHO — Acho que o sentido dos vocábulos não pode ser transformado de uma hora para outra, porque reflete impressões que se vem acumulando durante gerações.

EVARISTO DE MORAIS Fº.: As palavras não podem ser fixadas e cristalizadas secularmente nos dicionários... o bem e o mal foram equitativamente divididos por todos os povos, nenhum é mais culpado ou inocente, todos receberam igual quinhão de vícios e virtudes.

MAGALHAES: pleno acôrdo.



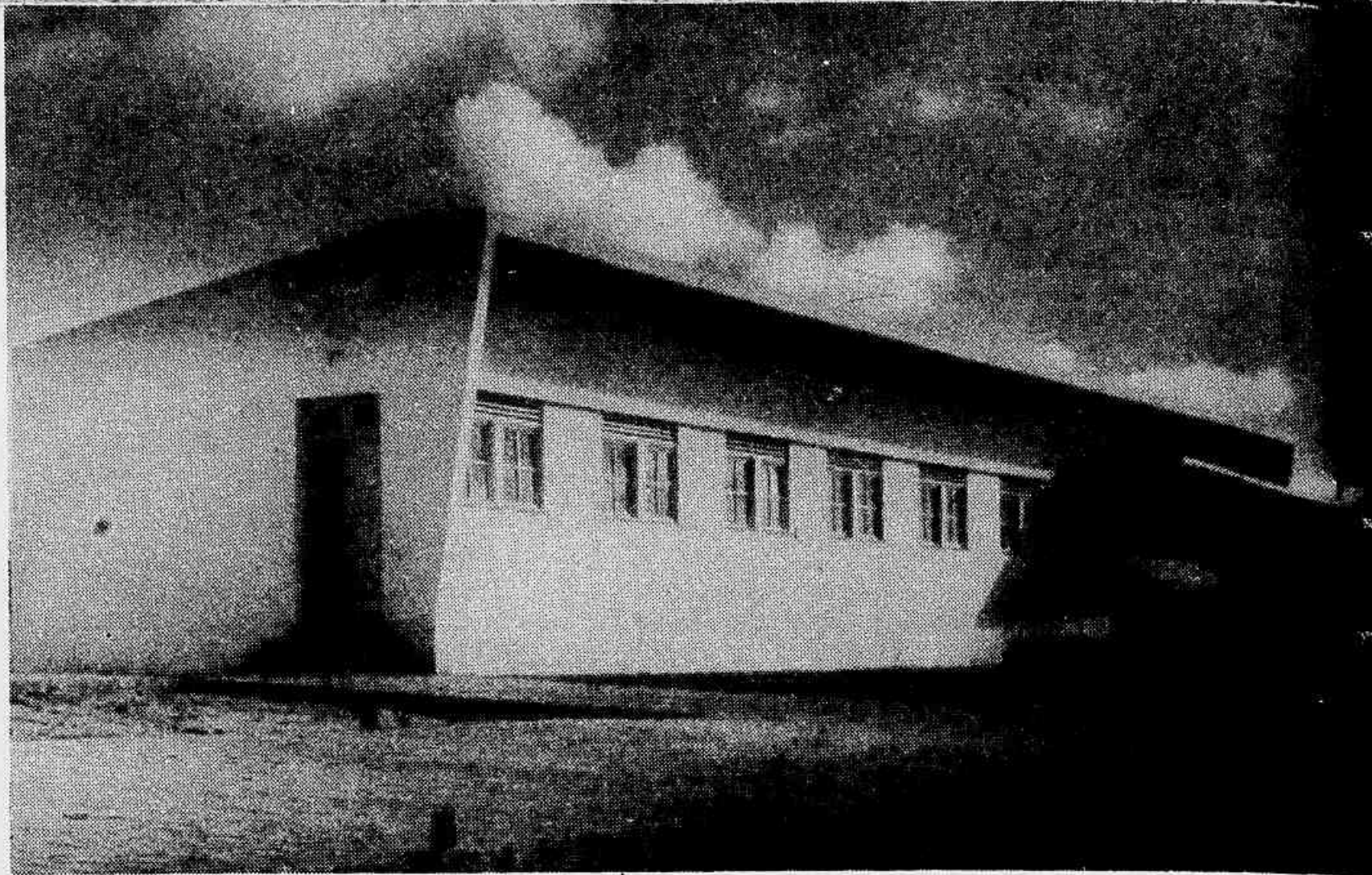
INAUGURAÇÃO

DO AMBULATÓRIO

“JOSÉ A. R. TEIXEIRA”

E DA ESCOLA

“VICENTE GOULART”



AMBULATÓRIO DE JACUIPE — SÃO SEBASTIÃO DO PASSÉ — BAHIA

OS PLANTADORES de cana do Estado da Bahia viram confirmadas as palavras do jornalista Manoel Gomes Maranhão, Presidente do Instituto do Açúcar e do Alcool quando, em discurso proferido em maio de 1957, numa reunião com aqueles lavradores, disse ao Senador Lima Teixeira, representante daquela laboriosa classe: «Entre outros problemas para a solução dos quais a atual Administração da Autarquia Açucareira volta a sua melhor atenção, está àquele da Assistência Médico-social em prol dos que empregam suas energias no engrandecimento econômico do país através da lavoura da cana de açúcar. A tradicional cultura canavieira deste Estado verá, dentro em pouco, o enriquecimento dos benefícios que lhe são proporcionados pelo I.A.A., com a adição de

cuidados médicos e serviços sociais ao plantador de cana e seus dependentes».

Concretizando uma série de estudos técnicos desenvolvidos pela sua Divisão de Assistência à Produção, sob orientação esclarecida e dinâmica do Dr. Osmar Werneck, o Sr. Presidente do I.A.A. inaugurou em 23 de maio deste ano, um conjunto assistencial localizado em Jacuípe, no município de São Sebastião do Passé, Estado da Bahia, composto de ambulatório médico e odontológico, residência para o médico responsável e escola rural para alfabetização e ensino de extensão agrícola. Cumpre salientar que o conjunto recém-inaugurado é fruto de uma reivindicação da Associação Rural de Fornecedores de Cana da Bahia, que encontra no Senador João de Lima Teixeira, o seu mais incansável representante no cenário agrícola nacional.

Dessa maneira o I.A.A. vem objetivando o seu vasto plano de assistência social e financeira em favor dos indivíduos ligados no nosso parque açucaro-canavieiro, aplicando apreciáveis verbas oriundas da arrecadação de taxas incidentes sobre a tonelagem de canas entregues às Usinas de açúcar. Presentemente aquela Autarquia encomendou a uma das firmas da indústria automobilística brasileira um lote de seis ambulâncias, que será distribuído pelos Estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná, Alagoas, Pernambuco e Bahia, melhorando, destarte, a assistência médica proporcionada pelos ambulatórios de fornecedores de cana daquelas regiões canavieiras.

O problema da assistência nosocomial vem sendo encarado por uma equipe de funcionários técnicos daquela Divisão, que aplicando os recursos da moderna organização hospitalar, está projetando hospitais que serão sediados em zonas canavieiras de maior densidade populacional de lavradores, de modo a completar a rede assistencial do País. O município de Piracicaba, no Estado de São Paulo, dentro em breve será a sede de um hospital regional com lotação de 80 leitos, para o qual o I.A.A. contribuirá com volumosa contribuição. Também o município de Campos, no Estado do Rio será provido de hospitais regionais.

Dentro do programa organizado e realizado pelo Instituto do Açúcar e do Alcool o seu presidente, jornalista Manoel Gomes Maranhão, inaugurou no ano passado 4 ambulatórios em Pernambuco, completando uma rede de 7 unidades desse tipo naquele Estado. Um na Paraíba, 6 no Estado do Rio, 7 em Pernambuco, um em São Paulo e um em Minas completam a primeira fase de assistência ambulatorial que fazem a triagem para os hospitais já existentes. Em Pernambuco está em pleno funcionamento o Hospital Barão de Lucena para o qual o I.A.A. realizou donativos na ordem de Cr\$ 20.000.000,00. Em Alagoas, Rio Grande do Norte e São Paulo também já estão funcionando com pleno êxito hospitais dotados da mais completa técnica moderna nesse setor.

Obra digna de interesse nacional, portanto, essa que vem desenvolvendo aquele Instituto, cuja Administração, sem maiores alardes, opera dentro de nível técnico dos mais avançados e permite a obtenção de resultados positivamente compensadores no setor da assistência ao homem do campo. Ao ato inaugural compareceu todo o mundo oficial da Bahia, além dos senadores Neves da Rocha e Novais Filho.



Na foto acima vê-se o Dr. João Goulart inaugurando a Escola, a convite do presidente do I.A.A., Dr. Manoel Gomes Maranhão. Vê-se ainda o senador Lima Teixeira, o governador Antônio Balbino, o deputado Manoel Novais e outras figuras de destaque.

BRASIL EM FOCO

Classes produtoras

OLIVEIRA CARVALHO

ANUNCIAM OS JORNAIS que o ministro da Fazenda convocou órgãos representativos das classes produtoras, com a finalidade de restabelecer contato com o Governo, ouvindo-os sobre assunto de interesse comum. É elogiável a iniciativa. Tais associações representam as forças vivas da Nação, aquelas que mais diretamente contribuem para o progresso do país; trazem, além disso, um lastro de experiência acumulada através de gerações, no trato imediato e direto com problemas nacionais de alta relevância.

Ouvi-las, examinar suas propostas, submeter à sua consideração planos e projetos, antes de diminuir a autoridade pública, eleva-a no conceito geral, porque demonstra grande critério, natural escrúpulo e, sobretudo, absoluta imparcialidade.

Planejamento Nacional

O DEPUTADO LOPO COELHO falou pela TV. E falou, como sempre, numa linguagem sóbria, concreta. Bem se vê que o oporoso parlamentar se formou (e felizmente ainda se conserva) dentro da linha política do marechal Dutra, que falava pouco, mas produzia muito.

Referiu-se Lopo Coelho ao plano SALTE, lamentavelmente abandonado pelas administrações que sucederam a do marechal Dutra. E apontou, como um dos graves defeitos de nossa política, a falta de seqüência entre os programas dos Governos. Falou do imperativo de um planejamento, para que haja melhor aplicação dos dinheiros públicos, em proveito geral. Palavras sensatas e dignas.

Infelizmente, porém, a vaidade caracteriza o homem público, no Brasil. Obras iniciadas numa Administração são abandonadas, para que se iniciem outras.

A culpa pertence aos Partidos políticos onde os interesses pessoais relegam a plano secundário as conveniências gerais.

É preciso que os Partidos firmem os seus propósitos, dentro de um programa de realizações nacionais, e, à sua bandeira, sem conchavos e negociatas (qual não os faz, nos dias que correm?), desfraldem a sua bandeira, conquistem o poder pelo voto e obriquem os seus representantes à fiel execução dos planos traçados. Quando surgir esse Partido, a democracia terá sido definitivamente instaurada no Brasil.

EM S. PAULO HOSPEDE-SE NO MODERNÍSSIMO

BAR RESTAURANTE

A LA CARTE

solteiro Cr\$ 380.00 — Casal Cr\$ 520.00

Sem mais acréscimos



Avenida São João. 1072 — Telefone: 37-0181 (Rêde Interna)

São Paulo — End. Telegr. «PRINCIPEHOTEL»

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON N.º 1 e quando for, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON N.º 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, e eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirir-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



BÉL-HORMON

Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua São Januário, 706 — Rio de Janeiro.

Queiram enviar-me por Reembolso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» N.º

NOME

RUA N.º

CIDADE

ESTADO

Por Vale Postal Cr\$ 150.00

NARIZ PERFEITO FÁCIL DE CONSEGUIR



O retificador francês (invenção patenteada) transforma em pouco tempo e de modo definitivo sem dor qualquer nariz defeituoso; emprega-se somente durante a noite. Informações gratuitas. Pedir-las por via aérea a DIFFUSION SCIENTIFIQUE N.º 12, ANNE-MASSE (Haute-Savoie), FRANÇA.

APRENDA A DANÇAR

CHÁ-CHÁ-CHÁ
DOIS E UM
GUARACHA
BOLERO
MARCHA
RUMBA
SWING
SAMBA
TANGO
MAMBO
BAIÃO
CHORO
VALSA
FOX

em apenas 10 dias, pelo moderno método do Prof. Gino Fornaciari, autor do livro «Como Aprender a Dançar», já em 9ª Edição, melhorada, contendo 140 gráficos, que permite a V. S. aprender em seu domicílio, sem professor. Faça seu pedido, pelo Reembolso, à Caixa Postal, 649 — São Paulo. Cr\$ 120.00. — Encontra-se também à venda em todas as livrarias de Rio e de São Paulo. O Prof. Gino Fornaciari mantém um curso especializado de Aulas Particulares, diariamente, das 9 hs. às 22 hs. à Avenida Liberdade, 120 — 2º andar — conj. 8 — São Paulo.

Mil' lhe oferece:



Ferramentas
OFICINAS
AMADORES
ESTOJOS SOCKETES
CATRACAS ESTRIAS

Pessoal Técnico Especializado
GARANTIA e HONESTIDADE

R. MEXICO - 98 A

52-1066 - 22-6144

RIO DE JANEIRO

Só na
Mil

O MISTÉRIO DO ARAYADO

M. B. ENDREBE

RESUMO: O comissário Bréval prossegue, no Arayado, o interrogatório individual com os parentes e hóspedes de Georges Meller, assassinado na véspera. Prestaram já os seus depoimentos, a governanta Lydia Moreau, ex-candidata à mão de Georges; a jovem Anne Vernon, enteada do morto; Claire, sobrinha; a velha atriz Juliete Livel, hóspede do Arayado. É, agora, a vez de Isabelle Delancy, também enteada de Meller, mas já casada — e uma das mais fortes suspeitas do crime.

APESAR DA SEMI-OBSCURIDADE que o tempo ameaçador fazia cair sobre a peça, Bréval percebeu uma mudança imediata pintar-se no rosto de Isabelle Delancy. E, rápido, apertou o comutador da lâmpada colocada em cima da mesinha.

A súbita claridade revelou a intensa palidez que transparecia sob a maquiagem de sua interlocutora. O olhar de Isabelle perturbou-se, como se violento choque acabasse de atingi-la no fundo do estômago.

Por isto, o policial não pôde deixar de admirar a prontidão com que a jovem senhora dominou-se para dizer, numa voz segura, onde se notava mesmo um nadinha de ironia:

— Compreendo mal o seu espanto, comissário. Deve saber, como eu, que a acústica é influenciada por uma infinidade de coisas. Talvez Lydia me tivesse chamado da porta deste quarto e o corredor abafou-lhe a voz, ao passo que, esta noite, o grito pôde ter repercutido em meio do hall, que o ampliou...

— Esta possibilidade não me escapou, retorquiu calmamente Bréval. Por isto pedi à Mlle. Moreau que chamasse a senhora uma segunda vez, ao pé da escada.

Isabelle bateu os cílios. O comissário começava a conhecer aquêle sinal de nervosismo.

— Oh, disse ela, com gesto expressivo. Sim! Esqueci de que há pouco fui lavar as mãos no banheiro. A torneira do meu lavatório é bastante barulhenta... Se Lydia chamou-me nesse momento, está tudo explicado.

Mas o olhar de Mme. Delancy evitava o do policial.

— Felicito-a, minha senhora, disse Bréval num tom duro. Um espírito com recursos como o seu, é coisa rara e constato que a senhora sabe tirar partido dêlo.

— Eu...

Com um gesto de ambas as mãos, Bréval impediu que ela prosseguisse.

— E' inútil, Mme. Delancy. Não insista mais, porque me é fácil demolir sua engenhosa explicação. Será melhor não insistir muito na história da torneira. Com efeito, se bem recorde, a sala de banho segue-se ao quarto de seu marido, que se acha imediatamente à esquerda, saindo do vestibulo, e é pegado ao seu. Assim, se lá

estivesse, teria ouvido melhor ainda o chamado de Mlle. Moreau, já que o banheiro fica mais perto do hall do que o seu quarto.

— Contento-me em dizer-lhe — prosseguiu Bréval — que, esta noite, no momento em que pretendeu ter escutado um grito de mulher, caia um temporal de rara violência. E o ruído da chuva, batendo nas vidraças e no telhado, era tal, que Meller e eu tínhamos que levantar a voz para conversar.

O comissário parou, espreitando o efeito produzido. Mas Mme. Delancy limitou-se a erguer os ombros num ar enfiado:

— Mesmo que discursar até amanhã, mantenho ter ouvido, ontem à noite, um pouco antes das doze horas, uma mulher gritar on andar térreo.

Tendo reiterado sua declaração, Mme. Delancy cruzou o olhar com o do comissário, como se o desafiasse. Este não pareceu perturbado:

— Oh, quanto a este ponto, acredito inteiramente, assegurou êle contra toda expectativa. Em compensação, não posso segui-la, quando pretende ter ouvido êsse grito de seu quarto onde diz que estava com seu marido.

— Ah?

— Sim. Na minha opinião, a senhora se encontrava no térreo. E sôzinha.

Bréval levantou a voz nesta última palavra, para convencer bem a sua interlocutora de que sua opinião estava firmada; e que, por consequência, nada mais tinha a fazer senão dizer a verdade.

Isabelle Delancy era inteligente demais para não compreender.

— Pois bem, seja! Eu estava sôzinha no andar térreo quando ouvi o grito, mas nem por isto, matel meu padraço.

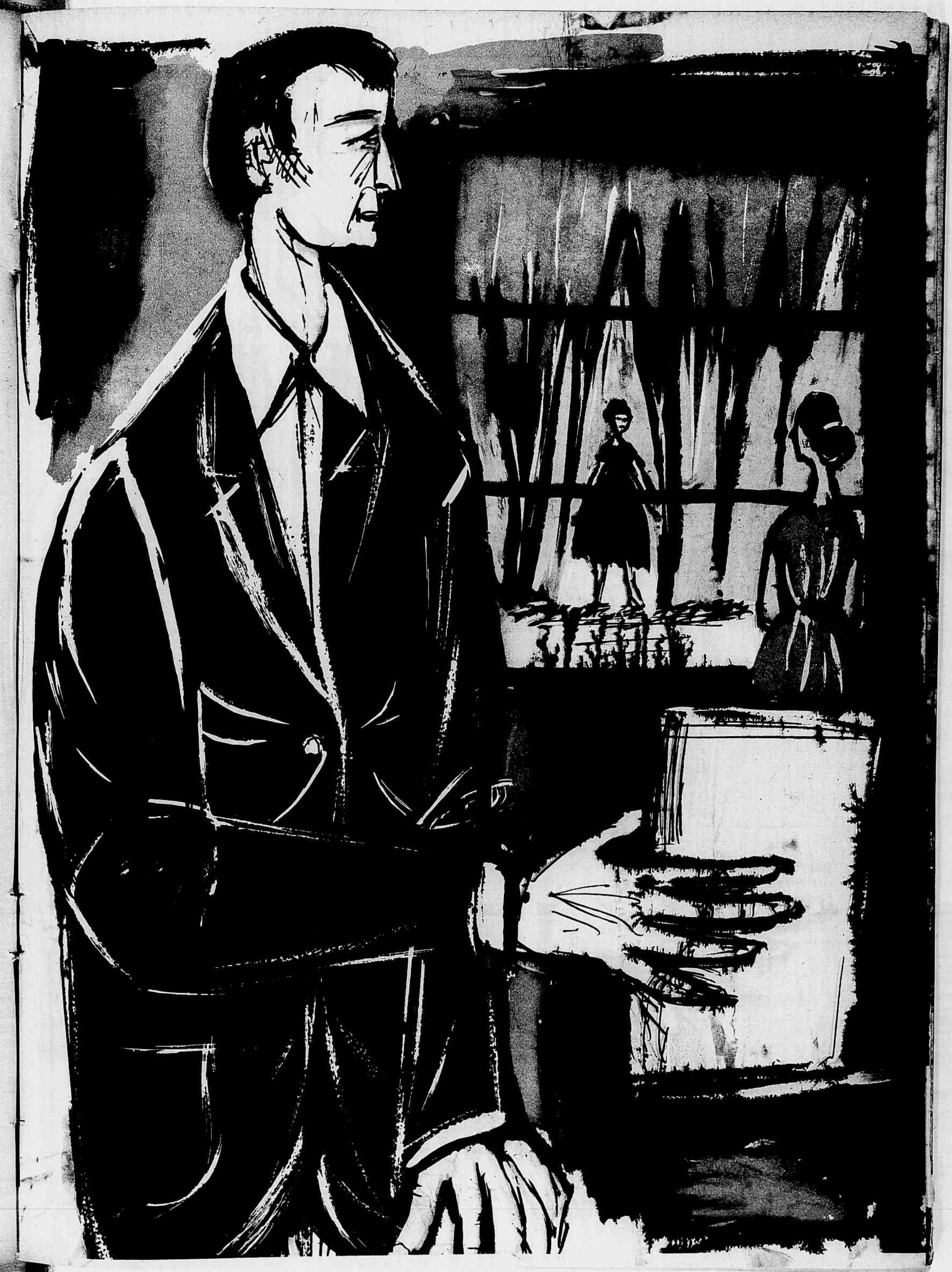
Bréval permaneceu firme:

— Se não é a culpada, por que procurou desfazer as marcas do revólver? Isabelle fez um ar de espanto:

— As marcas do revólver? repetiu, num tom de absoluta incompreensão.

O comissário nada falou, contentando-se em olhá-la fixamente. Ela teve um riso forçado:

— Sim, reconheço ter-me apoiado sobre a arma na intenção de apagar sinais que lá se achassem. Naquele momento, não tinha



"Eu não o matei - repetia Isabelle Delancy, numa vo

tido tempo de refletir muito e, receando que o assassino fosse um dos meus, tive idéia desse estratagema...

— Estratagema bem imprudente. Quando tivessem reconhecido suas marcas sobre o revólver, André Beaumont, cineasta, podia muito bem negar ter visto a senhora desfalecer e pousar a mão na arma...

Isabelle olhou-o, tendo no rosto uma indefinível expressão:

— Não, havia no olhar de André Beaumont, cineasta, alguma coisa que dizia não ser ele capaz de vilania semelhante.

Bréval sorriu, não sem algum embaraço:

— Mau policial que se deixa ler em si mesmo...

— Nunca é mau inspirar confiança, disse Isabelle, e peço que me acredite quando digo não ter matado Meller.

— Não procure amansar-me, falou o policial. E mais me interessaria que me dissesse o que fez, de preferência ao que não fez. A despeito de suas negativas, não posso deixar de pensar que o meio que encontrou para anular os sinais, denotava singular presença de espírito...

Isabelle fez um trejeito:

— Eu também leio romances policiais, eis tudo...

— Responda, minha senhora, o que fez ontem à noite, entre onze horas e meia-noite?

— Bom, aqui está a coisa em poucas palavras. Em seguida a uma conversa com meu marido, resolvi ir ter com meu padasto e falar-lhe imediatamente no sentido de impedir seu casamento com Lydia.

— E então? — Bréval assobiou levemente.

— Então, nada. Chegando ao hall, vi que chovia torrencialmente. A mais elementar psicologia demonstrava que, apresentando-me a meu padasto como se acabasse de escapar da fúria da tempestade, não teria a mínima autoridade para vencer no meu projeto. Sentei-me no hall, pensando que temporal tão violento não podia durar muito. Enganei-me, pois minha espera prolongou-se em vão e, de repente, ouvi um grito de mulher, o famoso grito... Agora, posso dizer-lhe que vinha do próprio corredor que serve a este quarto. Esta precisão talvez lhe seja de alguma utilidade?

O comissário abanou a cabeça e Isabelle prosseguiu:

— Meus nervos, já atormentados pela tempestade — conhece o meu estado — não resistiram àquele grito. Tomada de pânico, corri a fechar-me em meu quarto, onde Jacques esperava o resultado da minha entrevista. Contentei-me em dizer-lhe que seria para o dia seguinte. Mas o grito tanto me abalara que, quando Bertrand veio bater de manhã, à minha porta, anunciando-me uma desgraça, pensei imediatamente que Lydia tinha sido assassinada...

— Como? A senhora também?

— Por que, eu também?

— Sua irmã acaba de dizer-me que não se surpreendeu com o crime, mas que pensava dever ser Mlle. Moreau a vítima.

Uma expressão inquieta passou no olhar de Isabelle:

— Peço-lhe, comissário, não tome muito ao pé da letra as afirmações de Nane. É uma hipersensível que nunca separa muito os sonhos da realidade.

— Fique tranqüila quanto a este ponto, senhora. Mas continuemos. Não se espantaria ao saber que Mlle. Moreau fôra assassinada... mas quem suporia que a matasse?

Isabelle sorriu:

— O senhor... Pareceu-me ter notado alguma coisa entre os dois, ao jantar, como se já fossem conhecidos...

— Tratava-se apenas de meu retrato, que Mlle. Moreau recordava ter visto nos jornais... e não de uma culposa ligação!

— Compreendo, agora.

— E, desta vez, disse-me bem a verdade?

Voltando à sua habitual altivez, Isabelle respondeu:

— Não permito que o senhor duvide.

— A senhora, talvez... mas sua primeira mentira leva-me a isto. Há razão em dizer-me que um mentiroso nunca é acreditado. E não compreende que tem um lugar especial entre os suspeitos? Acaba de confessar-me que estava decidida a tudo para impedir que seu padasto desposasse Lydia Moreau. Parecia-lhe tão urgente entrar em ação que quis ir imediatamente ao pavilhão...

— Meu padasto anunciara que trabalharia lá e pareceu-me excelente ocasião para encontrá-lo só...

— Sua explicação é verossímil, senão verdadeira. Mas como, partindo num impulso tão belo, não foi além do hall?

Isabelle bateu o pé, impaciente:

— Chovia torrencialmente. Não se lembra?

— Se preciso fosse, meu smoking serviria de lembrança. Mas também não esqueci que o assassino vestiu o impermeável de Meller.

Mme. Delancy não encontrou réplica; por isto, limitou-se em reafirmar:

— Não deixei a casa e não matei Meller.

O comissário curvou-se para ela:

— Está bem certa disto? Não foi porque não persuadiu seu padasto a renunciar ao seu casamento, que recorreu ao meio radical?

A MOÇA ESCUTAVA, FASCINADA. Sua maquillagem continuava a manchar-lhe a extrema palidez e ela mal respirava:

— Não... não... balbuciava. Não é verdade! Quer forçar-me... *mentel*!

A própria intensidade do protesto parecia restituir a Isabelle todos os seus melos. Ao espírito lhe veio uma objeção que logo aproveitou:

— E o revólver, levei-o eu? Julga-me capaz de ter premeditado o crime? De qualquer maneira, terá que provar que essa arma me pertence e creio poder assegurar que não o conseguirá!

Bréval abanou docemente a cabeça:

— O revólver pertencia a Meller. Sei, por tê-lo visto, ontem à noite, na gaveta de sua secretária, quando ele procurava um documento para mostrar-me. Mas, durante a conversa, era fácil apanhá-lo e foi certamente o que se fez.

— Eu não o matei, repetia Isabelle numa voz de sonâmbula.

— No momento, quero conceder-lhe o benefício da dúvida, mas ainda assim, fica entre o número daqueles que tinham bons motivos para desejar o desaparecimento de Meller. Por isto, quererá dizer-me o motivo confessável que a conduziu ao pavilhão, esta manhã, em vez de avisar incontinentemente à polícia?

Isabelle sustentou o olhar do comissário:

— Eu não alimentava nenhuma ternura por Meller, confessou-o. Assim, quando Bertrand pôs-me ao corrente, só tive uma idéia: certificar-me de que nada havia que pudesse denunciar um dos meus... por infelicidade o senhor surgiu antes que pudesse executar meu projeto.

— Chamaria a isto — felicidade. A senhora destruiria qualquer indício. Muitas vezes, os investigadores são obrigados a encerrar um "dossier" sem ter descoberto o culpado, se não surgir um incidente anódino, algo que o assassino não podia prever, e que parece um grão de areia atirado pelo céu para fazer fracassarem os melhores planos dos homens.

— Peço-lhe! Não misture Deus às suas histórias de polícia: ele não estaria em lugar competente! disse, em tom amargo, Mme. Delancy.

— Seja como fôr, tendo acordado cedo, saíra para dar uns passos no parque, quando minha atenção foi atraída pela luz que estava acesa no pavilhão... Tinha, pois, inspecionado tudo, antes que aparecesse o seu "maitre d'hotel". Nenhuma marca decifrável sobre o revólver... sem o que não a teria deixado tão complacentemente representar a sua cenazinha de "vertigem que me vem de repente..." Além disso, tenho um desenho das pegadas no canteiro...

— Então, o senhor... sabia? fez Isabelle estupefata.

— Sim, mas estava curioso por ver o que se passaria. Minha expectativa não foi vã.

Mme. Delancy levantou-se:

— Creio, realmente, que nunca hei de habituar-me aos métodos da polícia, disse com um leve desprezo. Ainda precisa de mim?

— No momento, não, respondeu Bréval imitando-a. Poderia pedir a seu irmão que me venha ver? Quase não falou há pouco... Talvez por isto, tenha mais coisas a narrar.

a voz de sonâmbula."

Um ruído distante lembrou ao comissário o tempo ameaçador que a claridade da lâmpada lhe tinha feito esquecer. Isto teve por efeito mergulhá-lo de novo na atmosfera da véspera e quase estremeceu quando ouviu um batido tímido à porta.

— Entre, sr. Vernon — disse, voltando-se. Mas foi a esbelta silhueta de Anne que apareceu.

— Preciso... preciso falar-lhe, disse a jovem numa voz apenas perceptível, os olhos fixos no policial.

— Perfeitamente. Sente-se, estou ouvindo.

Mlle. Vernon sentou-se na ponta da poltrona e logo se pôs a falar, como receando perder a coragem, se demorasse.

— Eu não lhe disse tudo... isto não me parecia necessário... Mas vi a expressão de Isabelle ao sair daqui... No receio de que o senhor suspeitasse dela, prefiro confessar...

— E' uma sábia decisão — disse, com doçura, o comissário.

Nane pareceu reunir toda a sua coragem:

— Escute, fui eu quem deu o grito que Isabelle ouviu.

A fisionomia de Bréval permaneceu impassível:

— Realmente? E o que fazia nesse corredor... porque sua irmã acaba de precisar que o grito vinha do corredor...

Anne corou até à raiz dos cabelos e desviou o rosto:

— E' difícil dizer...

— Estamos os dois sòzinhos, srta. Vernon. Há pouco reconheceu que isto facilitava as coisas.

Olhos postos na saia, a mocinha procurava falar:

— Ontem à noite, se o senhor se recorda, Lydia disse ter a impressão de que sua fisionomia não lhe era desconhecida. Ora, sua chegada era um tanto misteriosa...

— Realmente?

Nane abanou a cabeça:

— Sim, Meller fez o senhor aparecer, naquele jantar, como um diabo surgindo de uma caixa. Por isto, quando Lydia fez o reparo, imaginei — não indague porque — que sabia talvez alguma coisa susceptível de impedir o casamento dela com Meller...

— Que estranha idéia! disse o comissário refletindo em como as reminiscências de Lydia Moreau tinham preocupado a família Vernon.

— Sim, compreendo agora... Mas, lembre-se do ambiente de ontem à noite, no terraço... Todo valor parecia fora de lugar, diferente... Oh, não sei como dizer-lhe...

— Não tente; eu compreendo.

A jovem ergueu os olhos e esboçou um tímido sorriso. A simpática atenção de Bréval parecia encorajá-la.

— Quando me achei no meu quarto, tive vontade de conversar com o senhor, a sós. Queria pedir-lhe que evitasse esse casamento, que falasse ao seu amigo para impedir que houvesse uma segunda Sra. Meller sob o teto onde mamãe morreu...

— Criança romântica, pensou Bréval.

— Quando tudo estava calmo na casa, desci ao térreo e fui bater à sua porta. Como não obtivesse resposta...

Era agora o mais penoso para Nane. Suas mãos crispavam-se sobre a saia, mas ela terminou:

— ... entrei em seu quarto. Um relâmpago mostrou-me que o senhor não estava lá e vi a sacada aberta. Compreendi que podia voltar a qualquer momento e realizei a inconveniência da minha ação. Sai às pressas para o corredor, mas tinha tanto medo de ser surpreendida em seu quarto, que senti uma espécie de vertigem... Estendi a mão para a parede a fim de não cair e... fui roçada por outra mão!

— Como! exclamou o comissário, incapaz de dissimular o efeito causado por tal revelação.

— Devo então ter gritado, explicou Nane, mas não me lembro. Meu medo foi tão grande que não mais tive consciência do que fazia. Depois de ter julgado desmatar de terror, achei-me no meu quarto, a mão crispada no ferrolho que acabava de puxar... Era tão pavoroso que aquele homem não tivesse dito uma palavra...

— Era, então, um homem? — indagou Bréval, com crescente interesse.

— Oh sim! Por certo. Senti contra meu pulso uma manga engomada com uma abotoadura.

(Continua)



Nupcial

FLAGRANTE TOMADO na Igreja da Candelária por ocasião do casamento da senhorita Norma Mindello Carneiro, filha do coronel Frederico Mindello Carneiro Monteiro e senhora, com o Sr. Pery Porto, filho do Sr. Rene Ramon Porto e senhora.

Foram padrinhos, da noiva, o Presidente da República, Sr. Juscelino Kubitschek de Oliveira e senhora, e, do noivo, o Sr. Antonio Rodrigues Rego e senhora. Assistiram à cerimônia, dentre outras pessoas, o Sr. Victor Nunes Leal, Chefe da Casa Civil da Presidência da República, o General Nelson de Mello, Chefe da Casa Militar da Presidência da República, os Generais Amaury Kruehl, Chefe de Polícia, Augusto Magessi e Souza Carvalho, os Coronéis Luna Pedrosa, Benedito Gama, diretor do SAPS, e Geraldo Menezes Côrtes.



GARY COOPER, O VETERANO, está beirando os sessenta. Mas, com rugas e tudo, é ainda um dos maiores cartazes de bilheteria

O PRESENTE ARTIGO é dedicado às pessoas que, por não serem jovens, sentem-se deprimidas e liquidadas para qualquer iniciativa. Os fatos que citamos abaixo, bem podem servir como exemplo para aqueles que sempre acham "tarde demais para começar". O "complexo da idade", que atinge principalmente as mulheres, o impede, muitas vezes, de as tornarem criaturas úteis à sociedade, incapazes para a constituição de um novo lar ou tomarem uma iniciativa importante.

ALGUNS EXEMPLOS ELOQUENTES

A atriz inglesa Gladys Cooper, por exemplo, que nasceu em 1888, tendo portanto 70 anos de idade, ainda é considerada a maior rádio-atriz da Grã-Bretanha. Para sua identificação entre os leitores, esclarecemos que Gladys apareceu há algum tempo no filme "Cartas de Amor".

Charles Chaplin, o conhecido Carlitos, é ainda a mesma figura, jovem e dinâmica, apesar de seus 62 anos de vida artística e 69 de idade.

Marlene Dietrich, hoje com 54 anos e vovó, é ainda uma das maiores atrações dos "night clubs" estadunidenses, exibindo-se atualmente numa "boite" de Las Vegas, fazendo um número de "nu artístico".

O ator-bailarino Fred Astaire era uma das mais expressivas atrações da Broadway em 1918, quando atuava como "partenaire"



CLARK GABLE, O GALA, aos 57, precisou da intervenção do entusiasmo de milhares de fãs, quando compareceu à estréia

de sua irmã Adele. Fred, hoje com 53 anos, ainda é um romântico galã de cinema.

Martine Carol, com 36 anos de idade, é uma das atrizes mais sensuais do cinema internacional. Ainda recentemente, Martine apareceu num filme com o busto inteiramente nu.

Michèle Morgan, com quase 39 anos, foi a heroína de "As Grandes Manobras", desempenhando o papel de uma jovem apaixonada.

41 anos é a idade de Danielle Darrieux. Essas 41 primaveras, porém, não impediram que desempenhasse muito bem seu sensuálissimo papel em "O Amante de Lady Chatterley".

O ator Gary Cooper, que há pouco noticiaram que iria fazer uma operação plástica para eliminar algumas rugas da testa, desmentiu tal notícia e disse que o público o aceita bem como galã, apesar de seus 57 anos. Gary Cooper, há 22 anos atrás, já era uma das 10 maiores atrações de bilheteria do cinema.

Cary Grant é outro galã da "velha guarda", ainda em evidência. Seus 54 anos bem vividos não impedem de ser um dos "mocinhos" mais apreciados da tela. Seu filme mais recente exibido no Brasil foi "Orgulho e Paixão", em que o veterano ator corteja Sophia Loren, 31 anos mais nova do que ele.

Marilyn Monroe e Gina Lollobrigida são outras duas atrizes que não fazem segredo de suas idades: 32 anos. Entretanto, a primeira desempenha papéis de garôta ingênua e a segunda, apa-

A COMEDIA HUMANA

A propósito de idades... por exemplo

MARLENTE DIETRICH, A ETERNA (57 anos e vivó), ainda faz hoje, numa "boite" de Las Vegas, um número de nu artístico com absoluto sucesso.

policia para conter o
de "Band Of Angel".



ção da
estréia

antico

mals
artine

"As
ovem

veras,
sua-

fazer
des-
galã,
era

evi-
dos
exi-
ator

trizes
o, a
apa-

recerá em breve no filme "A Lei", (dirigido por Jules Dassin) onde encarna o papel de Marietta, uma garôta de 16 nos!

O "VELHINHO" AINDA "É O MAIOR"

Apesar de seus 57 anos de idade, a presença do veterano Clark Gable num cinema de Hollywood causou alvoroço entre as "macacas" norte-americanas. O conhecido galã da tela fôra assistir a "première" de sua mais recente película — "Band of Angel", quando uma multidão de "fãs" postou-se em frente da casa de espetáculos à espera de seu herói. Com a chegada do rei da tela, os cordões de isolamento foram rompidos e as "fanzocas" atiraram-se sobre o galã desprotegido que apavorado, fugiu para o interior do prédio. Somente com a chegada de uma força policial foi que teve fim a manifestação.

FIU FIU PARA BETTY GRABLE

Com 42 anos de idade, Betty Grable ainda é uma das maiores atrações dos "night clubs" norte-americanos. A lourinha sensual da década dos 40 é o maior cartaz artístico da "boite" Cal Nevada, no Reno. Betty apresenta seu número exibindo as pernas.

ATRIZ SEPTUAGENÁRIA

A primeira dama do teatro alemão chama-se Hermine Koerner, que ainda demonstra a mesma vitalidade de meio século atrás, já interpretou, durante sua longuíssima carreira, quase todos os grandes papéis da literatura dramática internacional. Entrevistada por um repórter, Hermine declarou que "não pretende abandonar tão cedo a vida artística".

"A VIDA COMEÇA AOS 60"

Dudley Manners era um pacato médico do exército norte-americano até que um dia recebeu a notícia de que fôra aposentado do serviço. Dudley, porém, ainda se sentia jovem e não queria passar o resto de sua vida na monotonia da inatividade. Resolveu aprender música e em breve iniciou-se numa nova carreira — a de compositor. Seu sucesso foi tão grande que não tardou em ser convidado a gravar na Europa. Dudley, que agora está com 61 anos de idade, tem suas obras executadas pelas maiores orquestras do mundo, tais como: Orquestra do Teatro Scala de Milão, Orquestra da Ópera Nacional de Viena, Orquestra Cigana de Londres e outras.

CANTORA AOS 70 ANOS

Com quase um século e meio de idade, Sophie Tucker é a maior atração cantante do Coventry Street, de Londres. Depois de algum tempo afastada da vida artística, a septuagenária cantora fez sua "rentrée" à vida noturna da capital britânica, apresentando outra "atração de museu": o pianista Ted Shapiro, que a acompanha desde o início de sua carreira, há 50 anos passados.

EDWIGE FEUILLÈRE, a "vamp": 51 anos. LOLLOBRIGIDA, a "adolescente" aos 32. MARTINE CAROL, "sex-apeal" aos 32.

A crítica especializada londrina é unânime em afirmar que a veteraníssima cantora é "dinâmica e que tem muita bossa".

AOS 72 ANOS TROCOU O MAGISTÉRIO PELA RIBALTA

O professor de filosofia do Instituto de Artes e Ciências de Brooklyn — Gabriel Richard Mason — resolveu abandonar definitivamente o magistério e se tornar ator teatral. Gabriel, que acalentara seu sonho há mais de 50 anos, apaixonou-se pelo teatro ainda nos seus dias de ginásio quando desempenhava pequenos papéis em teatros de estudantes. O rigorismo de sua carreira intelectual e ainda por razões financeiras, fizeram esquecer seu sonho por muitos e muitos anos. Hoje, com uma situação financeira mais sólida, Gabriel resolveu arriscar a sorte na ribalta e foi bem sucedido, pois estreou recentemente como profissional, desempenhando o papel de Tardiveau na peça "Chapéu de Palha da Itália", atual cartaz do Teatro Fourth Street, de Nova Iorque.

AOS 84 ANOS CHURCHILL SE REVELA ARTISTA

Uma exposição composta de 41 telas executadas pelo ex-Primeiro Ministro Britânico — Sir Winston Churchill — no Museu Metropolitano de Nova Iorque, obrigou a polícia a enviar uma força especial para controlar a multidão que se comprimia em extensas filas, ávidos em conhecer a personalidade artística do velho político inglês. A mostra, que representou a maior atração pública já observada no Museu Metropolitano, foi retirada a fim de ser exibida em outras cidades do mundo. Aliás, não só como político e pintor Churchill se tem evidenciado; escritor dos mais prolíferos, (seu livro "A História dos Povos da Língua Inglesa" já se acha em fase de conclusão), o homem do "V da vitória" legou a Sarah, sua filha (atriz internacional de teatro), um pouco de sua vida artística.

MAIS DE MEIO SÉCULO DE PALCO

A 17 de abril, a atriz inglesa Cecely Courtneidge completou 51 anos de ribalta. Atuando nos palcos da Grã-Bretanha desde os 16 anos de idade, Cecely já deu mais de 10 mil espetáculos, sendo aplaudida por um público calculado em cerca de nove milhões de pessoas.

FALECEU A MAIS VELHA CANTORA DO MUNDO

Com 115 anos de idade, Ana Botas fechou os olhos para sempre, deixando 18 filhos vivos e 400 netos, bisnetos e tetranetos. Ana Botas, cantora de fados, foi a princesa dos ciganos portugueses e também a mais famosa fadista de seu tempo de mocidade. Sua morte, ocorrida em Alges, levou àquela localidade próxima de Lisboa dois mil ciganos de todas as partes de Portugal, Espanha e França para prestarem a última homenagem à mais velha cantora do mundo.



a ve-

s de
defi-
que
tea-
que-
reira
seu
nan-
ta e
onal,
alha
que.

Pri-
useu
for-
ten-
elho
blica
ser
tico
ros,
em
sua
vela

tou
sde
en-
ões

m-
os.
ru-
ci-
ó-
al,
als



CHEVALIER, aos 63: a mesma simpatia de 30 anos atrás.

MARILYN MONROE, a "vamp"-ingênua aos 32 anos.

JOAN CRAWFORD, juventude aos 54.

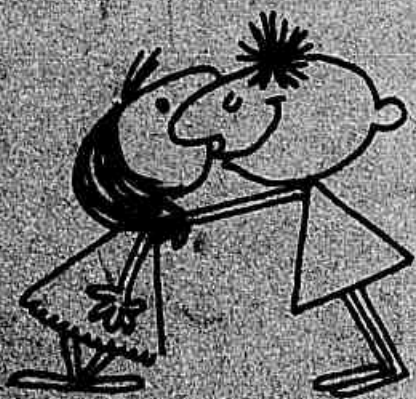
FRED ASTAIRE, aos 53: é eterna a agilidade de suas pernas.



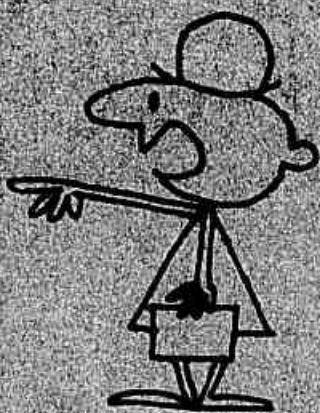
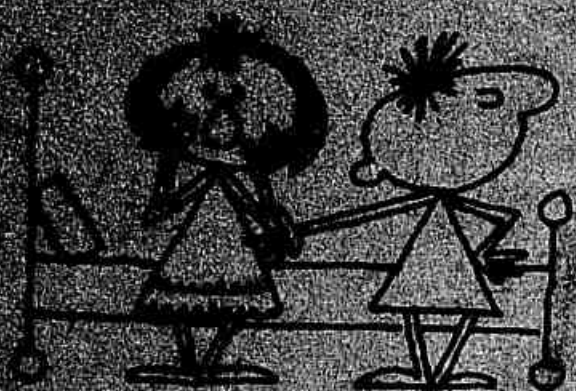
AMBRÓZIO

SE...

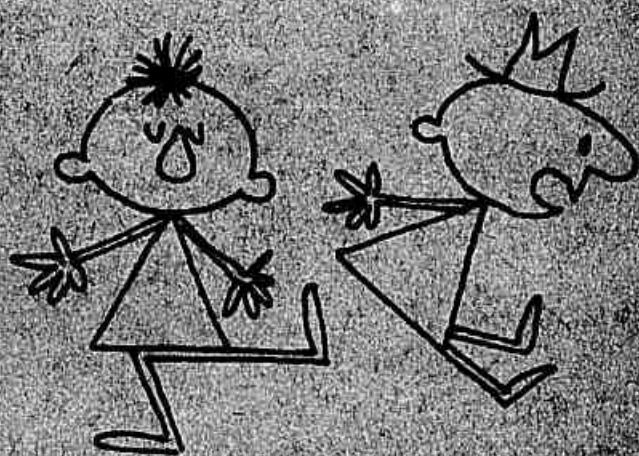
AO JEITO DE KIPLING



SE AMAS AO TEU PRÓXIMO COMO A TI MESMO...



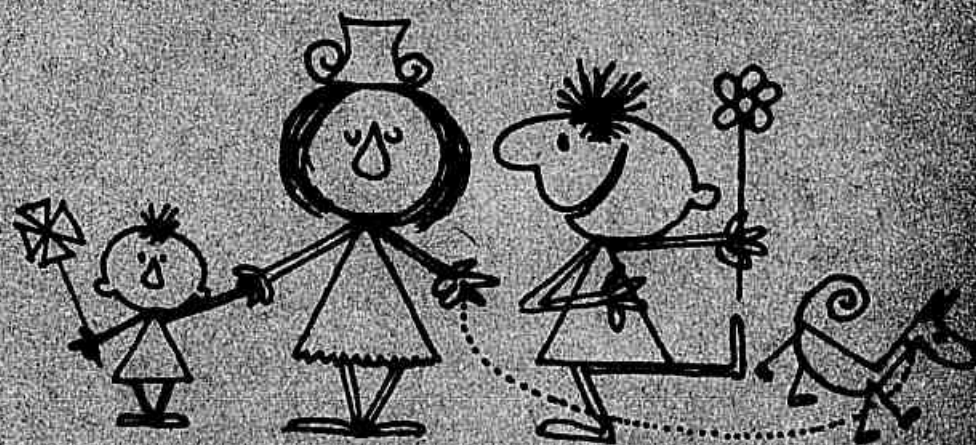
SE NAS HORAS DE FURGO TE MOSTRAS SERENO E ALTANEIRO...



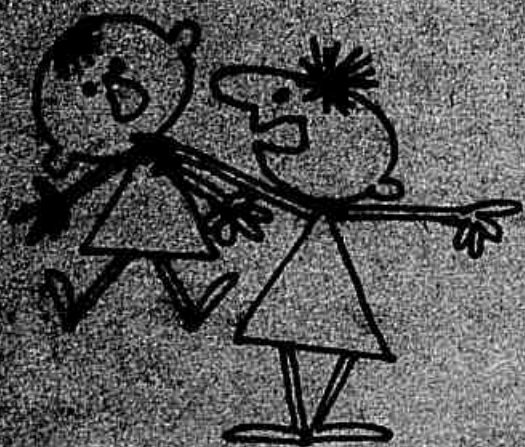
... AS INJÚRIAS RESPONDES COM SILÊNCIO E INDIFERENÇA...



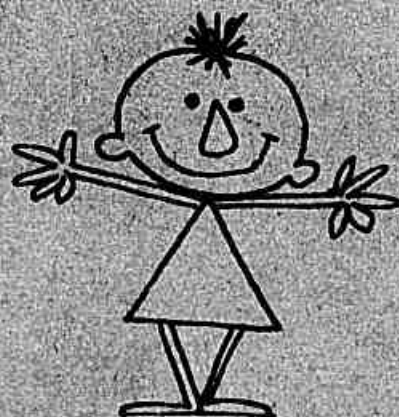
SE VIVESTES NOS TEUS IDEAIS, E TENS FE EM TI...



... SE AMAS AS CRIANÇAS, OS ANIMAIS, AS FLORES, A NATUREZA, ENFIM...



... E SE DEFENDES OUBADAMENTE OS FRACOS CONTRA OS FORTES... ... ENTÃO? MEU FILHO... ÉS UM CRETINO MAS SERÁS UM HOMEM...



LARA BAIDO

beleza de Bolonha

ESTA JOVEM BONITA, que é Lara Baido, nasceu em Bolonha (Itália) num dia 13 e conta vinte aninhos.

Não é difícil ver que, com seus 1,72 de altura e 65 kg. de peso, mantém condignamente a tradição de suas vulcânicas patricias Loren, Pampa, Lolô, e outras.

Lara fez o seu teatro, esteve no "Leme" e agora é figura de proa no espetáculo do Teatro São Jorge, onde demonstra que é uma vetinha boa de verdade, completa mesmo, pois sabe dançar, cantar e representar de fazer inveja às coleguinhas.

Mas Lara tem seu xodó com o cinema. Trabalhou de extra em "De vento em pôpa", "De papo pro ar" e "Corda bamba". Depois, foi promovida a melhores papéis em "Sherlock de araque", "Além do Rio das Mortes" e "No mundo da Lua", os dois últimos ainda inéditos. E tem propostas para estrelar algumas produções em preparo. Como se vê, o seu cartaz está subindo. Basta dizer que o olho clínico de Carlos Machado já anda querendo transportar a sua loura presença para um de seus "shows".

Lara acha que ser atriz é a melhor coisa do mundo, apesar de temer as decepções naturais da carreira. Adora ser aplaudida e vibrou quando, há pouco tempo, fez vir abaixo o Teatro do SESI, em Niterói, com sua atuação realmente espetacular.

Vamos ficar torcendo para que os srs. produtores de filmes continuem a dar melhores chances a Lara, para que todo o Brasil possa conhecer, de ponta a ponta, e em "moto", esta paisagenzinha humana que anda complicando o trânsito aqui na capital e que a RS apresenta aos leitores.



A CAPA



Ciriilo Júnior

TRAPÉZIO

OSÓRIO NUNES

PANORAMA

PROSSEGUIRAM EH RITMO LENTO, os entendimentos entre o Governo e a UDN, sob a legenda de "união dos partidos do centro". Os entendimentos foram bastante avançados. Duas dificuldades principais afastam, ainda, a Oposição do caminho do Catete: certa cerimônia, bem compreensível, em quem sempre impugnou a legitimidade da eleição e tentou impedir a posse do atual Presidente; os confusos acordos estaduais com vistas às eleições de 3 de outubro próximo. Em estados-chave, como a Bahia (chave, inclusive, para a sorte política do senador Juraci Magalhães, presidente da União Democrática Nacional), as torturas do parto laborioso das candidaturas a um pleito que se vai travar dentro de dois meses, se arrastam entre crises, renúncias e decepções. O sr. Antônio Balbino (dextro bailarino da política baiana), achou mais prudente resignar à presidência do PSD regional, para melhor atuar, como livre atirador, contra a pretensão do deputado Vieira de Melo ao Palácio da Aclamação. Ainda existe, sobre o "acôrdo centrista", o contrapêso dos que acham que a UDN se encontra em fase de exaustão política e desprestígio eleitoral. Para esses, não adianta negociar com a UDN.

MAS A SITUAÇÃO INTERNACIONAL, o momento interno e o afastamento do senhor J. M. Alkmim, são favoráveis a uma participação da UDN no atual governo. Governar com a UDN é o desejo repetido dos sucessivos Presidentes, desde o sr. Getúlio Vargas até, agora, o sr. Juscelino Kubitschek. O sr. Alkmim, cioso do poder que conquistou nas árduas batalhas de novembro, não queria partilhá-lo com nenhum dos encarniçados adversários da véspera. Cada qual na sua posição, pensava. Além do mais, o entendimento com a UDN mineira, faria surgir o nome do sr. Magalhães Pinto, banqueiro e presidente da seção regional, que seria naturalmente candidato ao Ministério da Fazenda. Os temores do amigo de confiança do sr. Juscelino Kubitschek se confirmaram, quando este não hesitou em jantar-lhe a cabeça na residência do mais encarniçado adversário de sua política financeira. O sr. Juscelino Kubitschek deseja a participação. Mas não tem porque se entregar sem compromisso formal de parte da Oposição. Nada de participação semi-clandestina, como das vezes anteriores, mediante a concessão de Ministérios a udenistas, que se abraçavam ao Governo, enquanto a UDN fechava o olho, para não ver o ultraje...

Mesmo porque existe o PTB ansioso de firmar e ampliar posições, — entre os grandes partidos, o único com liderança firme e claros caminhos no rumo do domínio do Senado, da maioria dos governos estaduais — e, logo adiante, da Presidência da República.

A REELEIÇÃO DE JUSCELINO seria o mais alto preço pago pela U.D.N. para integrar o poder. Eis um problema de difícil colocação para as bases udenistas. Na verdade, o udenista típico, mal suporta a presença do sr. JK. no Catete. Admitir a idéia de ver multiplicado por dois o seu suplício — eis um sacrifício que os votantes udenistas não querem ter e que não desejam pedir, de modo algum, ao sr. Juscelino Kubitschek.

Consideram que cinco anos é martírio demais para ambos. Afinal de contas, Martirios é o Palácio do Governo em Alagoas. Não é no Rio de Janeiro nem em Brasília, — onde o sr. Ciriilo Júnior deseja que JK assista alvorada por mais um lustro...

POIS E' VISIVEL QUE O MINISTRO da Justiça está fazendo uma sondagem autorizada. Quando diz que um obscuro deputado de São Paulo, neste fim de legislatura, vai apresentar projeto derogando as incompatibilidades para reeleição, não joga sozinho. Já apalpou o meio político. A nação está mal dormida ou indiferente — e é inegável que o sr. Ciriilo Júnior tem coragem, haja vista suas declarações sobre a liberdade do rádio.

O sr. JK (por que não?) bem gostaria de ser Presidente a vida toda ou pelo maior espaço de tempo possível. Energia não lhe falta e apetite para o poder, esse nunca lhe falhou. O sr. Ciriilo Júnior iniciou uma grande jogada. Para tornar atuante, pela primeira vez, nos últimos anos, o Ministério da Justiça, também dito dos Negócios Interiores. Até o momento, a idéia encontrou fraca reação. Quem estiver contra, que se apresente, em tempo. E' por isso que o sr. Ademar de Barros ficou com medo da crise no Oriente Médio. Acha que uma guerra é sempre motivo para adiar eleições, afastar candidaturas, tumultuar o regime. ...

O P.T.B. E O P.S.P. não embarcariam na reeleição de J.K.. Os dois chefes populistas, que os comandam, não pretendem deixar passar a oportunidade de 1960 para subir ao Catete. Especialmente o sr. Ademar de Barros (no dizer do sr. Carlos Lacerda, é um demagogo que está saindo da moda). O sr. João Goulart ainda pode esperar um pouco mais, dependendo das circunstâncias. Na área do PSD, o sr. JK só encontraria resistência possível, na posição natural do sr. Bias Fortes. Mas o governador mineiro, depois de tanto se insurgir contra a ditadura do Banco do Brasil sobre "a Federação", está, agora, procurando fortificar, partidária e politicamente, pela sujeição da Oposição, esse próprio Poder Central de que o Banco do Brasil é mero agente pagador.

TRATA JK DE SUA RECONDUÇÃO E TRATA O MUNDO DE NAO BRIGAR NO ORIENTE MÉDIO. O sr. JK, sabe-se, é um homem de grandes matinas e, sem dúvida, o êxito de sua vida pública, está na antecipação com que toma as posições. Desde já, cuida de sua saúde em 1961. Para começar, aí está com a "Operação Pan-Americana", de que deu um pequeno "show" para os legisladores dos países estrangeiros reunidos na Conferência Interparlamentar. Por via da "Operação", o nosso galhardo Presidente vai querer parar bem em cima do barril de petróleo (inflamado) do Oriente Médio. A Mesopotâmia parece que vai ter conserto (provisório). Ninguém quer ter a responsabilidade de soltar o primeiro foguete. Muito desafôro e pouca pólvora. O que é preferível. Mas a "Operação Pan-Americana", ah! esta, sim, é comprida, desde o nome até aquilo que lhe cabe, no Continente. O sr. Juscelino Kubitschek vai ter trabalho para a vida toda. E mesmo depois de ir definitivamente ao encontro do Barão do Rio Branco, ainda terá motivo para continuar operando...



Ademar de Barros



Vieira de Melo



Magalhães Barata



Lucas Lopes

FIGURAS, ENSAIOS E FUNÇÕES

★ O deputado Carlos Lacerda, (em entrevista que me concedeu há dois meses), dizia que as metas do sr. Juscelino Kubitschek ultrapassam 1961, fim de seu mandato.

★ Aliás, o líder udenista está em crise de desencanto com a vida política. Nem sequer tomou providências para concorrer novamente à deputação pelo Distrito Federal.

★ E' muito provável (quase certo) que Lacerda se candidate. Fora da Câmara, acham amigos e correligionários seus, o diretor da "Tribuna da Imprensa", sem imunidades parlamentares, corre sério perigo. Até agora, Lacerda está desprezando esse perigo.

★ Com a nova redução drástica de despesas do Governo federal (segundo Plano de Economia em um só ano orçamentário), o sr. Lucas Lopes toma uma das providências reclamadas pelas autoridades monetárias internacionais para consertar as finanças do Brasil e para que este faça jús a empréstimos.

★ Até Brasília será atingida com o corte. O Ministério da Viação perdeu mais cinco bilhões de cruzeiros, de preferência em obras rodoviárias. Diz o Ministro Lucas Lopes que as metas serão atrasadas. Somente de dois meses.

★ Por esses e outros motivos, o senador João Villasboas (UDN matogrossense), apesar de ser do Centro Oeste, não está muito entusiasmado com a mudança rápida da capital do país para Brasília. "Não há tempo de concluir as obras até 1960". Como os aspirantes ao Catete em 1961 — Brasília pode esperar um pouco mais...

★ Esperam-se alterações na direção de "Manchete", uma das publicações de maior receptividade no meio político, e noutros. Enquanto isso, "Visão" está procurando influir, de fato, na opinião brasileira. O almoço do "Homem de Visão" foi demonstrativo.

★ Também está crescendo assustadoramente o "Jornal do Brasil". Dona Brita, a nova rotativa, está fazendo muita força. Não há papel que chegue para o consumo da "Hoe", — a impressora que Manuel Ban-

deira batizou com aquele apelido, pois acha que é nome próprio para máquina e em invocação de Nascimento Brito.

★ Dentro da área da imprensa com influência política (desta vez, subterrânea): entrou em circulação e está sendo distribuído "Maquisard", jornal clandestino da Marinha de Guerra. Em seu primeiro número, cita o Eclesiastes e diz que "Há tempo de ouvir e há tempo de falar..." Chegou o tempo de falar. E como fala...

★ "Maquisard" apresenta uma série de denúncias contra oficiais de Marinha, denúncias que se dizem originárias de seus colegas de farda. Nem o Ministro Alves Câmara é poupado.

★ O sr. João Goulart encontra-se à espreita do completo desentendimento nas hostes do PSD da Bahia, quando não sobrar mais nenhum candidato pessedista. Nessa altura, o nome natural para o governo baiano, na eleição vindoura, é o sr. Rômulo de Almeida. Rômulo é o candidato de Jango, está com o PTB estadual reunido em torno de seu nome e foi Secretário das Finanças de Balbino. Para ser o franco favorito, só falta a quebra definitiva de entendimento entre o atual governador e o senador Juraci Magalhães. Juraci é um nome perigoso.

★ O sr. Arnon de Melo voltou confiante em sua eleição para o Senado. Foi a Alagoas, ouviu gente de todas as classes, sua casa era sede de uma romaria incessante do povaréu. O ex-governador deixou muitas raízes populares em Alagoas.

★ Na estação ferroviária, um grupo de funcionários públicos, na hora da partida do primeiro trem para Brasília, levando o grupo de mudança da capital: — Tomara que não volte...

★ O governador Magalhães Barata, do Pará, mandou fazer, no Rio, uma grande encomenda de cartazes com seu retrato, para difusão no interior do Estado. O general Barata é governador até 1961 e não concorre, por ora, a nenhum posto eletivo.

★ José Maria Ribeiro, a cujos esforços tanto se deve a nova agência do Banco da

Prefeitura no edifício Marquês do Herval, é candidato a deputado pelo Estado do Rio. Como bom fluminense de Niterói, trabalha no Distrito Federal, mas vive e faz política do outro lado da baía.

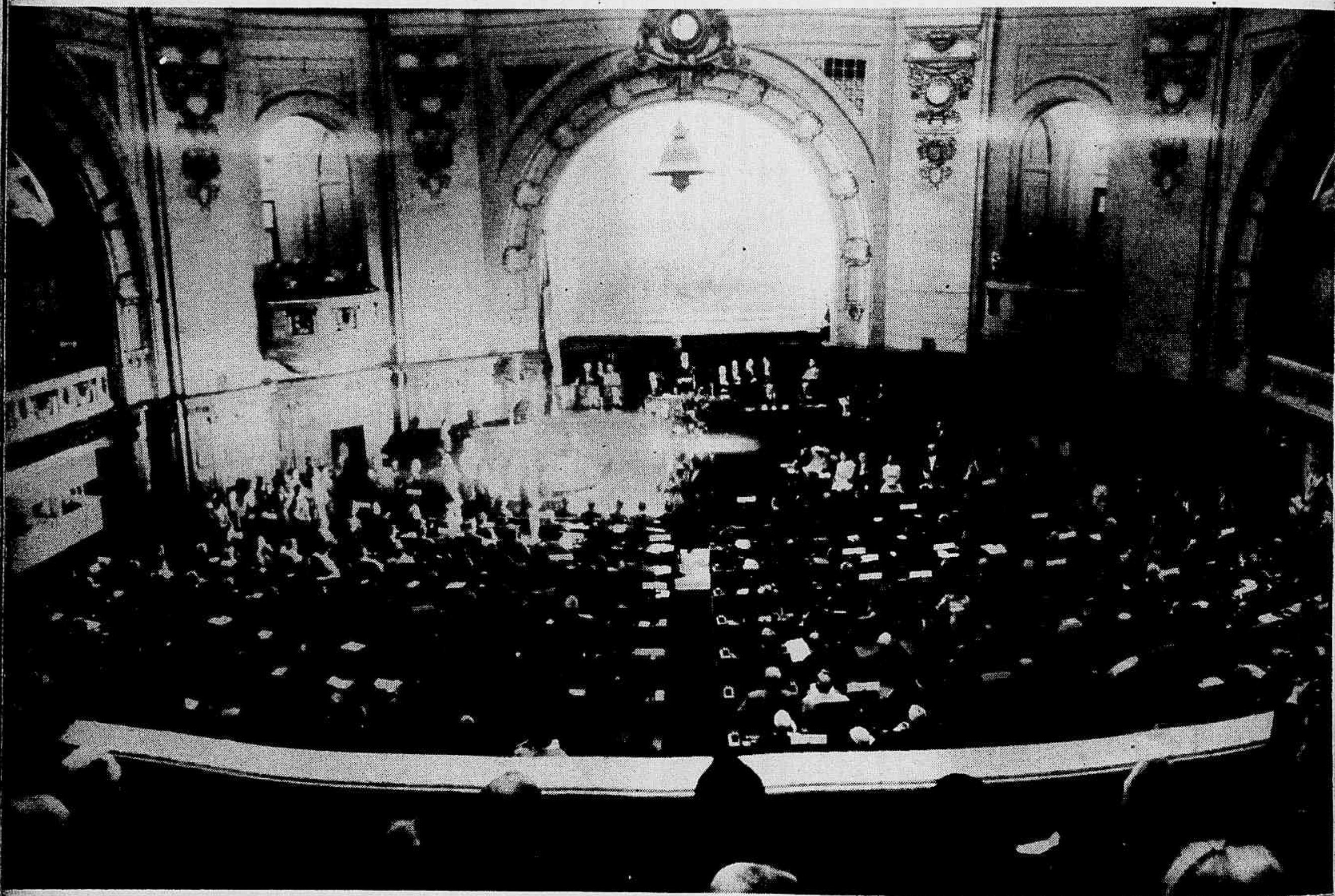
★ Heitor Grillo (um dos maiores Secretários de Agricultura que já passaram pela PDF, administração João Carlos Vital), apresentou, esta semana, o grande mercado particular que está sendo construído em Madureira, ao Prefeito Sá Freire Alvim. Grillo, fiel, atento, devotado servidor do Estado, só acredita, agora, na iniciativa particular para resolver satisfatoriamente o problema de abastecimento dos centros brasileiros.

★ E o Prefeito Sá Freire Alvim está suando para subir, a fim de melhor derrubar o Santo Antônio. O morro "derruba prefeito", que já pôs tanta gente boa no chão, está vendo se o novo alcaide tem peito mesmo. Se tiver (Alvim está atracado com o morro) o Santo Antonio tira o chapéu, (isto é, perde a coroa), e abre-lhe passagem...

★ Por amor de Allah, provem ao Ocidente os nossos bons propósitos — pediram os representantes do novo governo do Iraque aos britânicos, em Bagdá. Naturalmente, os britânicos não podem ter amor a Allah, mas, por amor à civilização cristã e à própria pele, não deixaram de transmitir o recado. Ninguém acreditou que a República do Iraque nada tem a ver com Nasser, conforme proclamaram os seus arautos, depois do assassinato do rei Faisal. Mas todo finge que acredita ou que é provável que assim seja. Assim sendo, não há guerra. O que é um sinal de "Intelligence Service"...

★ Ao afastar-se da Carteira de Crédito Agrícola e Industrial do Banco do Brasil, Souza Naves foi interpelado por um repórter sobre as inovações introduzidas por ele na política dos financiamentos. Souza Naves, bem humorado, tirou a caneta do bolso e fez um cálculo: Em 1956 encontrei a Carteira com financiamentos totalizados em 22,8 bilhões de cruzeiros; Deixo-a, hoje, na casa dos 30,7 bilhões. Sobre os seus próximos planos, Souza Naves respondeu: Primeiro Senador, depois Governador. (PTB pelo Paraná).

PARLAMENTARES DO MUNDO MARCAM ENCONTRO NO RIO



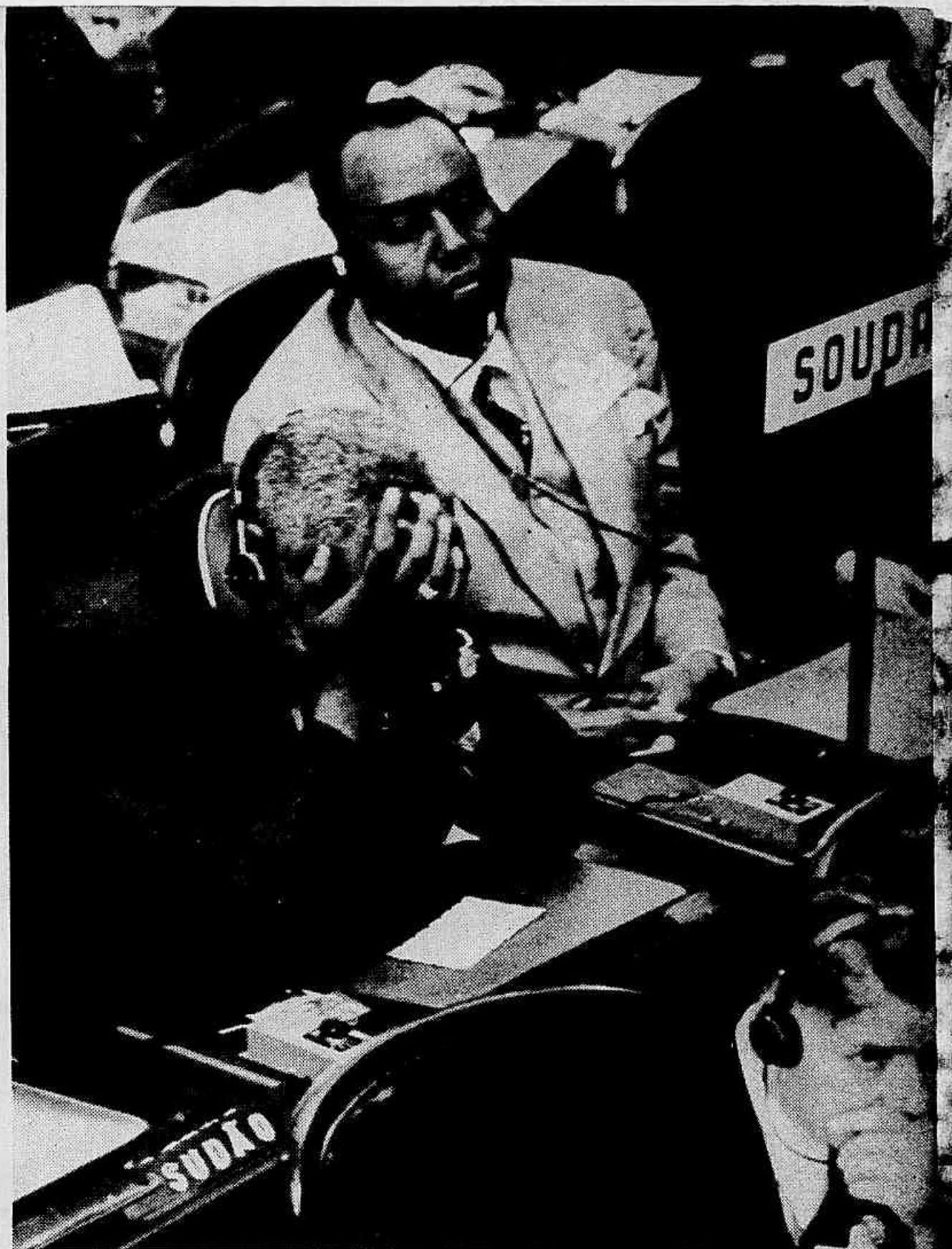
400 representantes de 47 países se encontraram, no Rio, para debater graves problemas de nosso mundo de hoje.

INAUGUROU-SE no dia 24 de julho a 47.^a Conferência da União Interparlamentar, onde representantes eleitos pelos povos dos mais diversos países do mundo se reúnem, no Rio, para discutir graves problemas de uma política de entendimento entre si. Temas como o do fortalecimento da paz, intercâmbios culturais, investimentos de capitais estrangeiros nos países subdesenvolvidos — uma série de questões de máxima importância no mundo de hoje que serão esplanadas, analisadas, discutidas pelos delegados de 47 nações, reunidos em nossa cidade.

Desde a véspera da inauguração, nos mastros enfileirados diante das escadarias do Palácio Tiradentes, local da Conferência, via-se o colorido tremular das bandeiras dos 47 países que a

ela participam. Lá estão, desde o pavilhão de remotos países da Ásia e da Oceania, e de pequenas repúblicas da América Central, as conhecidas bandeiras das grandes potências — Estados Unidos, Rússia, França, Inglaterra, bem como às do Brasil e seus vizinhos latinos; do Canadá à hoje focalizadíssima República Árabe Unida. E aquela mesma curiosa e bela confraternização se via, na manhã do dia 24, no recinto da Câmara, com a presença dos 400 delegados de nações das mais diversas raças, costumes e credos — religiosos e políticos.

Não só os exteriores da Câmara dos Deputados foram engalanados para a Conferência. Também no interior do Palácio, as modificações saltavam aos olhos: as paredes apareciam rebrilhan-



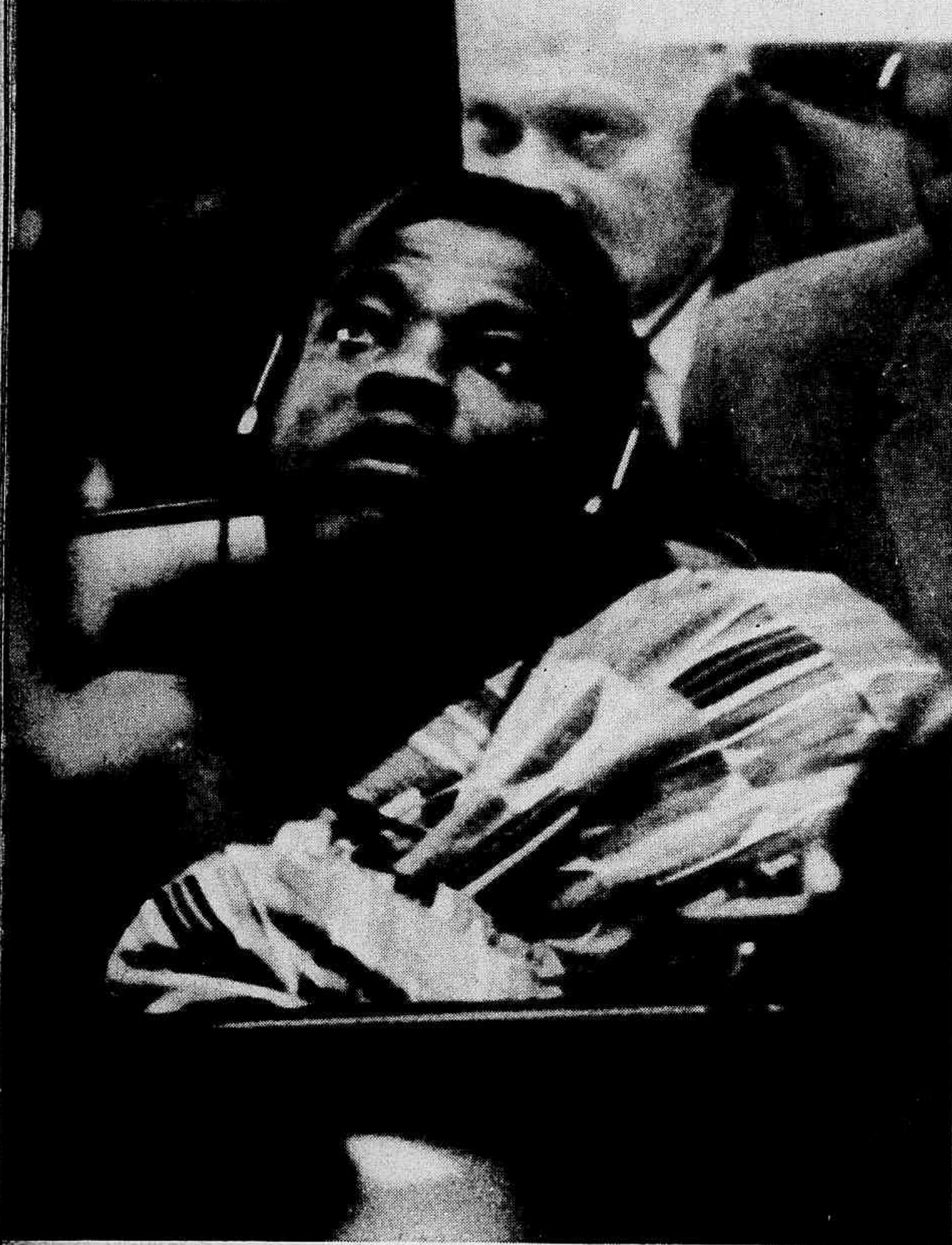
Países dos mais diversos credos políticos se irmanaram no plenário do Palácio Tiradentes. Principal questão abordada: a paz.

Nações longínquas, como o Sudão, mandaram seus delegados para a 47.^a Conferência Interparlamentar.

Um dos representantes dos Estados Unidos ouve, com a máxima atenção, a tradução de um discurso, na seção inaugural da Conferência.



CEYLA GH

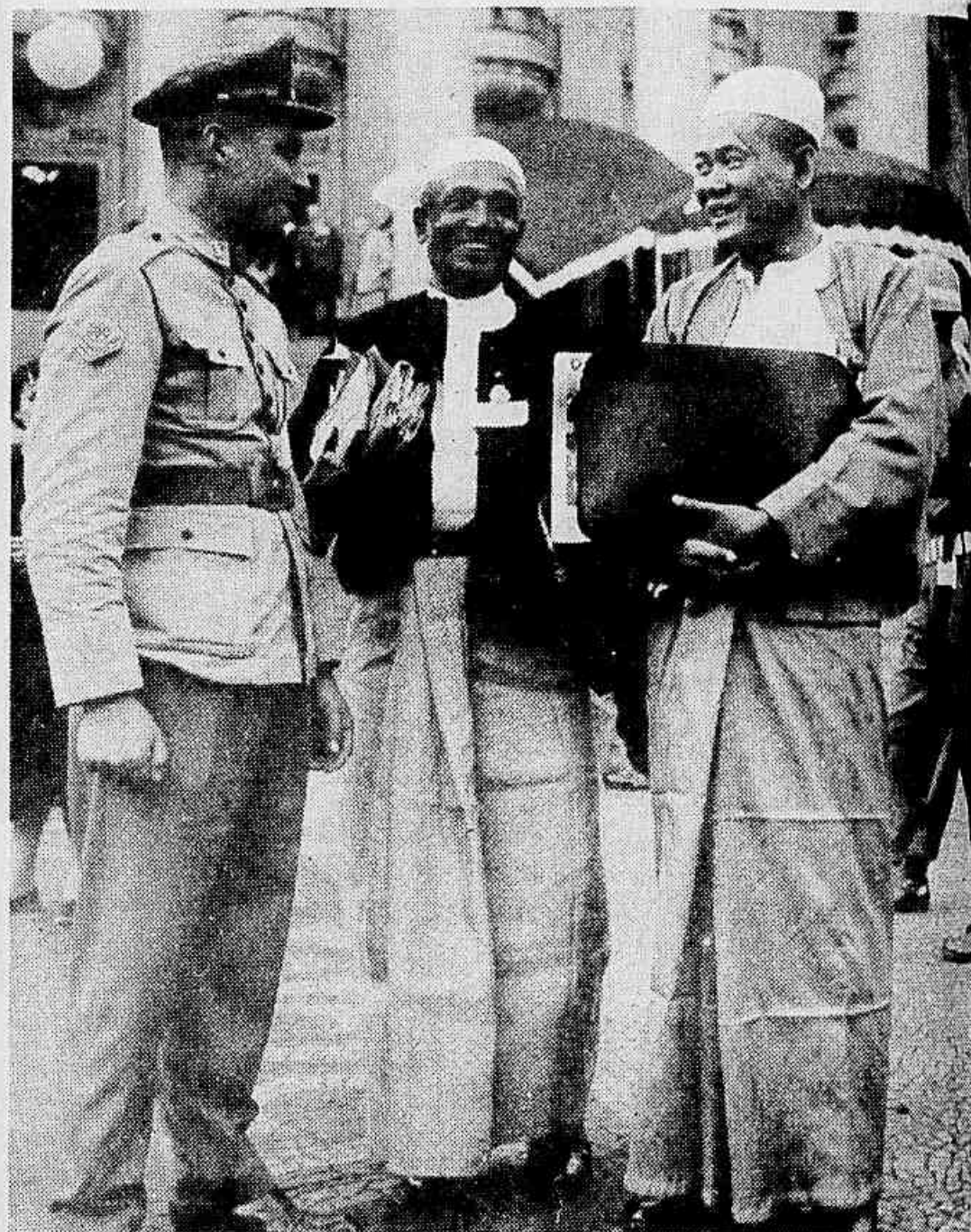


Ao lado dos trajes ocidentais, a visão colorida das vestes dos africanos.

Ali estavam, lado a lado, delegados
representantes de onze países ditatoriais,
de quatro povos negros,
de raças amarelas e brancas.

PARLAMENTARES DO MUNDO

A entrada do Palácio da Câmara um soldado presta, em inglês, informações a dois representantes da Birmânia.



Sensação da conferência: os altos e musculosos pretos de Ghana, com suas vestimentas exóticas, sobraçando pastas de couro.



MARCAM ENCONTRO NO RIO

O Presidente Kubitschek fez o discurso inaugural. E falou no papel da América Latina no mundo — “depositária de um vasto patrimônio material, demográfico e cultural que importa utilizar em benefício da humanidade.”



tes, os bustos espelhavam — tudo fôra retocado para receber con- dignamente os delegados internacionais.

Desde o dia da cerimônia da inauguração, tivemos, ali, um cenário pitoresco. Misturada aos trajes ocidentais dos latinos, dos nórdicos, dos saxões, dos ingleses — encontrávamos a visão colorida das vestes dos delegados indus e africanos, os aventais e as toucas brancas dos birmaneses, os curiosos queques de feltro preto dos representantes da Indonésia (chefiados por uma mulher), os belos uniformes dos filipinos. Cenário pitoresco não só pelos trajes exóticos, pela surpreendente mistura de raças, bem como pela presença dos 150 repórteres e fotógrafos acreditados à Conferência, pelas jovens que circulavam a distribuir refrigerantes, do mesmo modo que, lá fora, circulavam soldados políglotas, com suas indicações na manga, para os conferencistas, das línguas que traduziam...

CONFRATERNIZAÇÃO DE RAÇAS

Ali estavam, lado a lado — delegados representantes de onze países ditatoriais, de quatro povos negros, de raças amarelas e brancas — uma heterogênea (diríamos mesmo estapafúrdia) multidão que, desde a manhã do dia 24 não só lotava as cadeiras do plenário, mas se escoava para as tribunas laterais do térreo do Palácio. Era sua procedência identificada através dos pequenos cartazes brancos, sobre as bancadas, onde se viam, também, os fonezinhos aparelhados para traduzir, simultaneamente, em várias línguas, o que seria dito na tribuna pelos oradores.

Lá estavam os americanos que, durante toda a sequência da Conferência tomariam judiciosamente suas notas, do mesmo modo que os russos, que acompanhariam, muito compenetrados, os debates, e que tentariam reabrir a questão de ordem já proposta e derrotada, visando incluir o debate da crise do Oriente Médio.

O DISCURSO DE KUBITSCHKE

Foi naquele cenário exótico, mas sem dúvida imponente, que deu entrada o presidente da República, às dez horas da manhã do dia 24, para o discurso inaugural. Entrou ele no plenário acompanhado do Ministro Negrão de Lima e outras autoridades, para dar início à Conferência.

Entre outras coisas, disse o Sr. Juscelino Kubitschek:

“E’ com particular satisfação que, em nome do governo, e do povo do Brasil, dirijo a minha saudação de boas-vindas aos delegados reunidos nesta cidade do Rio de Janeiro, para os trabalhos da 47.ª Conferência da União Interparlamentar. O acôrdo, em boa hora assinado entre a União Parlamentar e o grupo brasileiro, veio permitir que, pela primeira vez, na longa história desse organismo, se realizasse uma Conferência interparlamentar em terras sul-americanas.

Avulta, entre os temas da vossa ordem do dia, o que diz respeito ao fortalecimento da paz. Vossa ação terá expressivo valor para que se crie uma consciência universal do momento que vivemos e há de contribuir poderosamente para o ideal de um melhor convívio entre os povos”.

E depois de considerar as “dificuldades que a humanidade vem atravessando e que parecem extremas” transforma suas palavras de saudação “num apêlo veemente por um mais generoso entendimento entre os povos, numa exaltação à paz”:

“Neste século — acrescenta adiante — talvez o mais carregado de densidade dos tempos modernos e em que tudo se acelerou vertiginosamente, já conheceram as gerações duas grandes conflagrações, numerosos e impressionantes movimentos de desassossego”. E depois de falar na inquietante situação do mundo atual, e de fazer um veemente apêlo, “no sentido de uma mobilização em promover a mudança do estado de espírito que leva à guerra”, e de abordar outros pontos que serão debatidos durante o correr da Conferência, fala no papel da América Latina no mundo — “depositária de um vasto patrimônio material, demográfico e espiritual que importa utilizar em benefício da humanidade”, termina fazendo votos “para uma feliz continuação da obra da União Interparlamentar, cujo ideal universalista corresponde plenamente às aspirações dos povos amantes da paz”.

Terminadas as palavras do Sr. Juscelino Kubitschek, o sr. Ranieri Mazzilli, presidente eleito da Conferência, dá a palavra a Benjamin Cohen, que destacou os esforços da ONU, de que é representante, para propiciar facilidades ao desenvolvimento econômico de vários países, principalmente na América do Sul. Em seguida, foi iniciado o debate geral.

A DELEGAÇÃO BRASILEIRA

Entre os oradores brasileiros destacados para falar sobre vários temas e intervir no plenário, durante as diversas fases da Conferência, que se prolongou durante quatro dias — estão Prado Kelly e Lourenço Júnior (Liberdade de Imprensa e trocas intelectuais); Castilho Cabral e Carlos Lacerda (criação da polícia internacional e armas nucleares); Lutero Vargas e Herbert Levy (investimento de capitais estrangeiros nos países subdesenvolvidos), Afonso Arinos (desenvolvimento das instituições representativas nos territórios autônomos). Também este último foi escolhido, juntamente com o senador Gomes de Oliveira, para os debates gerais.

Na seção inaugural falaram entre outros, durante os debates, o sr. Henry Talle, dos Estados Unidos, que ressaltou os laços históricos entre o seu país e as nações latino-americanas (pois todas haviam sido colônias de potências do velho mundo), e abordou o problema da liberdade de imprensa como excelente veículo para um bom e livre curso de informações entre os países. E depois do representante do Viet-Nam, que abordou problemas dos povos da Ásia; e da Austrália, que exaltou o amor de seu país pela paz e sua desambição territorial; e de serem debatidas pelas delegações de várias nações uma série de questões sobre polícia internacional, barreiras alfandegárias, questões de desarmamento, a situação em pauta no Oriente Médio, faz o sr. Volkov, da Rússia, a apologia da paz, responsabilizando Estados Unidos e Inglaterra pela ameaça de uma guerra catastrófica, tendo em vista as condições em que se encontram as armas atuais. E falou de uma solução conciliadora: que os Parlamentos assumissem as responsabilidades que lhes infundiam.

No mesmo dia foi oferecida pelo Sr. Kubitschek uma recepção no Palácio das Laranjeiras, às delegações da Conferência Interparlamentar. Nessa recepção, temos a destacar a pal. a mantida entre o chefe da delegação da Rússia e o Presidente do Brasil, onde foi abordada, com simpatia, por Kubitschek, a questão de reatamento das relações entre os dois países, proposta por Volkov.

AS LIGAÇÕES PERIGOSAS

DINAH SILVEIRA
DE QUEIROZ

A SENHORA COSTUMAVA invejar sua cozinheira, ser submisso, de pele amarelada e baça, olhos postos sempre no chão e um interesse notável por essa desprezada arte de cozinhar. Mas não era pela sabedoria dos temperos e dos molhos que a patroa tinha ciúmes da criada. Em todas as suas relações, aquela era a única que falava ao marido de cima para baixo. Depois do jantar, uma tímida voz masculina inquiria pela empregada. E ela retomava imediatamente o aspecto destemido, engrossava a fala, talvez até pusesse sangue naquele rosto amarelento, e dizia com este gôsto especial de se ferir orgulho de homem:

— “Você já começou a chocar muito cedo, hoje. Fica aí em baixo, o olho pendurado na janela do apartamento, e eu nem tenho mão para enxugar as panelas. Que sujeito mais avexado!”

Terminada a limpeza, a cozinheira se requintava na espera de seu marido atento e obrigado. Ficava banzando, toda satisfeita de ter um ser humano escravizado, e à sua espera. Chegava até ao ponto de, mal o telefone tocasse a segunda vez, dizer com voz de comando:

— “Vai andando. Vai, que eu hoje não durmo em casa!”

Aquela espécie de sufragismo culinário incendiava a cabeça da patroa, que era um desses cordeiros femininos sem nenhum jeito para a rebelião. O tempo foi passando, o marido da cozinheira parecia cada vez mais amoroso e dedicado, quando uma noite não apareceu no emprêgo da mulher. A cozinheira achou que não ficava bem à sua dignidade inquirir por ele nos dois primeiros dias:

— “Não adianta correr atrás. Marido — a gente trata é sem ligar muito!”

Mas mesmo um mínimo de atenção faria com que, ao quinto dia do desaparecimento, a cozinheira se inquietasse. Telefonou para a senhoria, e ela não sabia dar notícias: o homem havia desaparecido mesmo. A criada estava quase deixando a coisa neste ponto, quando a própria patroa lembrou:

— “Eu, se fôsse você, ia à Polícia e dava queixa. Marido tratado assim não arrepia carreira desse modo”.

A empregada foi, e só duas semanas mais tarde é que a Polícia mandou chamá-la. O Comissário, com muito jeito, foi dando informações requeridas:

— “Minha senhora, seu marido foi vítima de um bárbaro crime”.

— “Alguma mulher, seu Comissário?”

— “Não, senhora. Rivalidade entre carpinteiros. Ele tinha uma oficina, não é? Nós pegamos o sócio, o homem já deu todo o serviço. Prepare-se para um duro golpe. O crime foi horroroso! Ele esquartejou seu marido, serrou os membros, colocou numa caixa de madeira, soltou lá de cima do morro, e a caixa afundou

no lamaçal... Faz quatorze dias que os restos mortais de seu marido estão na geladeira do necrotério, à espera de quem os vá reclamar”.

— “Bem, se não foi por causa de mulher, então eu vou enterrar o pobre. Coitado! Deu muito trabalho, mas a gente tem que ter caridade, não é, seu Comissário?”

Aquela viúva de coragem esquisita contou tudo à patroa. E disse mais:

— “Agora, eu queria que a senhora telefonasse p’ro necrotério” — deu o número que o Comissário escrevera — “para que eles me entreguem o finado. A senhora faz o favor, tenha bastante energia, porque eu ouvi dizer que os médicos e estudantes fazem toda política p’ra ficar com os defuntos. É bom reclamar, e reclamar bem firme, porque já deve ter alguém cobiçando o desgraçado do meu defunto”.

A patroa olhou o número e discou. Atendeu uma voz de mulher.

— “Minha senhora, eu estou telefonando para avisar que a minha empregada vai mandar o rabeção da Santa Casa recolher o defunto que está na geladeira há quatorze dias”.

— “O quê?”

— “É o seguinte: o Comissário já deu instruções para que a viúva mande recolher o corpo do marido que está aí na geladeira...”

— “A senhora está louca?”

— “Louca, coisa nenhuma. Vê lá se vocês ainda vão negociar com os despojos do assassinado. Isso eu não permito. Vou até o Chefe de Polícia!”

— “Deve haver algum equívoco”, disse a voz bem baixinho.

— “Equívoco? Que atrevimento! Mande entregar o defunto que está há quatorze dias na geladeira, pois foi o próprio Comissário de Polícia que me disse que ele estava aí. Se negar, eu vou aí com ele”.

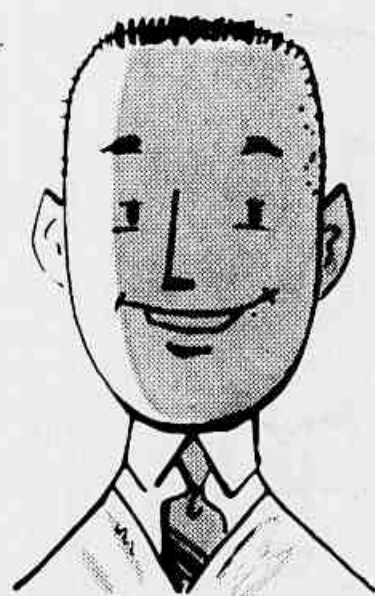
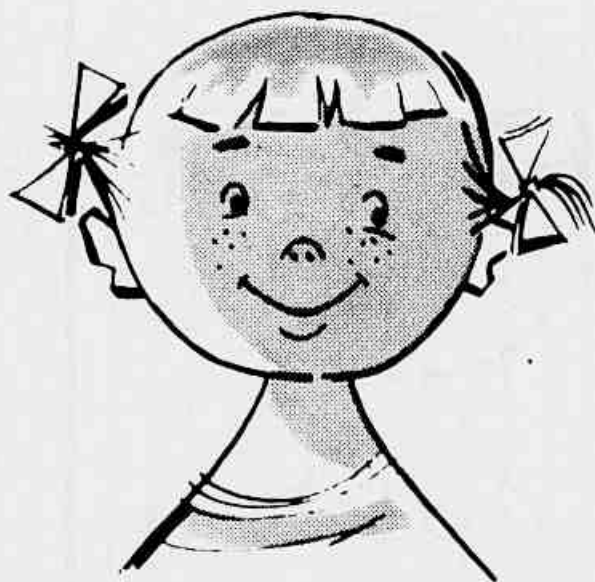
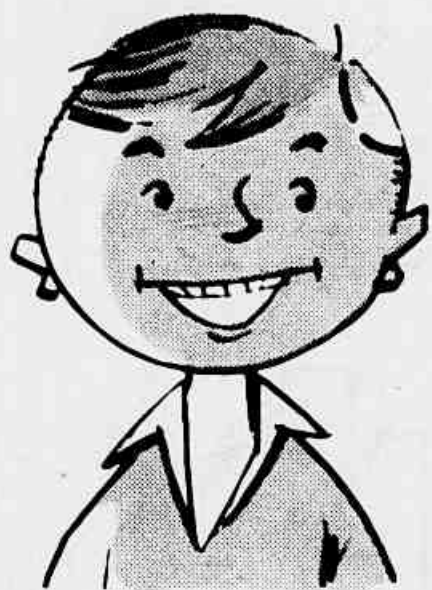
A voz sumiu, e depois voltou gaguejando:

— “Santo Deus! Como é que pode ter defunto na geladeira, se não cabe?”

— “Não me interessa que a geladeira seja grande ou pequena. O Comissário disse que o corpo foi todo serrado. E, naturalmente por isso, coube aí na geladeira, ora essa!”

Nesta altura da conversa, houve aquele grito terrorífico de fita de cinema, da mocinha que é pegada pelo bandido. A senhora não atinava com aquele súbito ataque de histerismo da funcionária. Mas depois, um raio de luz atravessou a sua consciência:

— “Quem sabe se eu não liguei errado?”



O público que aprecia rádio e televisão



- não importa a idade, gosto e tendências -



para se entreter, informar ou instruir

TV
RECORD
CANAL 7

PRA5
RÁDIO
SÃO PAULO

PRH7
RÁDIO
PANAMERICANA

PRB9
RÁDIO
RECORD

**encontra nas UNIDAS
— o melhor!**

Uma pequena lição

EU SEI TUDO



TU SABES TUDO



ÊLE SABE TUDO



NÓS SABEMOS TUDO



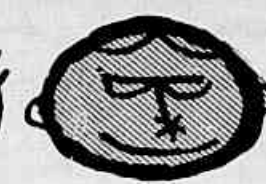
VÓS SABEIS TUDO



ÊLES SABEM TUDO



TODOS SABEM:



EU SEI TUDO

a revista que

TUDO SABE · TUDO CONTA · TUDO EXPLICA

REDAÇÃO: RUA VISCONDE DE MARANGUAPE, 15 — RIO